



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE
CAMPUS IV – MAMANGUAPE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

LIDUÍNA MARIA DO CARMO

**LITERATURA DE CORDEL E O EMPODERAMENTO FEMININO: UMA PROPOSTA
PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA**

MAMANGUAPE

2021

LIDUÍNA MARIA DO CARMO

LITERATURA DE CORDEL E O EMPODERAMENTO FEMININO: UMA PROPOSTA
PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras
(PROFLETRAS) da Universidade Federal
da Paraíba (UFPB), como requisito para
obtenção do título de mestre em Letras.
Área de concentração: Literatura brasileira.

Orientadora: Prof.^a Dra. Moama Lorena
Lacerda Marques

MAMANGUAPE

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C287l Carmo, Liduína Maria do.

Literatura de cordel e o empoderamento feminino: uma proposta para o letramento literário em sala de aula / Liduína Maria do Carmo. - João Pessoa, 2021.
121 f. : il.

Orientação: Moama Lacerda Marques.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/mamanguape.

1. Letramento literário. 2. Literatura de cordel. 3. Empoderamento feminino. I. Marques, Moama Lacerda. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82-1/-9

LIDUÍNA MARIA DO CARMO

LITERATURA DE CORDEL E O EMPODERAMENTO FEMININO: UMA PROPOSTA
PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras
(PROFLETRAS) da Universidade Federal
da Paraíba (UFPB), como requisito para
obtenção do título de mestre em Letras.
Área de concentração: Literatura brasileira.

Aprovado em: 25 /02 /2021.

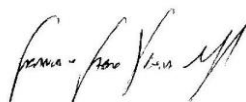
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Moama Lacerda Marques
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof.^a Dra. Luciane Alves Santos
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof. Dr. Francisco Fábio Vieira Marcolino
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Aos meus pais (*in memoriam*), que são a razão da minha luta e dedicação aos estudos. Aos meus irmãos e irmãs, que sempre me apoiaram.

A Márcio Paiva, meu companheiro, que muito me incentivou neste mestrado.

Ao meu filho Rodrigo, pela paciência nas ausências maternas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu Deus, por me permitir a realização dessa conquista em minha vida, e à Mãe Maria Santíssima, pelo seu amor e por sua intercessão.

Aos meus pais, Osmandina e Manoel, que, em vida, foram os primeiros influenciadores de minha jornada acadêmica.

Aos meus irmãos e às minhas irmãs, que sempre me apoiaram nesta caminhada.

Ao meu filho amado Rodrigo, que me deu apoio incondicional para esta realização.

Ao meu companheiro, Márcio Paiva, que amenizou as cansativas viagens e os períodos de estudo, com seu apoio.

Aos professores e às professoras do Profletras de Mamanguape e de Fortaleza, que acreditaram no meu potencial; em especial, à minha querida orientadora Moama Marques.

Aos colegas e às colegas da turma 6, pelos incentivos e pelas forças que me deram nos momentos de desânimo.

Aos meus amigos e às minhas amigas, que acreditaram e torceram por mim.

Aos professores e às professoras, diretoras, coordenadores(as), funcionários(as) e alunos(as) das escolas nas quais leciono, pela grande força e energia positiva dedicadas à realização dos meus estudos.

À cordelista Ivonete Moraes e às(aos) demais cordelistas que contribuíram com este estudo.

Ao presidente Lula e à presidenta Dilma, pois acreditaram que o Profletras seria um dos meios que contribuiriam para a capacitação de professores(as) de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e, conseqüentemente, para a melhoria da qualidade do ensino do nosso País.

À Universidade Federal da Paraíba, em especial ao Campus de Mamanguape, pela oportunidade e suporte para a concretização desse mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos.

Enfim, a todos e a todas que, mesmo não mencionados aqui, me ajudaram direta ou indiretamente, motivando-me a continuar a caminhada.

Este trabalho se propõe
De maneira especial
Contemplar os alunos
Do ensino fundamental
Sobre o tema: FEMININO
Estimulando um ensino
Com suporte bem natural.

Literatura de Cordel
Será Metodologia
Oral e também escrita
Cada verso, será o guia
Dando oportunidade
Socializar na verdade
Com êxito, também harmonia

(Ivonete Moraes, poesia inédita)

RESUMO

O presente trabalho é uma proposta de prática pedagógica que tem por objetivo geral contribuir para a promoção do letramento literário em uma turma do 7º ano do ensino fundamental de uma escola municipal na cidade de Fortaleza, a partir do estudo da literatura de cordel de autoria feminina. A proposta também busca auxiliar na formação crítica dos(as) alunos(as), propiciando-lhes condições de expressão de suas subjetividades e dos seus posicionamentos sobre o tema empoderamento feminino, por meio tanto da oralidade quanto da escrita. Este tema surgiu de questionamentos feitos pelos(as) próprios(as) alunos(as) acerca da situação da mulher em nossa sociedade a partir de uma discussão na sala de aula sobre a Lei Maria da Penha, iniciada pela leitura de um cordel. Motivados por essa experiência, propusemos a leitura de cordéis produzidos pela cordelista cearense Ivonete Moraes que versam sobre as lutas e os direitos das mulheres. Essa proposta está pautada numa sequência didática expandida, metodologia sistematizada por Cosson (2007) na obra *Letramento literário*, e tem como suporte teórico principal Candido (2004), com *O direito à literatura*, Marinho e Pinheiro (2012), com *O cordel no cotidiano escolar*, Maxado (2012), com a obra *O que é cordel na literatura popular*, Holanda e Rinaré (2009), com *Cordel criar, rimar e letrar*, Haurélio (2010), com *Breve história da literatura de cordel*, e Berth (2019), com *Empoderamento*. Além das atividades de leitura e interpretação, idealizamos a participação dos(as) discentes em um sarau literário que a escola promove todo ano, o que propicia a oportunidade de socializar a proposta com toda a comunidade escolar. Por fim, como parte integrante do nosso trabalho, também elaboramos um *Caderno de atividades* destinado a professores(as) interessados(as) na promoção do letramento literário a partir do cordel. Em termos de resultados, esperamos que este trabalho contribua para a formação de leitores(as) críticos(as), autônomos(as) e participativos(as).

Palavras-chave: Letramento literário. Literatura de cordel. Empoderamento. Autoria feminina. Sequência didática. Caderno de atividades.

ABSTRACT

The present work is a proposal of pedagogical practice that has as its general objective to contribute to the promotion of literary literacy in a class of the 7th grade of elementary school in a city school in the city of Fortaleza, from the study of the string literature of female authorship. The proposal also seeks to assist in the critical training of students, providing them with conditions to express their subjectivities and their positions on the theme of female empowerment, through both oral and written. This theme arose from questions asked by the students themselves about the situation of women in our society from a discussion in the classroom about the Maria da Penha Law, initiated by reading a string. Motivated by this experience, we proposed the reading of strings produced by the cearense cordelista Ivonete Moraes that deal with women's struggles and rights. This proposal is based on an expanded didactic sequence, a methodology systematized by Cosson (2007) in the work *Literary Literacy*, and has as main theoretical support Candido (2004), with *O right to Literature*, Marinho and Pinheiro (2012), with *O cordel in everyday life school*, Maxado (2012), with the work *O que é cordel in popular literature*, Holanda and Rinaré (2009), with *Cordel create, rhyme and literate*, Haurélio (2010), with *Brief history of cordel literature*, and Berth (2019), with *Empowerment*. In addition to reading and interpreting activities, we idealized the participation of students in a literary evening that the school promotes every year, which provides the opportunity to socialize the proposal with the entire school community. Finally, as an integral part of our work, we have also prepared an activity notebook for teachers interested in promoting literary literacy from the cordel. In terms of results, we hope that this work will contribute to the formation of critical, autonomous and participatory readers.

Keywords: Literary literacy. Cordel Literature. Empowerment. Female authorship. Sequence teaching. Activity book.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	LEITURA E LEITURA LITERÁRIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	14
2.1	Considerações iniciais sobre a leitura	14
2.2	O letramento e o letramento literário na escola.....	17
2.3	A base nacional comum curricular e o ensino de literatura nos anos finais do Ensino Fundamental	21
3	CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A LITERATURA DE CORDEL.....	24
3.1	Narrando a história da Literatura de Cordel	24
3.2	A literatura de cordel e a autoria feminina	28
3.3	O cordel de Ivonete Moraes e o empoderamento feminino	33
3.4	A literatura de cordel na sala de aula para a formação de leitores	40
4	VIVENCIANDO A PROPOSTA: A LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA ..	43
4.1	O cordel e as oficinas	43
4.2	Primeira oficina: A mulher que luta	45
4.3	Segunda oficina: A mulher que verseja.....	48
4.4	Terceira oficina: A mulher que subverte	50
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
	REFERÊNCIAS	56
	APÊNDICE – ATIVIDADE DIDÁTICA SOBRE O CORDEL <i>FLOR PRECISA DE CUIDADOS, MULHER MERECE RESPEITO</i>.....	59
	APÊNDICE – ATIVIDADE DIDÁTICA SOBRE O CORDEL <i>MULHERS EMPODERADAS: CONQUISTANDO SEUS ESPAÇOS E SEUS DIREITOS</i>...	60
	ANEXO – COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LINGUAGEM PARA O ENSINO FUNDAMENTAL	61
	ANEXO – CORDÉIS DE ROSÁRIO PINTO E DE DALINHA CATUNDA UTILIZADOS EM NOSSA MEDIAÇÃO	62
	ANEXO – A LEI MARIA DA PENHA EM CORDEL	69
	ANEXO – CORDÉIS DE IVONETE MORAIS UTILIZADOS NAS OFICINAS ...	72
	ANEXO – REPORTAGEM UTILIZADA NA PRIMEIRA OFICINA.....	86
	ANEXO – COMO FAZER UM CORDEL (CARTAZES).....	89
	ANEXO – LETRAS DAS CANÇÕES UTILIZADAS NAS OFICINAS.....	91

1 INTRODUÇÃO

É fato que a leitura proporciona a melhoria das habilidades de escrita, de argumentação; além de possibilitar um enriquecimento do vocabulário, auxilia o(a) leitor(a) na sua forma de se expressar. É na escola, sobretudo, que poderíamos proporcionar aos(às) alunos(as) o aperfeiçoamento dessa capacidade. Mas, afinal, por que não costumamos ver esse interesse por parte deles(as)? Por que a escola não tem conseguido cumprir esse papel?

Na sociedade multiletrada em que esses(as) jovens estão inseridos(as), a prática da leitura está aquém de ter um lugar de destaque. Existem muitos fatores externos que favorecem isso, como o excesso de informações automáticas de muitos meios de comunicação de massa, as possibilidades de entretenimentos e produtos culturais audiovisuais consideradas mais atraentes e mais inéditas e a própria condição econômica e cultural das famílias.

Percebemos, na escola em que lecionamos, que são poucos os(as) adolescentes que se deixam seduzir pelas páginas dos livros, especialmente no que diz respeito a determinados gêneros literários, a exemplo da poesia, do romance, entre outros. Escutamos, também, muitos relatos de colegas professores(as) que reclamam das dificuldades que sentem em incentivar seus alunos e suas alunas a lerem, pelo menos, um livro no ano escolar.

Na verdade, a escola precisa repensar o modo de ensino no que se refere ao processo de aquisição e promoção da leitura. As práticas de leitura que vemos se resumem, muitas vezes, aos textos dos livros didáticos, em que, se, por um lado, há uma diversidade de gêneros, muitos aparecem fragmentados e são explorados de forma superficial, não costumando atender, minimamente, à expectativa dos(as) alunos(as). O que eles(as) fazem é simplesmente responder atividades e questionários já formulados, em que o(a) professor(a) é apenas um(a) corretor(a) das tarefas feitas. Infelizmente, são poucos os(as) docentes que vão além desses instrumentos de avaliação da leitura, não permitindo aos(às) discentes a fruição e o letramento.

O ensino da literatura no fundamental é praticamente inexistente nas escolas públicas do Brasil. O que temos é a disciplina de língua portuguesa, voltada mais para o ensino da gramática e menos para o incentivo à leitura. Os próprios textos que se encontram nos livros didáticos servem muito mais de pretexto para o ensino

da gramática do que para proporcionar, por exemplo, o prazer da leitura, o prazer do ler por ler. Os(as) educadores(as) bem que tentam indicar pelo menos uma obra “paradidática” para ser trabalhada ao longo do ano, mas os acervos das bibliotecas públicas não têm livros suficientes que possam comportar uma turma composta por uma média de 35 alunos e alunas por sala, além disso, a indicação para que comprem esse livro está fora da realidade financeira das suas famílias, sendo até proibida por parte da direção das escolas submissas ao órgão maior, que é a Secretaria de Educação.

A falta de leitura desses(as) alunos(as) no espaço escolar e fora dele reflete muito no desempenho de suas atividades pedagógicas e o que se tem é um resultado insatisfatório nas produções textuais. Partindo da constatação desse panorama, procuramos apresentar uma proposta de mediação com o objetivo de fomentar nesses(as) adolescentes o prazer pela leitura a partir do conceito de letramento literário sugerido por Rildo Cosson (2007) em sua obra *Letramento literário*, por meio da proposta de desenvolver nos(as) discentes as competências de leitura, escrita e oralidade. Para tanto, buscaremos na literatura de cordel um potencial didático para provocar esse interesse, através do acesso a produções do gênero.

A literatura de cordel permite contato com uma variedade de temas que podem muito bem ser discutidos em sala, por isso procuramos escolher um que muito tem aparecido nos meios de comunicação: a situação da mulher na sociedade, seus direitos e suas lutas; tema este que pode muito bem instigar importantes debates em sala de aula, tendo em vista que ela é, também, um espaço para formação de cidadãos. Para esse projeto de mediação literária a partir do cordel, selecionamos alguns da cordelista cearense Ivonete Moraes, que traz, em seus versos, as inquietações e lutas femininas, bem como o desejo de uma sociedade igualitária entre homens e mulheres.

A escolha pela literatura de cordel surgiu do próprio interesse dos(as) alunos(as), pois viram uma pequena amostra no livro didático, a partir da qual realizamos debates, além de ainda terem, também em sala, acesso a um cordel do escritor cearense Tião Simpatia que falava sobre a lei Maria da Penha; vinculando esses dois acontecimentos, surgiu a ideia de juntar esse gênero cordel com o tema do empoderamento da mulher que, na época, gerou muitas interrogações. E o fato de a escolha da literatura de cordel pertencer à literatura cearense se vincula à

necessidade de valorizar o que nossos escritores e nossas escritoras produzem, fazendo com que discentes e docentes descubram e apreciem suas obras.

De início, a proposta desse projeto se constituiria como uma pesquisa-ação intervencionista de natureza qualitativa, uma vez que esse tipo de pesquisa beneficia todos os participantes através de processos de autoconhecimento, principalmente quando enfoca a educação, pois possibilita a informação e auxilia nas transformações. Para Thiollent (2009, p. 16), pode-se definir a pesquisa-ação como:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativos.

A pesquisa-ação, diferentemente da pesquisa participativa, decorre por meio de um esboço científico, uma ação a ser explorada pelos membros da pesquisa. Ainda segundo Thiollent (2009, p. 18), “[...] com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.”

Sendo assim, espera-se que, após a realização de um trabalho utilizando-se a metodologia de pesquisa-ação, ocorram transformações de sentido, ressignificações do que fazemos ou pensamos, sendo de suma importância que haja tempo e espaço para que cada sujeito vá apreendendo as mudanças que se operam e adote a reflexão como prática cotidiana, pois a realidade modifica-se continuamente.

No entanto, como a proposta não poderia ser aplicada em razão do contexto da pandemia, esse trabalho será, a princípio, uma pesquisa de natureza bibliográfica, uma vez que consiste numa etapa inicial de reunir as informações e dados que servirão de base para a construção da investigação a partir do tema proposto, que é a literatura de cordel e o empoderamento feminino, como uma proposta para o letramento literário em sala de aula. Lakatos e Marconi (2010, p. 166) bem atestam a importância dessa categoria de pesquisa acadêmica quando declaram:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tomada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação oral: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

Partindo do pressuposto de não poder aplicar essa proposta de mediação em sala de aula, elaboramos um material didático direcionado aos(as) discentes, pensando na aplicação dessa proposta nos anos finais do fundamental. Lembramos, no entanto, que essa proposta foi elaborada para a turma do 7º ano e que pretendemos executá-la no momento oportuno. No entanto, é uma proposta adaptável também para os outros anos finais do fundamental, como bem mostra o *Caderno de atividades* (anexo).

Evidenciamos que nosso trabalho, cujo conteúdo é organizado nos três capítulos seguintes, se fundamentará na sequência expandida proposta por Cosson (2007) e direcionada para o ensino fundamental, por meio da qual o letramento literário é visto como um “[...] processo de apropriação da literatura enquanto construção literária dos sentidos.” (COSSON, 2007, p. 67).

No primeiro capítulo, abordaremos a leitura e o letramento literário nos anos finais do ensino fundamental, por meio de discussões sobre a importância da leitura em sala de aula e como a literatura pode contribuir para despertar no(a) aluno(a) o prazer pelo ato de ler. Também nos debruçaremos sobre a BNCC, a Base Nacional Comum Curricular, que orienta o ensino da língua portuguesa e, em especial, o ensino da literatura nas séries finais do fundamental.

No segundo capítulo, abordaremos a Literatura de cordel, suas origens, características e, principalmente, sua importância e a contribuição que ela pode oferecer para o incentivo à leitura, com suas peculiaridades e ênfase na oralidade. Trataremos também da diversidade de temas que esse tipo de literatura utiliza, sobretudo, do tema do empoderamento da mulher, central às atividades propostas.

No terceiro capítulo, explicaremos como organizamos as atividades de mediação em oficinas temáticas. Para elas, foram selecionados seis folhetos da cordelista cearense Ivonete Moraes que abordam lutas e direitos das mulheres. Nessas oficinas, o gênero Literatura de Cordel será apreciado a partir de temas que abordem a questão de gênero, os direitos da mulher e a luta pela conquista desses direitos. Além disso, serão trabalhados também, em cada oficina, outros gêneros, tais como poesia, canções e notícias, para darem suporte às atividades das oficinas, bem como faremos uso de material audiovisual, a saber, gravuras e vídeos. Ademais, planejamos uma visita da própria cordelista à escola.

2 LEITURA E LEITURA LITERÁRIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1 Considerações iniciais sobre a leitura

Leitura é a ação de ler algo. A palavra leitura vem do latim, que significa “eleição, escolha”. Lemos para lazer, para adquirir conhecimentos, para praticar ou fazer algo, lemos para aprimorar nossos horizontes e conhecimentos.

Considerando uma perspectiva ampla de leitura, suas concepções vão desde a leitura com foco no autor, em que é entendida como captação de ideias do autor sem levar em conta a experiência do leitor, até a leitura interacionista, em que os sujeitos autor e leitor interajam e, desse leitor, como afirmam Koch e Elias (2006, p. 13), “[...] espera-se que ele processe, critique, contradiga ou avalie a informação que tem diante de si, que a desfrute ou rechace, que dê sentido e significado ao que lê”. A nosso ver, sem dúvida, é essa concepção de leitura que a escola deve promover.

Nossos(as) alunos(as), especificamente em relação à leitura, usufruem de uma vasta possibilidade de acesso à informação. Isso não significa, porém, que sejam leitores habituais ou que consigam transpor satisfatoriamente a etapa de decodificação de palavras até chegar à construção de sentido do texto, compreendendo a riqueza das produções dentro dos mais variados contextos nos quais se expressam e a partir de diferentes formas de interação entre os sujeitos. A escola tem o papel de fazer com que estes(as) alunos(as) busquem, nas diversas formas de acesso a esses textos, o prazer em ler e a construção de sentidos, tendo como horizonte o letramento

A leitura na escola não pode ser vista como uma atividade sem importância, em que, muitas vezes, é realizada quando sobra um tempinho no final da aula, ou ainda como um pretexto para se chegar a outra atividade. Ela deve ser feita como uma atividade central da aula e da proposta pedagógica. É preciso que professores(as) do ensino fundamental apresentem aos(às) educandos(as) variados gêneros textuais, escritores e escritoras e suas respectivas obras, para que, em conjunto, professor(a) e aluno(a) apreciem e saboreiem o prazer da leitura dentro da sala de aula e, por extensão, fora dela também.

A atividade de leitura em sala de aula é aquela em que, juntos, professor(a) e aluno(a) apresentam suas ideias e impressões sobre o que leram e compartilham a

partir do seu conhecimento de mundo. A escola tem a função de criar condições e estratégias que permitam aos alunos e às alunas se apropriarem da leitura e, com base no contexto em que estão inseridos, se apropriem do texto, interpretem, percebam as intenções do(a) autor(a), vejam seu ponto de vista, debatam, discordem, questionem e ampliem as discussões.

Existem inúmeras possibilidades em permitir e oferecer aos(às) educandos(as) a capacidade de aprimorar a leitura, uma delas é a leitura em voz alta, que permite um preparo, uma motivação, um ensaio para expressar o texto e que ele possa ser compreendido pelos outros que estão escutando. Essa estratégia de leitura era, muitas vezes, mal interpretada pela escola, o(a) aluno(a) era obrigado(a) a ler rápido e sem tropeços para ser avaliado(a); na verdade, não passava de uma mera decodificação, pois mal compreendiam o que estavam lendo.

Podemos enumerar diversas possibilidades de mediação para a leitura que não, necessariamente, levem o(a) professor(a) apenas a avaliar a capacidade leitora por uma mera decodificação de palavras, mas que proporcionem aos(às) alunos(as) sentirem-se motivados(as) a participar dessas atividades, como os saraus literários, o teatro, as dramatizações, os repentes, o jogo dramático, dentre outros. Vale ressaltar, em meio a essas considerações, que nem toda atividade de leitura na escola precisa de uma produção de texto. Ler por ler é, e deve ser, uma atividade constante na sala de aula sem, necessariamente, após a leitura, ser realizada uma produção escrita, por exemplo. Trabalhar a fluência leitora deveria ser uma atividade primordial na sala de aula, pois permite aos(às) alunos(as) irem muito mais além.

Partindo desse pressuposto, o ensino da literatura teria uma enorme importância para incentivar os(as) alunos(as) a desenvolverem habilidades de leitura. Lembrando que o ensino da literatura vai além do que se ensina nas escolas, principalmente no ensino fundamental, com textos soltos e incompletos, que não incentivam, em quase nada, os(as) alunos(as) a conhecerem a obra e os(as) autores(as) desses textos. Para Zilberman (2009, p. 113),

Isso se passa, porque o texto só legitima sua presença em sala de aula quando se torna objeto de alguma atividade, sejam elas, gramaticais ou de interpretação, jamais as exclusivamente de leitura. Pois o modo como as disciplinas Comunicação e Expressão ou Língua Portuguesa concebem o texto, na origem, literário, é em primeira instância prático: ele precisa servir para algo, incorporando um conteúdo (de preferência aquele que o professor deseja ensinar na

ocasião) passível de ser avaliado num certo momento do percurso anual do estudante.

Nossos(as) estudantes, de fato, não têm uma ciência bem clara do que é a literatura, principalmente quando buscamos por explicações sobre ela surgidas ao longo da história da humanidade ou quando repetimos o conceito de que a literatura é a arte da palavra. Faz-se necessário discutir junto aos(às) nossos(as) alunos(as) a ideia de que a literatura agrega um caráter humanizador e de expressão da sensibilidade humana. Candido (2004, p. 174) chama de literatura

[...] de maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis de produção das grandes civilizações.

É com essa concepção ampla que os(as) educandos(as) precisam não só ler e ouvir literatura, mas sentir e vivenciar a experiência da leitura literária através do caráter artístico e social que faz dela uma necessidade no nosso cotidiano, uma necessidade em qualquer sociedade. Sobre isso, Candido (2004, p. 186) afirma:

Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual.

A escola é a principal agenciadora da leitura, devendo possibilitar ao(à) aluno(a) uma perspectiva de escolarização da literatura que não se mostre curricular, mas ofereça uma formação humanista e emancipadora dos sujeitos que fazem parte da comunidade escolar, contribuindo também para a formação de leitores.

Nesse sentido, a leitura literária precisa ser prioridade em sala de aula, através de metodologias que valorizem a relação aluno(a)-texto-professor(a) e que os(as) ajudem a descobrirem-se como um indivíduo que tem consciência dos aspectos de suas realidades, que tem capacidade de refletirem sobre ela e transformá-la. Como afirma Cosson (2007, p. 47),

As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura de obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer

essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários.

As práticas de sala de aula com o texto literário, conforme Cosson (2007) afirma no trecho acima, precisam trazer algo significativo para a vivência do(a) aluno(a) e tratar do comprometimento com o letramento literário de forma mais abrangente, contemplando o maior número possível de gêneros literários e de estratégias para garantir a formação leitora e humana.

Neste sentido, consideramos que o letramento literário, como outras formas de acesso à leitura e construção de habilidades leitoras, aumenta as habilidades cognitivas e o conhecimento, porém vai muito além dessa função, porque consiste numa prática social dentro da escola que visa à repercussão fora da escola, na vida do(a) aluno(a). Não pode ser confundido com o ato imposto de apenas ler um texto literário. O letramento literário relaciona-se ao que é aprendido em sala de aula, ocasionando a mudança de rumos da escolarização da literatura. Para Cosson (2007, p. 23):

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer esta escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização.

Portanto, é importante que a leitura literária assuma um lugar de destaque na aula de língua portuguesa, pois, através da literatura, podemos entender quem somos enquanto sujeitos de uma dada comunidade, podemos ressignificar os discursos socioculturais e dar sentido ao mundo por nós mesmos, aliando diferentes práticas artísticas e distintas formas de linguagem dentro da sequência de atividades que desenvolvemos com os(as) alunos(as), procurando sempre estimular o saber ativo deles(as).

2.2 O letramento e o letramento literário na escola

Letramento e alfabetização se relacionam e se complementam. A partir de 1990, por ocasião da Conferência Mundial de Educação para Todos, a alfabetização passa a ser vista como "[...] *instrumento* eficaz para a aprendizagem, para o acesso e para a elaboração da informação, para criação de novos conhecimentos e para a

participação na própria cultura e na cultura mundial nascente." (CONFERÊNCIA MUNDIAL DE EDUCAÇÃO PARA TODOS, 1990 *apud* MACIEL; LÚCIO, 2018, p. 14, grifo do autor). Ou seja, nessa concepção de alfabetização, está implícita a ideia de letramento.

O letramento vem sendo discutido nas últimas décadas como sendo as várias formas de leitura existentes na sociedade que ultrapassam o simples ato de decifração da linguagem para voltar-se às várias habilidades e competências diversificadas da linguagem. Segundo Soares (1998, p. 39), uma das maiores pesquisadoras no assunto, letramento é "[...] o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais."

Para Leite (2014, p. 24),

O termo letramento surgiu em nosso meio, na segunda metade dos anos 1980, no período em que se questionava duramente o chamado modelo tradicional de alfabetização e avançava-se na direção da compreensão da escrita como um sistema simbólico.

A partir daí, tem-se discutido muito sobre a diferença entre alfabetização e letramento. A alfabetização seria um processo de aprendizagem em que o(a) educando(a) entende o que é a leitura e a escrita. O(a) aluno(a) decodifica e compreende os dados recebidos, interpretando-os e utilizando-os de uma forma construtiva. Segundo Kramer (1986, p. 17), a alfabetização "[...] vai além do saber ler e escrever, inclui o objetivo de favorecer o desenvolvimento da compreensão e expressão da linguagem."

Como se pode perceber, a alfabetização não é um simples ato de decodificar, mas estimula a conhecer e compreender o que se está lendo ou escrevendo. Mesmo não usando o termo letramento, Freire (2011) já antecipa o que ele vem a ser, ao referir-se a algo mais do que apenas a decodificação de signos, quando nos lembra "[...] a alfabetização não é um jogo de palavras, é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos." O leitor, por meio do letramento literário, vai além do domínio do código oral e escrito, espera-se que ele reconheça as características e uso desses códigos e insira no seu conhecimento de mundo.

Freire (1975 *apud* GADOTTI, 2003, p. 56) afirma que "Não basta saber ler mecanicamente que 'Eva viu a uva'. É necessário compreender qual a posição que *Eva* ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e para quem

lucra com esse trabalho.” Isso nos alerta para o fato de que não basta simplesmente conhecer o código da escrita, mas ir além disso, é preciso que o(a) aluno(a) perceba em que situação ele(a) se encontra e suas possíveis condições de inserção na sociedade enquanto dominador(a) de uma língua falada e escrita.

Para isso, a concepção de letramento é mais ampla do que o conceito de alfabetização. Enquanto a alfabetização entende-se como um método para desenvolver o conhecimento da escrita e leitura, o letramento amplia o uso da leitura e da escrita nas práticas sociais.

Para Soares (1998, p. 22),

Só recentemente esse oposto tornou-se necessário, porque só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente – daí o recente surgimento do termo letramento (que, como já foi dito, vem-se tornando de uso corrente, em detrimento do termo alfabetismo).

Das múltiplas possibilidades de letramento na escola, temos o letramento literário, que, segundo Paulino (2004, p. 59), como outros tipos de letramentos, “[...] continua sendo uma apropriação pessoal de práticas de leitura escrita, que não reduzem a escola, embora passem por ela”. E acrescenta:

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem. (PAULINO, 2004, p. 56).

Em se tratando de letramento literário, o(a) aluno(a) deve ser estimulado(a) a não só a adquirir habilidades na leitura de gêneros literários, mas também, e necessariamente, a buscar uma ressignificação dos textos, partindo da motivação oferecida pelo professor(a).

Para se chegar a essa motivação e a uma melhor compreensão e assimilação dos textos literários, Rildo Cosson (2007) nos apresenta estratégias para desenvolver o letramento literário na escola. Para o autor, “[...] as práticas de leitura em sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura de obras.” (COSSON, 2007, p. 47). Cabe ao(à) professor(a) incentivar

e instigar o senso crítico do(a) aluno(a), levando-o(a) a ultrapassar o simples consumo de textos literários.

Para tanto, Cosson (2007) esclarece que o ensino da literatura deve ter um movimento contínuo, que parte do conhecido ao desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, no intuito de permitir ao(à) aluno(a) uma ampliação e consolidação dos seus conhecimentos culturais e pessoais.

Cosson (2007) nos apresenta duas propostas para a sistematização das atividades de letramento literário na sala de aula, que ele chama de sequência básica e sequência estendida. Nas duas, o pesquisador sugere quatro passos para se chegar ao objetivo, que é o letramento literário. Lembrando que ele deixa evidente que são estratégias exemplares e não modelares, ou seja, são sugestões que podem ser praticadas em sala de aula e não modelo que deve ser seguido obrigatoriamente.

Os quatro passos nas duas sequências didáticas propostas por Cosson(2007) são: motivação, introdução, leitura e interpretação, salientando que, na sequência expandida, esse último, a interpretação, é subdividida em primeira e segunda, uma vez que é voltada mais para o ensino médio, mas que pode muito bem ser praticada nas séries finais do ensino fundamental.

No primeiro passo, que é a motivação, como o próprio nome sugere, o(a) aluno(a) é estimulado(a) pelo professor(a) a sentir-se motivado(a) para o texto a ser lido, e o sucesso desse encontro com o texto vai depender de um bom estímulo, por parte do(a) professor(a), a fim de que se estabeleçam laços estreitos com o texto que se vai ler. O segundo passo, a introdução, consiste na apresentação da obra e do(a) autor(a), para que o(a) aluno(a) se familiarize com o texto e o receba de maneira positiva. O terceiro passo, que é a leitura, deve ter um acompanhamento mais intenso por parte do(a) professor(a), com o objetivo de mediar o processo da leitura dos(as) alunos(as) em relação, inclusive, ao ritmo dessa leitura. Cosson (2007) propõe que a leitura deve ser realizada, em boa parte, em casa, e que se estabeleça um prazo para finalização. O autor esclarece, ainda, que podem ser feitos, durante as leituras, uns intervalos, que são momentos de enriquecimento da leitura do texto principal com a introdução de outros gêneros textuais com a mesma temática. Por fim, o quarto passo é a interpretação, que Cosson (2007) propõe ser realizada em dois momentos: interior e exterior. O primeiro consiste na interpretação individual, que decifra o texto em seu sentido global, configurando-se como o encontro do leitor com a obra, e a segunda é a concretização dos sentidos por parte dos(as) alunos(as), sendo o momento em que

o leitor é tocado pela obra. Trata-se, como diz Cosson (2007, p. 66), “[...] da construção de uma comunidade de leitores que tem nessa última etapa seu ponto mais alto.”

Partindo desses quatro passos, cabe à escola promover de uma forma prazerosa atividades que possibilitem ao(à) professor(a) mostrar aos(às) alunos(as) um caminho de leitura e construção de sentidos, como propõe Cosson (2007, p. 103):

É importante que o professor também tenha em mente que seu propósito é promover o letramento literário, mostrando ao seu aluno um caminho de leitura que poderá ser transposto para tantos outros textos que ele venha a ler mais tarde ou julgar necessário. Mais importante que a simples oposição entre quantidade e qualidade é a competência de leitura que o aluno desenvolve dentro do campo literário, levando-o a aprimorar a capacidade de interpretar e a sensibilidade de ler em um texto a tecedura da cultura. É essa competência objetiva no letramento literário.

Portanto, é importante propiciar aos(às) alunos(as) a leitura de diferentes textos, que sejam trabalhados de maneira prazerosa e lúdica, que expandam seus conhecimentos, fazendo-os(as) adquirir uma aprendizagem significativa, que os(as) leve a ser pessoas reflexivas, críticas e capazes de se sensibilizar e de se emocionar diante de textos literários, tornando-se leitores autônomos.

2.3 A base nacional comum curricular e o ensino de literatura nos anos finais do Ensino Fundamental

Passamos por mudanças bastante significativas no cenário educacional brasileiro. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, apresenta uma série de referências de como se dará o ensino básico brasileiro nos próximos anos. Sobre ela, temos que: “[...] é um novo documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica.” (BRASIL, 2018a, p. 7).

A BNCC coloca em curso o que já estava previsto no artigo nono da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que assegura ao governo federal

Estabelecer em colaboração com os estados, Distrito Federal e os municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar a formação básica comum. (BRASIL, 2018b, p. 12).

A constituição federal de 1988 também já destacava a educação a serviço do pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho; já em 1996, a nova LDB determinava um pacto interfederativo com o intuito de orientar competências e diretrizes para um novo currículo para a educação básica e, por fim, em 2014, o PNE, Plano Nacional da Educação, reafirmava essas diretrizes pedagógicas para a educação e sugeria uma base nacional que orientasse os currículos de todas as federações.

O que por muito tempo (aproximadamente três décadas) manteve-se apenas como promessa veio, então, a materializar-se definitivamente em 2018, quando se homologou o texto constante da BNCC referente ao Ensino Médio. Com isso, todas as escolas do país, agora, têm por dever cumprir as exigências da Base, que, assumindo compromisso em favor da igualdade de oportunidades, da difusão do conhecimento e da integração nacional, respeitando-se, contudo, as particularidades regionais, estrutura-se com vistas a orientar o trabalho pedagógico segundo o desenvolvimento de habilidades e competências consoantes com aquilo que o próprio documento define como Educação Integral.

Essas habilidades e competências, no Ensino Fundamental, são organizadas em cinco grandes áreas do conhecimento. Cada área do conhecimento possui suas especificidades e a área de Linguagens é a maior e com mais especificidades e componentes curriculares, possuindo quatro, que são: Língua Portuguesa, Educação Física, Artes e Língua Inglesa, para as séries finais do ensino fundamental.

Na disciplina de língua portuguesa, o texto, para a BNCC, é o centro e através dele deve-se trabalhar todas as propostas linguísticas, como esclarece o próprio documento, que diz:

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. (BRASIL, 2018a, p. 67)

Em se tratando de literatura, a BNCC não especifica literalmente a disciplina Literatura, mas, como vimos, temos o texto como centro e o texto literário não fica fora desse domínio. De acordo com a BNCC, é importante

[...] desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2018a, p. 65)

Enquanto papel no desenvolvimento desse senso estético, cabe ao(à) professor(a) de língua portuguesa buscar a realização de atividade mais sólidas, que permitirão a formação do leitor-fruidor, e a fruição dos textos literários leva os(as) alunos(as) a fazerem apreciações estéticas, éticas, políticas e ideológicas a partir de uma leitura crítica. Desse modo, chega-se à “adesão às práticas de leitura”, que a Base sugere nas seis competências específicas de linguagem para o ensino fundamental, apresentadas em anexo.

Portanto, apesar de não ser retratada como um componente curricular único, para a BNCC a literatura se dá de maneira transversal. Mesmo centralizada no ensino de Língua Portuguesa, observa-se que os estudos literários são relevantes e importantes para o desenvolvimento de todos os campos de conhecimento. Percebe-se o ensino da Literatura para a BNCC sendo fortemente relacionado à formação de leitores-fruidores, que precisam ser estimulados a compreender o valor do estudo literário e respeitar as mais diversas expressões artísticas. Daí a importância do ensino da Literatura, pois, como arte e a informação, representa um direito humano, como destaca Candido (2004, p. 191):

Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.

O ensino literário envolve a educação socioemocional, pois incentiva sentimentos como fraternidade, afeição, solidariedade, além de provocar questionamentos sobre a vida, o eu, a sociedade. O texto de Literatura, portanto, oportuniza ações que, muitas vezes, não são encontrados em outros gêneros, tais como estímulos às emoções, sentimentos e ideias.

3 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A LITERATURA DE CORDEL

3.1 Narrando a história da Literatura de Cordel

A literatura de cordel surgiu a partir do Trovadorismo, na Idade Média, segundo Holanda e Rinaré (2009), que ressaltam que, com o advento da imprensa, apareceram os primeiros escritos dos trovadores. Em Portugal, os folhetos eram escritos em folhas soltas e chegaram ao Brasil pela Bahia, durante o período colonial, espalhando-se depois pelo Nordeste. Vejamos:

Inicialmente, sem encadernação, os folhetos eram chamados em Portugal de “Folhas soltas” ou “volantes”. Essa literatura chegou ao Brasil no balaio dos colonizadores. A partir da Bahia, mais precisamente em Salvador, então capital do país, irradiou-se para os demais estados do Nordeste (HOLANDA; RINARÉ, 2009, p. 19).

Para esses pesquisadores, nossa literatura de cordel (como hoje chamamos) era conhecida por nossos antepassados como romance, folheto ou simplesmente verso. Em termos de composição textual, a literatura de cordel, segundo esses autores, se apresenta da seguinte forma: versos rimados e metrificados, distribuídos em estrofes regulares, com linguagem e discurso claro.

Mas, afinal, o que é literatura de cordel? O gênero é conhecido por sua transmissão através da oralidade, cuja função é, ao mesmo tempo, informar e divertir os leitores, carregando fortes elementos da cultura popular brasileira. Para Maxado (2012), a literatura popular sempre existiu, desde que o homem usou da voz para se comunicar, ele contava seus casos aos povos, principalmente as lutas contra os inimigos, contra a natureza ou suas conquistas amorosas. Esses casos eram contados por narrações em prosa e, com o aperfeiçoamento de técnicas composicionais, foram sendo contados em versos rimados.

Com as misturas de culturas e dos casos, repassados de geração em geração e contados pelos mais velhos, nas rodas de conversas, as figuras dos pajés eram de muita importância para as tribos indígenas, e para os negros, os babalaôs. Como esclarece Maxado (2012, p. 20), que diz: “[...] em toda comunidade onde não há escrita, [...] a figura da pessoa mais velha é venerada e respeitada pelos demais. Ela é a experiência vivida [...] e essa história vai passando de geração em geração.” Maxado (2012, p. 32) nos diz que

O termo literatura oral, com essa acepção, foi criado pelos estudiosos francês Paul Sebillot, em 1881, para denominar o folclore dos contos, cantos, fábulas, lendas, mitos, anedotas, anexins, adivinhações, parlendas, rondas e jogos infantis, enigmas, charadas, provérbios, orações, canções, frases feitas, autos, receitas, danças cantadas, desafios, acalantos, aboios, superstições, conselhos, casos, máximas, aforismas, adágios, ditados, estórias, gestas, xácaras, baladas, enfim, tudo o que o povo cria e conserva para a sua conversação e lazer.

Segundo Holanda e Rinaré (2009), em Portugal, os livros impressos em papel barato eram dependurados em cordões e vendidos nas feiras, principalmente para pessoas de classe média, como professores, médicos, advogados. No Brasil e, principalmente, na região Nordeste, não havia muito esse hábito de vender os cordéis dependurados em cordões. Os poetas simplesmente os colocavam dispostos em manta de pano ou qualquer outro material que protegesse os folhetos, bem como tinham aqueles que organizavam seus folhetos dentro de uma mala, que, quando aberta, deixava-os expostos para o público, de modo que facilitasse a montagem e desmontagem até o final da feira. Manoel Monteiro (2010, p. 2), um poeta paraibano, assim versava:

Dizem que o nome cordel / Vem lá dos tempos passados / Quando os poetas vendiam / Seus livros dependurados / Em cordinhas ou cordões / Nos burgos mais afastados. // Eu mesmo nunca vendi / folhetos dessa maneira / Os conduzia amarrados / Numa mala de madeira / Que punha sobre um tripé / E desse jeito inda é / Que se encontram na feira.

Para Abreu (1999, p. 21), a literatura de cordel portuguesa “[...] abarca autos, pequenas novelas, farsas, contos fantásticos, moralizantes, histórias, peças teatrais, hagiografias, sátiras, notícias [...] além de poder ser escrita em verso ou sob a forma de peça teatral.”

No Brasil, principalmente no Nordeste, o termo Cordel passou a ser utilizado apenas nos anos 70, como lembra Holanda e Rinaré (2009, p. 20):

Os folhetos nordestinos ganharam a denominação de “Cordel” do pesquisador francês Raymund Cantel, na década de 70 do século XX. Segundo este, os folhetos eram vendidos na Europa em cordéis ou barbantes. Daí veio o termo Literatura de Cordel, até então desconhecido.

Essas histórias recontadas pelos poetas logo caíam no gosto do povo por conter uma mistura de elementos medievais e causos locais. Poetas passaram a recontar essas narrativas e usavam de uma criatividade que agradava a todos os tipos

de leitores. Barroso (2003, p. 195) nos dá a ideia de como esses leitores apreciavam esse tipo de leitura, quando diz:

[...] só tem lido na sua vida umas brochuras e uns livros que se espalham pelo sertão colonial e até hoje são lidos e comentados: História de Carlos Magno d'Os Doze Pares da França, seguidas das aventuras de Bernardo de Caprio, História da Princesa Maganona, da Princesa Teodora, da imperatriz Porcina, do Menino da Mata e seu cão Pilto; e, como manual para se saberem as fases da lua, remédios etc., O Lunário Perpétuo.

A literatura de cordel, assim, caiu no gosto do povo e, em 1889, com o surgimento das primeiras tipografias (sec. XVII), o cordel ganhou a forma impressa, fixando-se no Nordeste brasileiro como uma das peculiaridades do nosso estilo regional. Foram os paraibanos Silvino Pirauá de Lima, Francisco das Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros que, em Recife, publicaram os primeiros cordéis impressos no Brasil. Sendo que o terceiro é considerado o pai do cordel brasileiro. Assim expressam Marinho e Pinheiro (2012, p. 218):

No início do século XX, nasce o movimento editorial do Cordel, encabeçado por Leandro Gomes de Barros (primeiro Cordel data 1893), Francisco das Chagas Batista e Pirauá. Em torno dessa tríade o mercado de cordel começa a se fortalecer por meio também de outros poetas divulgadores desse gênero. As tipografias ganharam nomes e seus proprietários investiram na publicação de folhetos, almanaques e novenas [...] tudo corria para que dentro de poucas horas o folheto estivesse pronto, ganhasse as feiras e as praças atraindo a atenção do ávido leitor.

Mas é Leandro Gomes de Barros, segundo Maxado (2012), o primeiro poeta a versar histórias no Brasil por volta de 1889, quando já morava em Recife. Seu acervo tem, aproximadamente, mil títulos, muitos dos quais ainda se pode ler hoje com reedição por outros autores. Seus livros eram disputados pelo povo, que era estimulado a comprar porque o poeta tinha o hábito, e o fazia com esperteza, de lê-los em voz alta, sugerindo que os ouvintes comprassem os livretos para saberem o final das narrativas.

Haurélio (2010, p. 22) afirma que não é absurdo dizer que Leandro Gomes de Barros é “o pai da Literatura de Cordel brasileira”, pois, segundo o pesquisador, foi ele que explorou e deu forma a todos os gêneros e temas, preparando, assim, a entrada na qual os vates populares transitam ainda hoje. Haurélio (2010, p. 21, grifo do autor), sobre a recepção da obra de Leandro, afirma:

Nas raras horas de lazer que a lida da roça proporcionava as pessoas se reuniam em torno de alguém que soubesse ler, e se deleitavam com os romances de Leandro: *O cachorro dos mortos*, *Os sofrimentos de Alzira*, *Juvenal e o dragão*, *A força do amor*, *Peleja de Manoel Riachão com o Diabo*, *História da donzela Teodora*, *O boi misterioso*. Estas e muitas outras obras já ultrapassaram com folga a casa dos milhões de exemplares vendidos, e são reeditados há mais de cem anos, ininterruptamente. Nenhum poeta brasileiro o superou em número de leitores.

Com a morte do poeta, Joao Martins Athayde comprou todos os direitos de publicação das obras de Leandro Gomes de Barros, sendo, portanto, um editor proprietário. Para Marinho e Pinheiro (2012, p. 25), essa forma “[...] gerou muita confusão porque, em alguns casos, o nome do autor desaparecia das capas dos folhetos restando apenas o nome do editor.” Os autores dos cordéis passaram, então, a colocar seus nomes nas últimas estrofes, como uma espécie de acróstico.

Por volta de 1920, segundo Marinho e Pinheiro (2012), foram estabelecidas algumas características para as gráficas dos folhetos, graças à atuação de Joao Martins de Athayde: para as pelejas e poemas de circunstâncias, 8 a 16 páginas, e para os romances, 24 a 56 páginas.

Pelejas são os desafios dos cantadores de viola, em que cada poeta procura mostrar suas habilidades versando e tentando depreciar seu oponente; muitas vezes, os fatos narrados podem ser reais ou imaginários, sendo que, na escrita, há sempre uma introdução dos disputadores na peleja. Para Ayala (1988, p. 103),

Embora a literatura de folhetos se defina como um sistema de produção específico, tem seus pontos de contatos com a literatura oral, no caso o repente. Há certa identidade, principalmente no que diz respeito ao tipo de estrofe mais usado no folheto e na cantoria, que é a sextilha, mantendo-se o mesmo tipo de rima, métrica e construção geral dos versos na estrofe. Na peleja, um dos gêneros dos folhetos, a relação com o oral é mais marcante, pois ela é escrita a partir de modalidade do repente.

Os poemas de circunstâncias são as narrações de notícias recentes, normalmente de mortes e desastres de pessoas famosas ou fatos políticos ou curiosos noticiados recentemente. Os fatos eram narrados logo que aconteciam, sendo imediatamente vendidos nas feiras. Silva (2012, p. 23) descreve que

O cordel de circunstância relata e dissemina notícias e relatos de uma época voltada para um segmento da sociedade (fatos históricos, do cotidiano, esporte, desastres, entre outros), mas também é utilizado para disseminar informação científica e tecnológica (inovações agrícolas, ações de programas de saúde, e outros).

Na literatura de cordel, podemos encontrar infinidades de assuntos que muitos historiadores costumam chamar de ciclos. Acontece que, não raramente, há uma dificuldade em catalogar um ou outro cordel em um ciclo. Maxado (2012) propõe, então, uma classificação de folhetos a partir de época ou da ocasião. São eles: históricos; didáticos ou educacionais; biográficos; de propaganda política ou comercial; de louvor ou homenagem; de safadeza ou putaria; maliciosos ou de cachorrada; cômicos ou de gracejo; de bichos ou infantis; religiosos ou místicos; de profecias ou eras; de filosofia; de conselhos ou de exemplos; de fenômenos ou de casos; maravilhosos ou mágicos; fantásticos ou sobrenaturais; de amor ou de romance amoroso; de bravura ou heroico; vaquejadas; de presepadas ou dos anti-heróis; de pelejas ou de desafios; de discussão ou de encontros; de lendas ou mitos; pasquim ou de intrigas; etc. Enfim, o cordel é tudo isso e mais ainda. É a arte que une poesias, cantorias, músicas, teatro, jornalismo.

3.2 A literatura de cordel e a autoria feminina

A literatura de cordel no Brasil era marcadamente masculina. Isso porque a sociedade da época colonial até o início do século XX era fortemente patriarcal, evidenciando o silêncio e a reclusão feminina, como relembra a cordelista Rosário Pinho (2019):

A mulher na sociedade patriarcal era reclusa aos cuidados do lar e a educação dos filhos, à satisfação social do marido. Sua educação não ia além das possibilidades de contar histórias e contos de encantamentos para os filhos, das cantigas de ninar; ler e escrever livros de recitas, quando muito valia o jargão “se uma mulher aprende a ler, será capaz de receber cartas de amor”.

As mulheres brasileiras eram proibidas de serem vistas em público, suas vidas sociais se limitavam ao convívio familiar, salvo as aparições em batizados, casamentos e aniversários, principalmente se fossem casadas. Nas classes mais elevadas, essas mulheres ainda participavam de saraus acompanhadas dos maridos, em que se declamavam poesias e liam romances em voz alta. Já para as mulheres de classes menos favorecidas, suas vidas se limitavam ao lar e aos filhos. Hahner (2003, p. 57) registrou:

Não seria por muito tempo que visitantes estrangeiros, como o francês Charles Expilly fez em suas observações, iriam poder aplicar às moças de classe alta brasileira o provérbio português “uma mulher é suficientemente educada quando pode ler com propriedade seu livro

de orações e sabe como escrever a receita de geleia de goiaba; mais do que isso põe o lar em perigo.”

Nesse contexto patriarcal, foram escritos os primeiros cordéis no Brasil. Os temas que faziam referência às mulheres apresentavam sempre a mulher frágil e virgem, que era salva por um homem forte e corajoso, ou a mulher, segundo o texto dos cordéis, estigmatizada como “safada”, que enganava o marido com suas maldades e faceirices.

Para os poetas populares e cantadores, a mulher deveria exercer exclusivamente duas atribuições na sociedade: ou a santa, obediente ao marido, ou a pecadora. Uma certa predestinação da mulher ao sofrimento está ilustrada, por exemplo, nos seguintes versos do folheto *O poder oculto da mulher bonita*, de João Martins de Ataíde (1976, p. 3): “Nasceu a mulher no mundo / Para o exemplo do bem / Na sua penosa vida / Nunca fez mal a ninguém / Se houver quem isto escureça / Talvez inda não conheça / O valor que a mulher tem”.

No início do século XX, até meados dos anos 50, época da efervescência dos cordéis, os editores tiravam uma quantidade excessiva de seus folhetos e iam distribuindo por todo o Nordeste brasileiro. Os poetas frequentavam as feiras, principalmente em festas de padroeira ou quando aconteciam visitas de pessoas ilustres, como políticos e religiosos. Esses poetas aproveitavam o momento para abrirem seus caixotes e declamarem os cordéis que queriam vender. O cordelista Rodolfo Cavalcante, em entrevista à pesquisadora Martine Kunz, nos conta:

Antigamente o trovador de cordel vivia exclusivamente dos seus livros, ele ia ter contatos com o público, ele ia pra feiras, cantava. Eu, por exemplo, transmitia a minha mensagem lendo os meus folhetos, fazia graça, assumia o papel do personagem no folheto, se chorasse, eu chorava; se gritasse, eu gritava. Tinha outros que cantavam. Hoje, o mercado não é como era. Hoje, nós vendemos, mas sem ler, sem cantar os nossos folhetos. E olhe que o povo do interior só compra o folheto depois que a gente canta ou lê em voz alta para a assistência. (KUNZ, 2003, p. 153).

Esses vendedores selecionavam grandes quantidades de folhetos e viajavam de trem ou montados nos lombos de animais, com enormes caixotes, e saiam para várias cidades nordestinas com o intuito de venderem seus cordéis. Não podemos imaginar, numa sociedade patriarcal, a presença feminina nesses eventos. Mas foi nesse cenário, por exemplo, que a cordelista Maria das Neves Batista Pimentel publicou, em 1938, o que hoje é considerado o primeiro cordel feminino, *O violino do diabo ou O valor da honestidade* (ALAGOANO, 1981). Em uma entrevista feita ao

jornal eletrônico “A Nova Democracia”, em 2007, o jornalista pergunta a Paulo Nunes Batista, irmão da cordelista, se existem mulheres cordelistas, pois elas são menos faladas e conhecidas. Paulo afirma, então, que foi Maria das Neves, sua irmã, a primeira cordelista brasileira:

A minha irmã Maria das Neves Batista Pimentel, a Mariinha, foi a primeira cordelista do Brasil. Quando ela publicou o folheto havia muito preconceito. Mulher não podia escrever cordel. O que o homem faz a mulher pode fazer igual. Ela tem inteligência, cultura, vontade. (BATISTA *apud* ROVEDO, 2009, p. 238).

Maria das Neves Batista Pimentel era filha de Francisco das Chagas Batista, poeta e editor de cordel, dono de uma livraria e uma tipografia, o que facilitou sua entrada no mundo do cordel, a impressão e a comercialização dos folhetos. Num contexto em que se considerava a mulher apenas como uma procriadora e educadora de seus filhos, Maria das Neves precisou usar, como tantas escritoras ao longo da História, o pseudônimo de Altino Alagoano. O primeiro nome é o do marido e o segundo remete ao lugar onde nasceu: Alagoas. Em entrevista feita com ela no ano de 1993 pela pesquisadora Maristela Barbosa de Mendonça, a cordelista esclarece:

Todos os folhetos que foram vendidos na Livraria de meu pai ou que foram impressos, tinham o nome de homem, eram homens que faziam, não existia naquele tempo, folheto feito por mulher, e eu, para que não fosse a única, né?, meu nome aparecesse no folheto, não fosse eu a única, então eu disse: – Eu não vou botar meu nome. Aí meu marido disse: – Coloque Altino Alagoano. (QUEIROZ, 2006, p. 57).

Numa cultura nordestina onde predomina o machismo, Maria das Neves sabia que o fato de ser mulher limitava suas possibilidades e que, por este motivo, deveria ocultar a sua verdadeira identidade, levando-a, a partir de uma escolha do marido, a usar o nome deste em suas produções. Assim como aconteceu com ela, é provável que outras cordelistas, à época, também tenham publicado por meio de pseudônimos masculinos, o que pode ter apagado alguns nomes de mulheres da História do Cordel, como Santos (2008, p. 17) afirma:

Nesse contexto, embora as mulheres cantassem e até publicasse, a exemplo de Maria das Neves Pimentel – uma mulher cordelista que para poder escrever e publicar no contexto da época, profundamente marcado por valores patriarcais, teve que se encobrir com um pseudônimo masculino, Altino Alagoano -, elas ainda não tinham um espaço seu e não haviam criado seus agenciamentos coletivos de enunciação. No entanto, elas existiam, elas cantavam e esse cantarolar – devir-mulher –, já constituía saltos para a futura construção de seu território.

Maria das Neves acreditava, então, que, usando o pseudônimo masculino, teria seus folhetos aceitos pelo público que gostava e comprava esse tipo de literatura. Além de ter que se esconder por trás de um nome, Maria das Neves teve que não transgredir os valores da época, pois a mulher não poderia ir de encontro aos conceitos vigentes, pautados no perfil da mulher santa, procriadora e obediente ao seu marido. Era esperado, então, que ela reproduzisse esses mesmos valores, exaltando a honra e as virtudes femininas:

A virtude é um lago / De águas bem cristalina, / Um espelho de diamante, / Uma joia rara e fina / Onde o vício não pode / Lançar a mão assassina. // A mulher honesta e boa / De perfeita educação / É o cofre onde a virtude / Faz sua morada, então. / O homem mais sedutor / Não mancha seu coração! (ALAGOANO, 1981, p. 1)

Embora Maria das Neves tenha reproduzido em seus folhetos situações de submissão da mulher nordestina, o fato é que a cordelista foi a primeira a produzir e publicar folhetos de cordéis, como ressaltam as pesquisadoras Carvalho e Oliveira (2016, p. 122):

Mesmo agindo de acordo com o mundo à sua volta, permanece o fato de que Maria das Neves foi a primeira mulher a produzir e publicar folhetos de cordel, rompendo, desse modo, a hegemonia de décadas de poetas e cantadores masculinos, inclusive no âmbito familiar em que os pais e os irmãos encabeçavam os grandes nomes da poesia popular. Por ser herdeira de Francisco das Chagas Batista, considerado o “braço poético do Nordeste”, foi também natural, de certa forma, que a cordelista acabasse se dedicando à poesia popular.

A cordelista Maria das Neves possibilitou, portanto, um leque de oportunidades para que outras mulheres, ao tomarem conhecimento, pudessem adentrar no mundo da literatura de cordel, considerado, até então, um universo apenas de homens. De início, as novas cordelistas ainda procuravam escrever a partir de padrões machistas, mas, aos poucos, elas foram abordando seus anseios, seus sentimentos e outros temas sociais e políticos que eram considerados apenas por homens. Como Santos (2002, p. 80) nos diz:

A presença feminina como autoras de cordéis, apesar de herdar a tradição, também vai instituir uma outra autonomia. Elas vão ressignificar a literatura de cordel a partir de temas próprios como o feminino, ecologia, saúde da mulher, etc., ao mesmo tempo em que inauguram outros espaços de veiculação do cordel como escolas, passeatas, instituições, universidades.

Maria da Neves não conseguiu revelar sua verdadeira identidade por medo de que seus versos não fossem aceitos pela sociedade da época, mas oportunizou, mais tarde, que outras mulheres entrassem no cenário do cordel, como afirma Queiroz (2006, p. 58) quando diz que “outras produções femininas em cordel vão surgir na década de 1970, como, por exemplo, a cordelista Vicência Macedo Maia, que publica em 1972, em Salvador(BA), o folheto A B C da Umbanda.”

Hoje, graças, sobretudo, às conquistas dos movimentos sociais protagonizados por mulheres, temos um número significativo de cordelistas mulheres em todo o Brasil e, principalmente no Nordeste, que versam sobre seus anseios, seus direitos, suas lutas, ou seja, sobre as mais diferentes temáticas. No Ceará, não foi diferente. Essas mulheres cordelistas ganharam respeito e notoriedade do povo e das instituições. Para incentivar as cordelistas cearenses e nordestinas, foi criado, por exemplo, um blog voltado para a difusão dos seus trabalhos, chamado *Cordel de Saia*¹, idealizado e organizado pela cordelista cearense Dalinha Catunda. Mais recentemente, em 2018, foi inaugurada, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), uma cordelteca² com o nome da primeira cordelista brasileira e nordestina: Cordelteca Maria das Neves Baptista Pinheiro, espaço dedicado às produções histórico-culturais em formato de cordel. E, no mesmo ano, a literatura de cordel foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, pelo Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Nesse cenário nacional, o Ceará é um grande precursor e o berço de grandes mulheres cordelistas, como Dalinha Catunda, idealizadora do blog *Cordel de Saia*, Julie Oliveira, Bia Lopes, Jarid Arraes, Mariana de Lima, Antônia Rodrigues Ferreira, e Ivonete Moraes, que, produzindo cordéis com temas e situações protagonizados por mulheres, foi escolhida para ter suas produções lidas e interpretadas pelos alunos e pelas alunas deste projeto de mediação.

Apresento, a seguir, notas biobibliográficas³ sobre cada uma das autoras citadas no parágrafo anterior, com exceção de Ivonete Moraes, cujo trabalho será discutido na subseção próxima:

1 Disponível em: <http://www.cordeldesai.blogspot.com>.

2 Conferir notícia veiculada em: <https://www.unifor.br/-/unifor-inaugura-cordelteca-maria-das-neves-baptista-pimentel>.

3 Adaptadas de: JOSY, M. Mnemosine: Rede de Mulheres Cordelistas, Cantadoras e repentistas, Fortaleza, [201-]. Disponível em: <http://redemnemosine.blogspot.com/p/blog-page.html>. Acesso em: 6 abr. 2020.

- a) Dalinha Catunda, nascida em Ipueiras (CE) e radicada no estado do Rio de Janeiro, é uma das mais importantes cordelistas da atualidade e conduz o blog *Cordel de Saia*;
- b) Julie Oliveira, que já tem seis livros publicados, além de cordelista, é produtora cultural – atuando no Ceará e em São Paulo – e desenvolve importante trabalho com o público infantil;
- c) Bia Lopes, de Maracanaú (CE), publicitária e poeta, escreveu a trilogia em cordel *Ana Lísias: entre amores, desamores e outras dores*;
- d) Jarid Arraes, de Juazeiro do Norte (CE), mora em São Paulo, tem mais de setenta folhetos de cordel publicados e é autora de *Redemoinho em dia quente*, livro vencedor do prêmio APCA de literatura, na categoria contos;
- e) Mariana de Lima, de Amontada (CE), graduada em Filosofia e pós-graduada em Arte e Educação, é cordelista, dramaturga e comediante, destacando-se neste ofício com a personagem Jovelina Ceará. Seu cordel *Se você é mulher ver se você se toca* alerta às mulheres para a prevenção do câncer de mama;
- f) Antônio Rodrigues Ferreira, de Assaré (CE), licenciada em Geografia, tem trinta e cinco folhetos de cordel e uma revista, *Eu Amo Assaré*, publicados e mobiliza-se em prol da perpetuação do Maneiro Pau, dança de tradição secular no interior do Ceará.

Hoje, as mulheres, que foram silenciadas no passado, estão conquistando reconhecimento, desterritorializando os espaços privados e publicando seus próprios folhetos sem se submeterem a estratégias de apagamento da sua autoria, a exemplo do uso de pseudônimos masculinos. Elas cantam, lançam CDs, ministram palestras, criam blogs, estão, enfim, procurando e lutando para alargar os meios de circulação e recepção dos seus folhetos.

3.3 O cordel de Ivonete Moraes e o empoderamento feminino

Maria Ivonete Bezerra de Moraes (Ivonete Moraes) é cearense, nascida na capital, filha de Antônio André de Moraes e Maria Ivone Bezerra de Moraes. É socióloga, formada pela universidade de Fortaleza (UNIFOR), com especialização em Família, numa abordagem Sistêmica, pela universidade Federal do Ceará (UFC). Começou a

fazer cordel já com 50 anos de idade, em 2004, quando participou de um curso de literatura de cordel promovido pela prefeitura de Fortaleza e ministrado pelo cantador de viola cearense Zé Maria de Fortaleza, na casa dele, localizada na capital do Ceará. Seu primeiro cordel, intitulado *O amor de A a Z, virtudes indescritíveis*, foi produzido por incentivo da também cordelista cearense Maria Luciene, que, em 2003, a convite de Ivonete, elaborou um cordel para ser declamado no aniversário de 50 desta. Ela, em entrevista concedida a também cordelista e pesquisadora Francisca Pereira dos Santos (2008, p. 75), diz:

Eu conheci uma cordelista, Luciene Maria. Ela fazia parte de um projeto. Naquela época, que foi 2003, eu a convidei para fazer um cordel de minha vida, para ser lido na hora do meu aniversário. E ela veio aqui em casa e passou uma tarde e eu contei toda a minha história desde a infância até os dias de hoje, né? Ela fez o cordel e viu alguns rascunhos meus e disse assim: “Ivonete, você é uma cordelista sim.”

A partir de então, Ivonete mostrou interesse em escrever seus cordéis e, por incentivo de Luciene Maria, foi fazer um curso de literatura de cordel com o mestre Jose Maria de Fortaleza, como ela relata naquela mesma entrevista:

Foi que eu conheci as regras de como fazer um cordel e realmente eu descobri... foi descoberto que eu era uma pessoa que podia desenvolver essa arte da literatura de cordel. [...] Eu fiz o curso no Centro de Referência do Professor, que fica no centro da cidade. Foi um curso que eu aproveitei bastante. Esse curso, ele é muito criticado por alguns cordelistas por que diz assim: “O Zé, o professor Zé Maria de Fortaleza está criando cordelista e as pessoas não entendem que nós nascemos com o dom.” No caso, quem vai naquele curso, quem não é cordelista, ele vai se auto relacionando e vai embora... e quem fica é porque realmente é cordelista. (SANTOS, 2008, p. 75)

Seu primeiro cordel recebeu, na época, o prêmio de primeiro lugar em um concurso de poesia promovido pelos funcionários públicos do estado do Ceará. Em *O amor de A a Z virtudes indescritíveis*, como o próprio título sinaliza, a cordelista versa sobre as reais virtudes do amor; para cada estrofe, usa as letras do alfabeto em ordem e define os tipos de amor, sempre enaltecendo-o. E foi a partir desse cordel, que surgiu na cordelista a vontade de continuar fazendo folhetos. Ivonete Moraes sempre valorizou a Cultura Popular através dos Maracatus, Reisados, Repentes de violas, Poesias de Cordel, Ciranda, entre outros, ouvindo e dançando o forró pé de Serra, especialmente do Luiz Gonzaga e Dominguinhos, e aperfeiçoou-se em fazer versos rimados. Hoje, a cordelista já conta com vários cordéis publicados, recebeu alguns

prêmios e é membro da AESTROFE – Associação de Escritores, Trovadores e Folheteiros Do Estado do Ceará.

Caracterizada com trajes que lembram a mulher no Cangaço, uma referência a um imaginário feminino de força e luta, Ivonete Moraes tem na sua essência a verve de uma cultura tradicional nordestina e com essa particularidade já foi convidada a participar de vários eventos no Ceará e também fora do Estado, ministrando palestras socioeducativas. Entre os inúmeros eventos que a cordelista já participou, podemos citar: A Bienal Internacional do Livro, o Encontro Estadual dos Cordelistas, o Festival de Violeiros e a Associação Cultural do Cordel em Caruaru.

A cordelista publicou, até agora, setenta cordéis, como *Rapadura*, *Bodega*, *Lampião*, *Luís Gonzaga: o rei do Baião*, *Pau de arara* e *Brinquedo do sertão*. Seus temas vão desde os elementos culturais e gastronômicos do Nordeste, como a rapadura, o vaqueiro, Lampião e Maria Bonita, espelhados nos gostos do próprio pai, que adorava escutar o rei do baião, Luiz Gonzaga, até temas sociais, como o empoderamento feminino, que ela faz questão de exaltar em seus vários cordéis publicados sobre as conquistas e as lutas das mulheres.

Além do já citado *O amor de A a Z*, que escolhemos por ser seu primeiro cordel, selecionamos para este projeto os cordéis que abordam o temas relacionados ao empoderamento feminino, que são: *Mulheres empoderadas conquistando seus espaços*; *Flor precisa de cuidados, mulher merece respeito*; *Mulher cordelista na arte de versejar*; *Histórias das mulheres no Cangaço*; e *Maria Bonita: a rainha do Cangaço*.

O cordel *Mulheres empoderadas* retrata as lutas e as conquistas dos direitos das mulheres na sociedade. Enfatizando o enfrentamento ao machismo e à violência de gênero, o cordel cita a Lei Maria da Penha, que busca mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Nos versos seguintes, percebemos o que a cordelista quer retratar a respeito do tema, quando diz: “Mulheres empoderadas / Nunca vão se esconder / à sombra de ‘mais ninguém’; / Elas sabem bem viver, / Também são independentes / Com vidas bem conscientes / Que as ajudam a crescer.” (MORAIS, 2019, p. 5).

O cordel *Flor precisa de cuidados, mulher merece respeito* narra a trajetória de um relacionamento que começa bem, mas, ao longo dos anos, o companheiro vai modificando seu comportamento, tornando-se agressivo. No lugar do bem-querer, como retrata o cordel, passa a ser um homem autoritário, maltratando a companheira com violência física, psicológica e sexual, inclusive praticando a atrocidade do

feminicídio. Nos versos a seguir, constatamos a mudança de comportamento do companheiro “Mas aquele companheiro / Fôra se modificando / Mudou seu comportamento / E o tempo foi passando / Acabou o bem querer / E parecendo esquecer / Ele assim foi caminhando.” (MORAIS, 2019, p.3).

Mulher cordelista na arte de versejar aborda a mulher nordestina emancipando-se, produzindo e publicando cordéis de sua autoria. A mulher ganha reconhecimento na cultura popular, com a oportunidade de expor seus folhetos em espaços considerados até então para homens, como os sebos e as livrarias. Seus cordéis podem ser apreciados em palestras, escolas e até Universidades: “Hoje em banca de revistas / No sebo, na livraria / Seus folhetos são expostos / Em forma de poesia / As histórias relevantes / São lidas no dia a dia.” (MORAIS, 2016, p. 3).

O cordel *Maria Bonita: a rainha do Cangaço* narra a vida de uma mulher baixinha, rechonchuda, bonita e cativante, que, ainda na adolescência, se apaixona por Lampião, o rei do cangaço, e foge de casa com ele por ser vítima do machismo e da violência do patriarca. Assim, passa a fazer parte do bando dos cangaceiros. Heroína ou bandida, facetas reforçadas pelo imaginário do Cangaço, ela segue o bando, acompanhando as guerras e lutas, e morre no meio de uma emboscada.

As mulheres no cangaço representam um momento histórico no ano de 1930, quando Maria Gomes de Oliveira, Maria Bonita, entra no cangaço e, a partir de então, dá oportunidades para que outras mulheres pudessem participar do bando de Lampião pelas estradas da caatinga. Negreiros (2018, p. 28) nos lembra que

[...] a filha de Zé de Felipe passaria a viver maritalmente com Lampião. Assim, nos primeiros meses de 1930, Maria Gomes de Oliveira se tornaria a primeira cangaceira da história do Brasil. Antes dela, nunca, em momento algum, uma mulher acompanhara o grupo de bandoleiros. Muitos tinham suas companheiras, mas não permitiam que os seguissem.

Os versos a seguir ilustram como essa mulher se transformou num símbolo do feminismo: “Foi ‘Rainha do Cangaço’, / Um dia se transformou / Num símbolo do feminismo / Brasileiro, se tornou, / Por ser ela corajosa / E por tudo que enfrentou.” (MORAIS, 2019, p. 4).

O cordel *História das mulheres no Cangaço* retrata as muitas mulheres que adentraram no Cangaço, às vezes por ilusões e fugas da vida que tinham em casa. Essas mulheres eram submissas aos desejos dos homens, sofrendo grandes humilhações. Viviam no anonimato e se integravam ao bando.

Com as mulheres no cangaço, segundo Negreiros (2018), os cangaceiros passaram a praticar menos violência e estupro com as mulheres dos sertanejos. Nas visitas que o bando de Lampião fazia nos arredores, eles até as tratavam com educação, principalmente as menos favorecidas; com a intenção de buscar a confiança dos sertanejos, sentava à mesa e não as roubava, como faziam antes.

No entanto, vale ressaltar que Dadá, uma das cangaceiras do bando, foi violentada sexual e psicologicamente, de acordo com Negreiros (2018), pelo cangaceiro Corisco, o diabo louro que a raptou e a levou na garupa de um burro por vingança a seu pai, Seu Vicente.

A fera que se vingara de seu Vicente de maneira tão implacável se chamava Cristino Gomes da Silva. Mas, nas sendas da caatinga, atendia pelo codinome de Corisco, o Diabo Louro. Contava, na ocasião, com 20 anos. Sérgio, a menina, tinha por apelido Sussuarana. A partir daquele dia, seria conhecida como Dadá. (NEGREIROS, 2018, p. 24).

Dadá e as outras mulheres realizavam todos os trabalhos domésticos, como cozinhar, costurar e até fazer os curativos quando os homens chegavam dos combates. Segundo Negreiros (2018), Dadá era a responsável pelas vestimentas de todos homens e mulheres do bando. Vejamos:

No sertão do começo do século 20, o manejo de linhas e agulhas não era uma atividade exclusivamente feminina. Os vaqueiros produziam os próprios gibões e chapéus e primavam pela beleza, além do aspecto utilitário da indumentária. Cangaceiros também se dedicavam à produção de seus trajes, mais do que simples vestimentas, verdadeiros uniformes de guerra. Se Lampião apreciava o bordado de Dadá era porque dominava o assunto e sabia reconhecer a sofisticação de uma trama. Entre os sertanejos, costurar e bordar não eram ocupação que denunciasse pouca macheza. (NEGREIROS, 2018, p. 70).

Leiamos um trecho do cordel de Ivonete Moraes que descreve essas mulheres: “As mulheres no cangaço / Eram guerreira formosas. / Com desejos, frustrações, / Porém, bastante engenhosas / E ingressaram nos bandos / Porque eram corajosas.” (MORAIS, 2016, p. 1).

Relacionado ao cordel de Ivonete, temos falado muito em empoderamento, uma categoria parte da teoria e da práxis dos feminismos, mas, muitas vezes, de maneira reducionista, atrelada a um sucesso individual e relacionado ao mundo do trabalho, a uma emancipação da mulher que está desassociada de uma libertação mais ampla, coletiva. Por essa razão, desde já, é importante explicar o que

compreendemos pelo termo, que vem da expressão inglesa *empowerment*: traduzindo para o português, “delegar o poder” ou “fortalecimento”. Berth (2019, p. 21), em livro publicado pela coleção *Feminismos Plurais*, ao trazer a categoria empoderamento, nos diz que:

[...] o conceito de empoderamento é instrumento de emancipação política e social e não se propõe a viciar ou criar relações paternalistas, assistencialistas ou de dependência entre indivíduos, tampouco traçar regras homogêneas de como cada um pode contribuir e atuar para as lutas dentro dos grupos minoritários.

Em diálogo com esses significados, ele ganha mais força e se torna mais fácil de compreender quando o associamos às causas de movimentos como os feminismos. Dentro da perspectiva deste, associado, portanto, a pautas políticas e sociais, é recorrente ouvirmos a luta por um “empoderamento feminino”, ou seja, quando há a conscientização das mulheres de reivindicarem socialmente igualdades de direitos e ocupação de espaços. Para Berth (2019, p. 23):

Empoderar, dentro das premissas sugeridas, é, antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da História. Esse entendimento é um dos escudos mais eficientes no combate à banalização e ao esvaziamento de toda a teoria construída e de sua aplicação como instrumento de transformação social.

Depois de esclarecer os sentidos do empoderamento, Berth (2019) relembra alguns conceitos, trazendo como referência, entre outras pesquisadoras, Rute Baquero, em seu livro *A situação das Américas: democracia, capital social e empoderamento*, no qual destaca-se o fato de que o processo da Reforma Protestante, iniciado por Lutero no século XVI, na Europa, oportunizou

[...] com certas restrições, um empoderamento por parte das pessoas, pois a tradução da Bíblia do latim para o dialeto local – o que contribuiu para a afirmação deste, futuramente, como idioma oficial da Alemanha – possibilitou a leitura dos “textos sagrados” entre a comunidade, a qual, por conseguinte, passa a realizar sua leitura e sua hermenêutica, tornando-se sujeito de sua religiosidade. (BAQUERO, 2012, p. 175).

Ademais, Berth (2019) apresenta-nos a assistente social Bárbara Bryant Solomon, intelectual negra premiada internacionalmente por suas reflexões e projetos sobre os direitos e lutas das minorias sociais. Ela engendrou, como assistente social, um projeto que trabalhava a teoria do empoderamento aplicada à realidade de grupos sociais oprimidos, mostrando que a autoimagem de negros e negras é negativamente

impactada por representações preconceituosas das comunidades que integram. Seguindo este raciocínio, Berth (2019) comenta sobre a Teoria da Conscientização, formulada pelo educador brasileiro Paulo Freire e precursora da Teoria do Empoderamento. Freire e Shor (1986, p. 71) declaram:

Esta é a questão. Não acredito na autolibertação. A libertação é um ato social. [...] Não, não, não. Mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação global da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do empowerment ou da liberdade. [...] Sua curiosidade, sua percepção crítica da realidade são fundamentais para a transformação social, mas não são, por si sós, suficiente.

Como síntese de tudo o que expõe, Berth (2019) destaca a definição de empoderamento segundo a professora feminista norte-americana Nelly Stromquist. Para esta, quatro dimensões, equiparáveis em importância, mas pouco relevantes se apartadas umas das outras, caracterizam o empoderamento: a dimensão cognitiva, que critica a realidade; a dimensão psicológica, que desperta a autoestima; a dimensão política, que provê força de mobilização para a luta contra situações de injustiça; e a dimensão econômica, que capacita o sujeito a garantir renda de forma independente. (STROMQUIST, 2002 *apud* BERTH, 2019).

Berth (2019) ainda nos alerta do perigo de se corromper o significado do termo *empoderamento* por ação de indivíduos e grupos que agem em prol da conservação das relações de opressão e de injustiça social vigentes mediante imperioso combate contra quaisquer tentativas de conscientização política por parte dos grupos oprimidos.

Observado tudo isso, infere-se que os cordéis de Ivonete Moraes permitirão trabalhar criticamente a categoria de gênero, entre outras temáticas, em sala de aula, tendo como propósito conduzir os alunos e as alunas rumo a uma desconstrução da ideia de que, na sociedade em que estão inseridos, devam existir papéis exclusivos para homens ou para mulheres.

Discutir com nossos(as) jovens temas como o da violência contra a mulher permite-nos, por exemplo, transformá-los(as) em sujeitos críticos e conhecedores(as) dos seus direitos e deveres. Para além da tradicional tarefa de transmitir informações e técnicas, a escola deve oferecer também a esses(as) jovens as bases para o pleno exercício da cidadania.

3.4 A literatura de cordel na sala de aula para a formação de leitores

A literatura de cordel carrega em si toda uma expressividade e historicidade relacionada a nossa cultura popular, por isso é de extrema importância levar essa literatura à sala de aula, devendo ser trabalhada como prática sociodiscursiva e em suas especificidades literárias.

O(a) professor(a) terá a oportunidade de, com esse gênero literário, proporcionar ao(à) aluno(a) um despertar para a fruição da leitura, a busca pelo conhecimento de outros gêneros, o amadurecimento do senso crítico e a ampliação da sua capacidade de observação da realidade social, histórica, política, pois a literatura de cordel é uma das produções mais significativas da cultura nordestina, onde os textos podem se mostrar ao docente como grandes aliados nas estratégias de leitura, de produção escrita e também na compreensão de fatos da realidade cotidiana.

A Literatura de Cordel, nesse sentido, também é reconhecida como um gênero crítico e informativo, daí poder muito bem, e por que não, ser introduzida nas aulas de forma dinâmica, para a construção do conhecimento e o aprimoramento do aprendizado de nossos alunos.

Marinho e Pinheiro (2012, p. 125) alertam, porém, que o trabalho com a literatura de cordel pressupõe uma empatia sincera e prolongada e, sobretudo, uma relação amorosa. E acrescentam:

Diria também uma atitude humilde, receptiva diante da cultura popular para poder apreender-lhe os sentidos e não interpretá-la de modo redutor. Não se trata, por outro lado, de hipervalorizar as produções culturais de vertente popular, mas de compreendê-las em seu contexto, a partir de critérios estéticos, para poder perceber sua dimensão universal. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 125).

Com vistas ao desenvolvimento dessa compreensão, a escola aparece, então, como espaço muitíssimo apropriado para difundir a literatura de cordel e outros gêneros de produção artística característicos da cultura popular. E isso se faz ainda mais vantajoso quando se vale de toda essa diversidade cultural para impulsionar a aprendizagem e o desenvolvimento de nossos(as) jovens, em especial no que se refere ao letramento e à apreciação estética.

Marinho e Pinheiro (2012) sugerem que um procedimento metodológico que oriente o trabalho com o cordel deverá partir do diálogo com a cultura da qual ele

emana. Assim, orientamos professores(as) que recolham da própria comunidade escolar (alunos(as), funcionários(as), pais) relatos e vivências das experiências deles(as) e das experiências locais, procurando descobrir as formas poéticas que circulam no lugar específico de cada leitor.

Entre as diversas atividades que podem ser sugeridas e executadas em sala de aula com literatura de cordel, a imprescindível é, sem dúvida, a leitura oral. Para Galvão (2001, p. 154), “além de a história ser bonita”, seu leitor deveria ter habilidades específicas para que os demais desfrutassem de sua leitura da maneira mais prazerosa possível”. Se o(a) professor(a) não evidenciar uma admiração na hora da leitura, acarretará uma desmotivação ao(à) aluno(a).

Marinho e Pinheiro (2012) também afirmam a importância de ler por si, sugerindo, ainda, alguns questionamentos que os(as) professores(as) precisam fazer aos(às)alunos(as) antes mesmo de introduzir os textos que serão lidos, a exemplo de sondar o que eles(as) gostam, quais são seus interesses imediatos, que experiências culturais lhes são mais determinantes. E acrescentam:

A partir daí ele poderá partir de uma história que de modo ou de outro, possa tocar seus leitores. A porta de entrada é fundamental. Depois se vai ampliando a experiência de leitura, vai se abrindo a visão às vezes estreita do leitor adolescente. Partindo do princípio de que o gosto pode e deve ser educado, é fundamental insistir na leitura- não só de cordel. E leitura muitas vezes como trabalho na busca de significação. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 127).

Segundo Antunes (2003, p. 66), a leitura “[...] é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor”. Partindo desse pressuposto, a leitura é um fundamental meio de poder, que permite ao(à) aluno(a) ter vez e voz, proporcionando-lhe criar e interagir na sociedade em que vive. Conforme Soares (1998, p. 19):

[...] o acesso à leitura é considerado como intrinsecamente bom. Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios ao indivíduo e à sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação.

Nessa perspectiva, a literatura de cordel, com base na oralidade, pode muito bem contribuir expressivamente para a reflexão, o desenvolvimento do senso crítico sobre os fatos que circundam seus leitores, a habilidade oratória e o acondicionamento das ideias. Também pode auxiliar as emoções e opiniões, uma vez

que versa sobre diversos assuntos que incluem figuras folclóricas e fatos reais atuais, englobando críticas sociais, políticas e opiniões dos próprios cordelistas, fazendo desse gênero uma forte fonte didática e educativa, que servirá de base para discussões e questionamentos dos alunos. Alves (2008, p. 107) destaca que

É justamente a partir desse momento que se torna possível desenvolver o senso crítico do aluno, levando-o a perceber não só a sua posição no mundo como também a posição do outro, representada nos diversos contextos sociais. O contato com a Literatura de Cordel pode ser capaz de proporcionar aos alunos uma ampliação de sua capacidade de enxergar as diversidades sociais, políticas, econômicas e culturais de nosso país, principalmente do Nordeste, palco de tantas disparidades.

Trabalhar com cordel em sala de aula implica, como lembram Marinho e Pinheiro (2012, p. 127),

[...] a ideia de sugerir atividades e procedimentos para serem trabalhados na realidade escolar, não como um receituário, antes como pistas para fazer com que a literatura de cordel possa ser experimentada, vivenciada pelos leitores e não apenas observada como algo exótico para alguns.

Diante disso, deve ser proposta uma abordagem metodológica da literatura de cordel para ser trabalhada em sala de aula não como uma fórmula pronta, mas partindo da realidade sociocultural dos(as) alunos(as); as diferentes realidades e os objetivos é que vão determinar em que situações e por meio de quais metodologias ela deve ser mediada.

4 VIVENCIANDO A PROPOSTA: A LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA

4.1 O cordel e as oficinas

Nossa mediação terá dois momentos. No primeiro, os(as) alunos(as) serão convidados(as) a irem à biblioteca da escola, onde será apresentado o projeto *Literatura de cordel e o empoderamento feminino: uma proposta de letramento literário para a sala de aula*. De início, falaremos sobre a importância do projeto para nossa aquisição do diploma de mestre e para o conhecimento deles(as). Depois, explicaremos o significado da palavra empoderamento, sua origem e sua importância na luta pelos direitos da mulher. Em seguida, faremos algumas perguntas sobre o que eles(as) sabem a respeito da literatura de cordel, tais como:

- a) Vocês já conhecem o gênero literatura de cordel?
- b) Se já, digam como e quando vocês travaram contato com esse gênero.
- c) Vocês possuem folhetos de cordel em casa?
- d) O que é cordel para vocês?
- e) Folheto é o mesmo que Cordel?
- f) De onde vem o nome Cordel?
- g) No Brasil, também se costumava pendurar os cordéis em barbantes para a venda?
- h) Qual a origem do cordel?
- i) Quem é considerado o pai do Cordel?
- j) Quais as principais características do cordel?
- k) O que vocês esperam aprender nos folhetos de cordel?
- l) Por que ler cordéis?

A abordagem introdutória do cordel a partir dessas questões tem como objetivo principal investigar o que os(as) estudantes sabem sobre o gênero: seu conceito, sua história, sua importância, entre outras questões. As respostas a elas serão cruciais para a execução das outras partes do projeto. Após o debate e a explanação deles(as), apresentaremos três cordéis, dois de autoria das cordelistas Dalinha Catunda, com *Apologia ao cordel* e *Cordel no emalo das redes*, e um de Rosário Pinto, com *O poeta e o folheteiro* (anexo), que versam sobre a história do gênero. Essas duas cordelistas foram escolhidas porque, como já mencionada

anteriormente, participam de um blog intitulado *Cordel de Saia*, idealizado e criado por Dalinha Catunda, com a colaboração da cordelista Rosário Pinto. Neste blog direcionado à cultura popular, como o próprio site informa, a mulher aparece como figura principal e tem como função divulgar eventos relacionados à literatura de cordel, além de descobrir e fazer circular produções de mulheres cordelistas.

Como proposta de sondagem, a partir desses cordéis, buscaremos ampliar nosso levantamento com os alunos e as alunas sobre suas práticas de leitura, o que conhecem de literatura, os conhecimentos que têm sobre a literatura de cordel; para isso, levaremos impressas, em fitas de papel, palavras associadas ao cordel, como: xilogravura, folheto, cordel, violeiro, poesia popular, cordelista, entre outros, e indagaremos o que sabem sobre essas palavras, o que elas lhes suscitam; após a resposta deles(as), pediremos que coleem, em ordem alfabética, essas fitas em um painel que colocaremos na sala, feito de papel madeira, e, em seguida, que conceituem esses verbetes de acordo com os conhecimentos que adquiriram. Trabalharemos, então, os significados, sempre levando em consideração o que já aprenderam, ou apresentando-lhes, caso desconheçam algum.

Ainda nessa ocasião, levaremos alguns folhetos de cordéis para irem se familiarizando; serão escolhidos folhetos clássicos, para que já conheçam os primeiros grandes cordelistas e suas obras, como: *A chegada de Lampião no céu*, de Rodolfo Coelho Cavalcante; *O romance do pavão misterioso*, *História da donzela Teodora*, *O Boi Misterioso*, *O dinheiro*, *O testamento da cachorra* e *O cavalo que defecava dinheiro*, de Leandro Gomes de Barros, *Cante lá que eu canto cá*, *Fulô e Aqui tem coisa*, de Patativa de Assaré; de folhetos baseados em livros clássicos da literatura nacional, como *Iracema*, de Stelio Torquato Lima, *O tronco do Ipê* e *Luzia Homem*, de Arievaldo Viana, e a *Galinha dos ovos de ouro*, de Paiva Neto. Selecionaremos também folhetos de mulheres, como *Mulheres no cordel*, de Vânia Freitas, *Ana e o amor (muita calma por favor)*, de Bia Lopes, *Mulher de luta e de história*, de Julie Oliveira, bem como de outros cordelistas nordestinos de renome, a exemplo do conhecido Bráulio Bessa. Para isso, esses folhetos serão distribuídos, a fim de que folheiem e leiam livremente. Permitiremos, ainda, que levem os cordéis para casa e leiam para seus pais, como uma forma de aproximá-los mais do gênero.

Na aula seguinte, será realizada uma roda de conversa sobre as leituras feitas em casa, para que, de forma espontânea, possam manifestar suas impressões

acerca dos folhetos disponibilizados. Para isso, formularemos algumas perguntas que possam permitir aos alunos e às alunas apresentarem suas considerações, a saber:

- a) Vocês leram os folhetos que levaram para casa? Quem leu mais de uma vez?
- b) Quem leu para os pais, irmãos ou outras pessoas?
- c) Gostaram do que leram?
- d) De que falava o folheto que vocês levaram para casa?
- e) Como era a linguagem? A leitura foi fácil ou difícil de compreender?
- f) Quem leu para algum familiar em casa, o que ele falou após a leitura?

No segundo momento, partindo do pressuposto de que já se familiarizaram um pouco com a literatura de cordel, realizaremos três oficinas que abordam a mulher como sujeito de ação e luta. Na primeira, será trabalhado o tema *A mulher que luta*, uma vez que procuraremos apresentar, através de cordéis, a lei Maria da Penha e a luta das mulheres pelos seus direitos. Na segunda oficina, daremos continuidade ao tema anterior e será abordado *A mulher que verseja*, momento em que trataremos das conquistas e lutas das mulheres. Já na terceira oficina, falaremos de algumas mulheres que atuam nessas lutas e subvertem papéis sociais previamente estabelecidos, com o tema *A mulher que subverte*.

É importante lembrar que esses temas serão trabalhados com meninas e meninos entre 11 e 15 anos, que estão ainda em um processo acelerado de crescimento físico e estruturação psicológica, sendo de extrema importância levar os temas escolhidos com todo o cuidado e respeito possíveis, por meio de abordagens didáticas adequadas à faixa etária.

4.2 Primeira oficina: A mulher que luta

Na primeira oficina, como dito, desenvolveremos o tema *A mulher que luta*, tendo em vista que discutiremos a lei Maria da Penha e a luta das mulheres para garantir seus direitos na sociedade. Para isso, escolhemos dois cordéis, que são: *Mulheres empoderadas: conquistando seus espaços e seus direitos* e *Flor precisa de cuidados, mulher merece respeito* (anexo). Nosso objetivo é levar os alunos e as alunas a refletirem sobre os direitos da mulher adquiridos com a lei Maria da Penha e, assim, fazer com que possam compreender a importância de conhecer os direitos e

as lutas delas. O primeiro cordel retrata a luta das mulheres ao longo da história e suas conquistas, enquanto o segundo versa sobre o relacionamento de uma mulher com seu marido, que, no início, parecia romântico e companheiro, mas, depois, passa a agredi-la física e psicologicamente até a morte, cometendo feminicídio.

Como motivação, utilizaremos um vídeo⁴ em que uma garotinha declama o cordel intitulado *A lei Maria da Penha em cordel* (anexo), de autoria do cordelista cearense Tião Simpatia. Após a leitura e a exibição do vídeo, faremos uma roda de conversa sobre o que compreenderam, a partir de algumas perguntas centradas na lei Maria da Penha:

- a) O que é a lei Maria da Penha?
- b) Quem é Maria da Penha?
- c) O que foi modificado, a partir dessa lei, quanto à forma de se lidar com os casos de violência contra a mulher?
- d) O que ainda precisa ser mudado em relação a isso e o que fazer para mudar?
- e) O que podemos fazer para essa lei ser respeitada?

Na *introdução*, será apresentada aos alunos e às alunas a cordelista com que iremos trabalhar. Por meio da sua biografia, enviada por ela mesma, mostraremos algumas fotos e cordéis dela e aproveitaremos para perguntar se conhecem alguma cordelista mulher. É o momento de explicar as dificuldades que as mulheres enfrentaram para poder escrever e publicar cordéis, uma vez que, durante muito tempo, a literatura de cordel foi escrita somente por homens. Depois, pediremos que façam uma pesquisa em casa sobre as mulheres que conseguiram se destacar como cordelistas no Brasil, anotando as informações que julgarem importantes para exporem na sala de aula e, assim, refletirmos um pouco sobre esse assunto. Após a apresentação da cordelista, perguntaremos se gostariam de conhecê-la pessoalmente e logo falaremos que, em outro momento, ela irá visitar a escola.

Iniciando a etapa de leitura, entregaremos para cada aluno e aluna o primeiro cordel da autora em questão: *Mulheres empoderadas: conquistando seus espaços e seus direitos*. Por ser um cordel, preferiremos fazer uma leitura oral, com eles(as) acompanhando, e, numa segunda vez, realizaremos uma espécie de jogral,

4 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mmi7YTdxmM>.

em que cada aluno ou aluna que se prontificar fará a leitura de uma estrofe. A proposta de jogral nos permitirá envolver todos os alunos e alunas de forma integral e dinâmica, já que o jogral vai além da leitura estática e alternada das pessoas que dele fazem parte. É importante lembrar que em um jogral podemos explorar todas as possibilidades de expressão corporal, principalmente a facial, pois os sentimentos de cada discurso devem manifestar-se no olhar, em toda a expressão facial. Após essa atividade, faremos da mesma maneira com o outro cordel, *Flor precisa de cuidados, mulher merece respeito*. Depois, realizaremos uma roda de conversa sobre os cordéis lidos e, em seguida, apresentaremos algumas perguntas por escrito, para que, em duplas, possam discutir e expor na roda de conversa. As perguntas serão as seguintes:

- a) O que acharam da leitura dos cordéis?
- b) Qual é a semelhança entre os dois cordéis?
- c) Qual foi o tema abordado?
- d) O que acharam da forma como o tema foi abordado?
- e) Vocês conhecem alguém que tenha vivenciado algo semelhante ao que aconteceu com a personagem do cordel *Flor precisa de cuidados, mulher merece respeito*?

Nas etapas de *interpretação*, os alunos e as alunas se reunirão em dupla e discutirão algumas questões por escrito (apêndice) acerca dos cordéis que leram para serem debatidas em sala e, depois, entregarão suas respostas. Faremos também um debate, a partir de uma roda de conversa, em que irão apresentar suas impressões sobre os cordéis lidos, principalmente o cordel que narra o relacionamento de um casal que começa bem e, depois, se iniciam as agressões por parte do companheiro, culminando com o assassinato da mulher. Para essa roda de conversa, selecionamos uma notícia tirada de um site sobre alguns casos de feminicídio que ocorreram no Brasil ao longo de 10 anos depois da legalização da Lei Maria da Penha (anexo) e um vídeo⁵ de um cordel da cordelista Anne Karolyne intitulado *A mulher não é culpada*, que complementa essa ideia de que a mulher não deve nunca se sentir culpada por ser violentada e que, em nenhuma situação de violação de direitos, ela deve aceitar o

5 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JHcLjGRBlis>.

lugar de culpada pelo que veste ou fala, pelo que disse; ela deve ter consciência dos direitos que têm.

4.3 Segunda oficina: A mulher que verseja

Para a *motivação* dessa oficina, pediremos que os(as) discentes apresentem as pesquisas, solicitadas na oficina anterior, que fizeram sobre as cordelistas; aproveitaremos, então, para mostrar fotos com biografias das seis mulheres cordelistas cearenses, já apresentadas, enfatizando o quanto elas estão se destacando na literatura de cordel, apesar das batalhas que ainda enfrentam como escritoras, e exibiremos também uma música da Rita Lee, *Agora Só Falta Você*, na voz da cantora Pitty (anexo). A letra da música traz os sentimentos da mulher que, cansada de ouvir que tem que agir de determinada forma, “um belo dia”, como diz a letra, resolve levar a vida do jeito que quer, não esquecendo de convidar todo mundo para ir junto nesse caminho de liberdade. Com isso, procuraremos fazer uma roda de conversa sobre esse desejo e luta de liberdade das mulheres, as suas conquistas em vários ramos da sociedade e, especialmente, como cordelistas.

Para a *introdução* dessa oficina, falaremos mais um pouco sobre a cordelista, dessa vez com a exibição de um vídeo⁶ em que ela é entrevistada em uma televisão local, e a autora conta a sua história de vida. Após a exibição, pediremos que os alunos e as alunas relatem suas impressões a respeito da entrevista.

Para a etapa de leitura, selecionamos dois cordéis de Ivonete Moraes que retratam as conquistas dessas mulheres como cordelistas, que são *Mulher cordelista na arte de versejar* e *O amor de A a Z, virtudes indescritíveis* (anexo). O primeiro mostra que a mulher conquistou o seu espaço como cordelista, enquanto o segundo foi escolhido por ser o primeiro cordel da autora. Iremos sugerir a leitura dos cordéis novamente em jograis.

Lembramos que o objetivo dessa oficina é perceber o espaço que a mulher conquistou como cordelista. Para tanto, apresentaremos uma reportagem⁷ que relatam a vida de algumas mulheres que são referências na luta pela igualdade de

6 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_pauqsuDyuQ.

7 CONHEÇA cinco mulheres que transformaram o Brasil. G1, São Paulo, 3 ago. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/conheca-cinco-mulheres-que-transformaram-o-brasil.html>. Acesso em: 6 abr. 2020.

direitos. A seguir, fizemos uma síntese⁸ das histórias das personalidades que constam na referida reportagem:

- a) Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810 – 1885), filha de latifundiários, casada contra a sua vontade aos 13 anos e divorciada pouco tempo depois, foi romancista, poeta e destacou-se por escrever artigos em que protestava em favor da equidade de direitos entre homens e mulheres, assim como da liberdade religiosa e da abolição;
- b) Chiquinha Gonzaga (1847 – 1935), carioca, largou o marido, que a proibia de tocar piano, e tornou-se compositora e maestrina, uma das mais importantes artistas da música brasileira;
- c) Carolina de Jesus (1914 – 1977), mineira descendente de escravizados, moradora de uma favela em São Paulo, a despeito de ter largado cedo a escola para trabalhar na lavoura, foi escritora e sua obra-prima, *Quarto de despejo*, foi traduzida para treze idiomas e publicada em mais de quarenta países;
- d) Maria Lenk (1915 – 2007), paulistana, a primeira sul-americana a competir em olimpíada e detentora de três recordes mundiais de natação; enfrentou muito preconceito por ser nadadora – em decorrência disso, foi excomungada por um bispo de Amparo (SP) – e lutou pela igualdade de direitos no esporte;
- e) Maria da Penha (1948 –), farmacêutica fortalezense, ficou paraplégica após levar um tiro de seu ex-marido, e diante da ausência de uma legislação que tratasse com o devido rigor casos como o dela, encaminhou sua denúncia à Comissão Interamericana dos Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos, fato que levou o estado brasileiro a aprovar a Lei Federal 11.340/2006, que leva o nome dela e trata de coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

Após essa roda de conversa, pediremos que formulem, em duplas, algumas perguntas, como se fosse uma entrevista para ser feita com a cordelista, que virá na próxima aula.

8 Uma adaptação do que se encontra na referência supracitada.

Para as etapas de *interpretação* dessa oficina, faremos uma roda de conversa, mas, dessa vez, com a presença da própria cordelista, que discutirá o papel da mulher no cordel em meio a uma sociedade ainda machista. Os(as) alunos(as) farão algumas perguntas elaboradas por eles(as) na aula anterior como atividade e anotarão as respostas para serem apresentadas na próxima oficina. Aproveitaremos a oportunidade para que a própria autora faça uma apresentação artística, declamando seus cordéis e apresentando seu acervo.

4.4 Terceira oficina: A mulher que subverte

Para a *motivação* dessa oficina, assistiremos a um vídeo⁹ explicativo sobre como fazer um cordel, produzido por uma cordelista paraibana, Anne Karolyne. Nele, ela explica, passo a passo, o processo de composição. Feito isso, apresentaremos os cartazes (anexo) com os quais ela mostra esse passo a passo, dando ênfase à composição da sextilha, como a autora faz no vídeo. Um ponto interessante desse vídeo é o fato de a cordelista vestir trajes nordestinos que lembram a indumentária de Maria Bonita, tema dos cordéis que iremos apresentar nessa terceira oficina.

Após a roda de conversa e a explanação dos cartazes explicativos, iniciaremos a etapa da *introdução*, que é a apresentação da autora, que agora será realizada pelos próprios alunos e alunas, com a exposição das principais perguntas e respostas que acharam pertinentes. Encerraremos essa etapa com a exibição de um vídeo¹⁰ da cordelista, em que ela apresenta seus acervos em sua própria casa.

Para a etapa de *leitura* dessa oficina, selecionamos dois cordéis: *Maria Bonita, a rainha do cangaço*, e *Histórias das mulheres no cangaço* (anexo). Os dois versam sobre as mulheres do cangaço, suas trajetórias de vida, seus medos e suas conquistas num ambiente machista. Entre essas mulheres, estão Maria Bonita, Dadá, Lídia, Durvalina, Maria Jovina, Mocinha, Nenem e tantas outras que, em meio a uma sociedade que impunha um papel social muito específico para a mulher, entrarem em um movimento que já era por si só revolucionário à ordem vigente foi um ato de coragem e resistência a diversos arquétipos de gênero.

Essas mulheres eram pessoas comuns que viviam nos sertões nordestinos, e, muitas vezes, se sentiam atraídas pela possibilidade de mudar seu destino, como

9 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IG7XU7B_8K4&t=13s.

10 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MSFsZJXFOA4>.

a proposta de um casamento arranjado, de afazeres domésticos impostos somente a elas, do papel submisso dentro da família e até da questão religiosa. Muitas podiam até aprender a ler e escrever, por exemplo, atividade pouco comum para mulheres na época. A cordelista Ivonete Moraes versa sobre a trajetória dessas mulheres, começando por Maria Bonita, que foi a primeira mulher a ser aceita no cangaço, dando possibilidades para as outras cangaceiras. Faremos a leitura dos cordéis, para facilitar a compreensão da narrativa, e depois realizaremos a leitura alternando os leitores, espontaneamente, entre alunos e alunas. Para essa segunda leitura, pediremos que prestem atenção também nas rimas e nas quantidades de versos que apresentam cada estrofe. Após a leitura, explicaremos novamente, através dos cordéis lidos, as principais características para a composição de um cordel, apresentadas na motivação dessa oficina.

Para etapas da *interpretação* dessa oficina, será feita uma roda de conversa sobre os cordéis. Como se referem a acontecimentos das mulheres no cangaço, selecionamos a música de Zé Ramalho, *Mulher Nova Bonita e Carinhosa Faz O Homem Gemer Sem Sentir Dor* (anexo), que narra fatos históricos, tendo a mulher como personagem, mas ainda tratada de maneira passiva, apenas com destaque para a sua beleza e para servir ao companheiro, este retratado como o grande herói. Levaremos uma discussão crítica a partir da música, deixando entrever que muitas mulheres atuantes na História, por exemplo, aparecem apenas como uma figura ao lado do homem, sendo apresentadas sempre a partir do imaginário do herói. Após a leitura e escuta da música, pediremos aos(as) alunos(as) para irem à sala de informática pesquisarem esses principais personagens apresentados na música e nos cordéis lidos, a saber: Menelau e Helena, Alexandre e Roxane, Cervantes, Lampião e Maria Bonita e Curisco e Dadá. Após as pesquisas, devem destacar, em cartazes, quem são essas figuras históricas. Esses cartazes serão apresentados em grupos de cinco; cada grupo ficará com uma dupla dos personagens escolhidos, lembrando que apenas um grupo ficará com um personagem ao invés de dois, que é a do poeta Cervantes.

Em seguida, solicitaremos que se reúnam nos mesmos grupos para produzirem um cordel que contemple, pelo menos, um dos assuntos abordados nas três primeiras oficinas. Como sugestão, cada membro do grupo fará uma estrofe, de preferência sextilha, que é o que foi orientado no passo a passo apresentado na motivação dessa oficina. As estrofes deverão ser entregues, para que a professora as

leia, avalie e possam ser reescritas depois, se for o caso. Após a entrega da reescrita, faremos uma atividade de confecção de livretos de cordel de até oito páginas, cujo passo a passo¹¹ descrevemos a partir de agora.

Primeiro, pediremos que digitem os textos produzidos e, em seguida, que os imprima. Depois, para fazer a matriz do miolo, pediremos que dobrem uma folha de papel uma vez na horizontal e uma vez na vertical e encontrem as pontas. Depois dessa operação, devem numerar, com lápis, na borda inferior de cada página, e, em seguida, devem recortar a impressão e colocar a composição dos poemas e os números nas páginas com a folha já aberta, seguindo a sequência da numeração e centralizando o texto recortado de acordo com os limites de vinco.

Em seguida, devem apagar as marcas de lápis, ou, se preferirem, colar os números das páginas em seu lugar. As cópias dessa matriz devem ser feitas na quantidade dos folhetos que desejarem produzir. Para a capa, devem digitar o título e o nome do(a) autor(a), para depois serem feitas duas cópias. Para a matriz da capa, farão o mesmo procedimento com a matriz do miolo. Depois, devem colar, na parte superior, o título e, na parte inferior, o nome dos autores. No meio da capa, eles devem colar a cópia da ilustração previamente feita para esse fim, desenho, ou xilogravura, que deverá ser ajustada por meio do processo de redução ou ampliação. Esse processo terá que ser repetido nas duas capas que irão compor a matriz, para que, em seguida, façam cópias desta, metade da quantidade de folhetos que desejam produzir.

As cópias devem ser separadas com estilete, tomando os cuidados para que este instrumento de corte seja manuseado por um adulto, guiando o corte com uma régua, e, por fim, para o acabamento do folheto, deverão colocar o miolo dentro da capa e grampear, com o grampeador aberto, sobre o pedaço de um isopor, com a capa aberta e virada para cima, fazendo, em seguida, o remate dos grampos. Para ilustrar os folhetos de cordel com a xilogravura alternativa, sugeriremos que reaproveitem bandejinhas de isopor que embalam frutas, carnes e frios e retirem as bordas com o auxílio de um estilete. Com a ponta do cabo de um pincel, marcarão o desenho no isopor. Essa matriz vai funcionar como um carimbo: o que estiver em baixo relevo vai ficar branco e o que estiver em alto relevo vai ficar na cor da tinta

11 Adaptado de: HOLANDA, A.; RINARÉ, R. **Cordel**: criar, rimar e letrar. Fortaleza: Editora Imeph, 2009.

utilizada na impressão. Essa matriz deverá ser coberta com uma camada fina e regular de tinta guache na cor desejada para a impressão.

Por fim, informaremos que os cordéis que confeccionaram serão expostos num sarau promovido pela escola e que a comunidade escolar terão a oportunidade de ler suas produções. O sarau faz parte da semana cultural que acontece sempre no segundo semestre do ano letivo. Durante um mês, toda a escola se prepara para esse evento e em uma semana acontecem as apresentações. Cada turma fica responsável por subtemas a partir do tema matriz e expõe seus trabalhos para a comunidade escolar, culminado sempre com um evento envolvendo várias manifestações artísticas, como danças, teatros, músicas e esportes. Após o sarau, informaremos que os cordéis ficarão na biblioteca da escola, como os primeiros cordéis da biblioteca e com o nome *Cordelteca Ivonete Moraes*, já combinado com o núcleo gestor e a responsável pelo espaço. Durante as apresentações dos trabalhos, teremos a oportunidade de realizar a inauguração dessa cordelteca com o nome da cordelista envolvida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O letramento literário tem como objetivo, para além do simples ato de transmitir os padrões de decodificação da língua escrita, formar leitores capazes de se integrarem numa comunidade, vivenciando, de fato, as práticas culturais que a caracterizam e de se autoconhecerem, não como indivíduos isolados, mas como sujeitos que compartilham experiências. Nesse sentido, Cosson (2007) defende que a leitura literária permite uma melhor experiência de leitura não só porque investe no hábito da leitura, mas porque nos dá os instrumentos necessários para compreender com proficiência o mundo feito linguagem, o que nenhum outro tipo de leitura faz.

A leitura e o estudo dos textos literários, infelizmente, acontece na escola, muitas vezes e inadequadamente, como uma outra atribuição da escolarização, quando, na sala de aula, o texto literário é utilizado para outros fins, como trabalhar a gramática, a ortografia ou uma ficha de leitura, ou seja, utiliza um texto literário, transformando-o apenas em material (para)didático.

Acreditamos, portanto, que um trabalho com a sequência didática, de autoria do pesquisador Cosson (2007), utilizando a sequência didática como proposta de mediação, possa promover o aprendizado da leitura literária e a sua compreensão, permitindo aos nossos alunos e nossas alunas se sentirem como sujeitos dotados de histórias de vida e a vivenciar, na escola, a linguagem multifacetada da literatura.

O interesse pela vertente do estudo do cordel surgiu da necessidade de conhecer e aprofundar na escola uma das mais ricas manifestações culturais do Nordeste brasileiro. O cordel é uma importante ferramenta para o aprendizado, devido à presença das diversas vozes sociais que o caracterizam. Nesse sentido, o cordel é um meio de comunicação verbal capaz de formar opiniões, informar, questionar, permitir reflexões e questionamentos. Por isso, ao ser trabalhado junto aos alunos e às alunas, permiti-os(as) e oportuniza-os(as) a entrar em contato com essa linguagem que expõe nossa diversidade cultural.

Estudar cordel em sala de aula pressupõe conhecer a estrutura composicional desse gênero, uma vez que é um gênero híbrido, além de explorar os mais diferentes assuntos em seu conteúdo temático, o que nesse projeto consiste no empoderamento feminino, nas lutas que as mulheres travam para assegurarem seu lugar de direito na sociedade. Marinho e Pinheiro (2012) destacam que, ao longo da história da literatura de cordel, o gênero tem sido um importante instrumento de

informação e de reivindicações de cunho social, apontado como uma acentuada forma de denúncias das injustiças sociais ao longo dos séculos.

Abordando os diversos problemas e conquistas das mulheres, acreditamos que os(as) educandos(as) terão a oportunidade de enriquecer e ampliar suas visões de mundo. Para isso, apresentamos três oficinas temáticas, em que se visa trabalhar o gênero cordel, buscando sempre uma participação ativa dos(as) discentes enriquecida com diversas atividades que ensejem o pensamento crítico e criativo e trabalhando competências socioemocionais, como roda de conversa, jogral, entrevista, confecção de livretos, etc.

Salientamos, como já foi mencionado, que as oficinas sugeridas não puderam ser efetivadas em razão do contexto da pandemia, mas que, num momento oportuno, iremos aplicá-las. Lamentamos não poder apresentar o retorno esperado dessa proposta, que seria a participação ativa dos(as) discentes, seus questionamentos, seus anseios, suas reflexões, seus cordéis produzidos. No entanto, elaboramos um *Caderno de atividades* direcionado aos(as) discentes, a ser um instrumento pedagógico não somente para turmas do 7º ano, como seria a sugestão inicial do projeto, mas que poderá, a depender das competências e dos objetivos traçados para o trabalho em sala de aula, abranger as séries finais do ensino fundamental. Esperamos, portanto, que esse material, em termos de resultados, possa contribuir para o campo de construção de suportes didáticos ao trabalho docente.

Por fim, almejamos que essa proposta de mediação, a partir do gênero literatura de cordel, que merece ganhar espaço nos currículos escolares por apresentar diversos recursos que podem ser explorados em práticas pedagógicas, permita ao(à) educando(a) o despertar para a sensibilidade e a criticidade. Além disso, desejamos que ela proporcione a expansão das práticas da oralidade, da leitura e da escrita e abra um leque de oportunidades para outras propostas voltadas para o letramento literário.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- ALAGOANO, A. **O violino do diabo ou o valor da honestidade**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1981.
- ALVES, R. M. **Literatura de cordel**: por que e para que trabalhar em sala. Fórum Identidades, Sergipe, v. 4, n. 4, p. 103-109, jul./dez. 2008.
- ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.
- ATAÍDE, J. M. **O poder oculto da mulher bonita**. Juazeiro: [s. n.], 1976.
- AYALA, M. I. N. **No arranco do grito**. São Paulo: Ática, 1988.
- BAQUEIRO, R. V. A. Situação das Américas, capital social e empoderamento. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.6, n.1, p.174-175, 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/26722/17099/>. Acesso em :10 dez. 2020.
- BARROSO, G. **Terra de sol**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.
- BATISTA, P. N. Entrevista de Paulo Nunes Batista. Entrevista concedida a Ana Lúcia Nunes e Paulo Henrique. *In*: ROVEDO, S. **Literatura de cordel**: o poeta é sua essência. Rio de Janeiro: [s. n.], 2009.
- BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).
- BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018a. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 6 abr. 2020.
- BRASIL. **LDB**: lei de diretrizes e bases da educação nacional. 2. ed. Brasília: Senado Federal, 2018b. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bas_es_2ed.pdf. Acesso em: 6 abr. 2020.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & linguística**. 6. ed. São Paulo: Scipione, 1993.
- CANDIDO. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CARVALHO, E. F.; OLIVEIRA, L. F. S. Maria das Neves Batista Pimentel: a voz por trás do verso. **Leia Escola**, Campina Grande, v. 16, n. 2, p. 110-123, 2016.
- COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007.
- FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003. (Série Educação).

GALVÃO, A. M. O. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Coleção Historial, 9).

HAHNER, J. E. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HAURÉLIO, M. **Breve história da literatura de cordel**. São Paulo: Claridade, 2010. (Coleção Saber de tudo).

HOLANDA, A.; RINARÉ, R. **Cordel: criar, rimar e letrar**. Fortaleza: Editora Imeph, 2009.

JOSY, M. **Mnemosine: Rede de Mulheres Cordelistas, Cantadoras e repentistas**, Fortaleza, [201-]. Blogue. Disponível em: <http://redemnemosine.blogspot.com/p/blog-page.html>. Acesso em: 6 abr. 2020.

KRAMER, S. Alfabetização: dilemas da prática. *In*: KRAMER, S. (org.). **Alfabetização: dilemas da prática**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

KUNZ, M. Rodolfo Coelho Cavalcante: um caso de peleja entre oralidade e escrita. *In*: CARREIRA, A. L. A. N. et al. (org.). **Mediações performáticas latino-americanas**. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2003.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LEITE, S. A. S. Afetividade e letramento na educação de adultos. *In*: LEITE, S. A. S. (org.). **Afetividade e letramento na educação de jovens e adultos – EJA**. São Paulo: Cortez, 2014.

MACIEL, F. I. P. M.; LÚCIO, I. S. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática. *In*: CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P. M.; MARTINS, R. M. (org.). **Alfabetização e letramento na sala de aula**. São Paulo: Autêntica, 2018.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Trabalhando com... na escola).

MAXADO, F. **O que é cordel na literatura popular**. Mossoró: Queima Bucha, 2012.

MONTEIRO, M. **Quer escrever um cordel? aprenda a fazer fazendo**. 4. ed. Campina Grande: [s. n.], 2010.

MORAIS, I. **História das mulheres no Cangaço**. Fortaleza: [s. n.], 2016.

MORAIS, I. **Mulher cordelista na arte de versejar**. Fortaleza: [s. n.], 2016.

MORAIS, I. **Flor precisa de cuidados, mulher merece respeito**. Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2019.

MORAIS, I. **Mulheres empoderadas**: conquistando seus espaços e seus direitos. Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2019.

MORAIS, I. **Maria Bonita**: a rainha do cangaço. Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2019.

NEGREIROS, A. **Maria Bonita**: sexo, violência e mulheres no cangaço. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

PAULINO, G. et al. **Formação de leitores**: a questão dos cânones literários. Revista Portuguesa de Educação, v. 17, n. 1, p. 47-62, 2004.

PINTO, R. **Rosário Pinto**. [S. n.], 2019. Blog. Disponível em: <http://rosarioecordel.blogspot.com/2019/02/a-escrita-feminina-na-literatura-de.html>. Acesso em: 6 abr. 2020.

QUEIROZ, D. A. **Mulheres cordelistas**: percepções do universo feminino na literatura de cordel. 2006. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ALDR-6WEK7J>. Acesso em: 6 abr. 2020.

SANTOS, F. P. **Romaria dos versos**: mulheres cearenses autoras de cordéis. Cariri: SESC, 2008.

SANTOS, F. P. **Romaria dos versos**: mulheres autoras na ressignificação do cordel. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

SILVA, V. F. **Informação e memória na literatura de cordel**: produção e fluxo. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

ZILBERMAN, R. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. M. K. (org.). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

APÊNDICE – ATIVIDADE DIDÁTICA SOBRE O CORDEL *FLOR PRECISA DE CUIDADOS, MULHER MERECE RESPEITO*

- 1 Vocês, certamente, já ouviram falar em conversas, novelas, jornais ou em outros meios de comunicação sobre Feminicídio. Como vocês compreendem o que vêm a ser Feminicídio?
- 2 A autora do cordel, Ivonete Moraes, já na primeira estrofe, apresenta sua intenção ao fazer esse cordel. Qual a intenção da autora? Vocês diriam que ela conseguiu o seu intento? Por quê?
- 3 Na nona estrofe, aparece a palavra machismo. Vocês, provavelmente conhecem exemplos de comportamentos machistas. Citem, pelo menos, dois exemplos.
- 4 Com base no cordel que estamos estudando, em especial, nas estrofes 9 e 10, que conselhos vocês dariam a uma mulher vítima de atitudes machistas? Ou que atitudes vocês a incentivaria a tomar?
- 5 Na estrofe 5, aparecem os seguintes versos: “Ela sem nenhum suporte / Maltratada até a morte/Foi assim que terminou.” Apresentem duas sugestões de atitudes/acolhimento/suporte para as mulheres que pudessem evitar que a violência resultasse em morte.
- 6 Vocês conhecem a Lei Maria da Penha? Sabem quem é a mulher que deu nome à essa lei?
- 7 Façam uma pesquisa sobre a Lei Maria da Penha! Comentem sobre os ganhos que a lei trouxe para a proteção da vida das mulheres e sobre o que ainda precisa melhorar na sua aplicação.
- 8 Vocês já conhecem outros gêneros textuais como o conto, a poesia, a notícia. Citem algumas características do gênero cordel que vocês destacariam para diferenciar desses outros gêneros citados.
- 9 Na capa do folheto tem uma imagem dos dois personagens. Como são chamadas essas gravuras na literatura de cordel? Como essas gravuras eram feitas? E como são feitas hoje?
- 10 Observem que o cordel se desenvolve em septilha, isto é, em estrofes de sete versos. Qual é o padrão de rima dessas estrofes?

APÊNDICE – ATIVIDADE DIDÁTICA SOBRE O CORDEL *MULHERS*
EMPODERADAS: CONQUISTANDO SEUS ESPAÇOS E SEUS DIREITOS

- 1 A partir da leitura e análise desse cordel, como vocês entendem a expressão “mulheres empoderadas”, reforçadas nas estrofes 15 e 16?
- 2 Na estrofe 12, os versos 1 e 2 dizem “Mulher não é mais a mesma/de algumas décadas atrás ...” Como era essa mulher a que se refere o poema?
- 3 Dê exemplos de, pelo menos, três mulheres que são exemplos de empoderamento para você. O que fazem ou fizeram para serem reconhecidas e admiradas?
- 4 A estrofe 22 fala sobre inclusão social. Para vocês, o que é uma inclusão social? Que ações, atualmente, vocês reconhecem como inclusivas em sua comunidade?
- 5 O cordel como gênero da literatura popular é composto por versos, estrofes, rimas, métrica e oração ou discurso.
 - a) Esse cordel é formado por quantas estrofes?
 - b) De qual estrofe vocês mais gostaram?
 - c) Quantos versos tem cada estrofe desse cordel?

ANEXO – COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LINGUAGEM PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

- 1 Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
- 2 Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
- 3 Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
- 4 Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
- 5 Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- 6 Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Fonte:

BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 6 abr. 2020.

ANEXO – CORDÉIS DE ROSÁRIO PINTO E DE DALINHA CATUNDA UTILIZADOS EM NOSSA MEDIAÇÃO

Apologia ao cordel

Autoria: Dalinha Catunda

Cordel é Literatura
Com certeza popular.
No baú dos portugueses
Chegou e foi para ficar.
Em Salvador aportou,
Sua semente semeou,
Logo começou a brotar.

Sua origem é da Europa
Mas aportou na Bahia.
Ganhou um novo sotaque
Para nossa alegria.
Tem cara de nordestino
E cumpre bem seu destino
Numa eterna romaria.

Leandro Gomes de Barros,
Com sua sabedoria
É poeta renomado
De muita categoria
Sábio empreendedor
E se tornando editor
Abriu uma tipografia.

Criou, publicou folhetos,
Com dinamismo vendeu.
E foi assim que o cordel,
No papel apareceu.
Sendo o mestre de Pombal
A figura principal
Do cordel em apogeu.

O cordel não agoniza,
Como sempre ouvi falar.
Cada dia ganha força
Floresce em todo lugar.
Tirou o pé do sertão
Para invadir a nação
Na arte de se propagar.

Na mala dos nordestinos
Embarcou para o Sudeste.
Ganhou a periferia
Na voz do cabra da peste.
Ganhou feira, até salão
Falando de tradição
E costumes do Nordeste.

Se no rádio sempre estive,
Com certeza continua.
Na feira de São Cristóvão
É o repentista que atua
Demonstrando essa cultura
Que não foi pra sepultura
E ganha aplausos na rua.

É no rádio que o cordel
Mostra bem o seu valor.
Com histórias engraçadas
Contadas no interior
Muito bem interpretadas
Onde o povo dá risadas
Escutando o locutor.

Poetas têm seguimentos,
Que atento leitor seduz.
No dialeto matuto
Enfatizo Zé da Luz.
O que transmite emoção
Falando com coração
A singeleza faz jus.

Temos mestre Patativa
Que honrou o seu cinzel
Fez da saga nordestina
A musa do seu cordel.
Escreveu “Triste Partida”
A história dolorida
Duma seca tão cruel.

Na voz de Luiz Gonzaga,
O nosso rei do baião,
O cordel de Patativa
Transformou-se em canção.
Foi hino dos retirantes
Dos nordestinos errantes
Que deixavam seu torrão

“Vaca Estrela, Boi Fubá”
Foi Fagner quem gravou
Também é de Patativa,
Muita gente se encantou,
E o poema musicado,
Foi aceito no mercado,
Na mídia se propagou

A mulher cavou espaço
E conseguiu penetrar
Neste mundo do cordel
Ocupando seu lugar
Deixou de viver reclusa
Abdicou de ser musa
Para os versos encarar.

O cordel bem sabiamente
Abriu alas para mulher.
Que neste mundo machista
Meteu bem sua colher
E trouxe em sua bagagem
Um punhado de coragem
De quem sabe o que bem quer.

Tem o cordel engraçado,
Matuto e educativo,
Criticar velho cordel
Confesso não há motivo,
Ele tem suas vertentes
Mesmo sendo diferentes
Tem o seu leitor cativo.

Há quem fale em cientistas,
E também em pensadores,
Políticos importantes,
E fazendo os seus louvores.
Mostrando conhecimento
Dos astros e firmamento
E tantos outros valores.

O cordel das prateleiras
Já fez festa no sertão
Balançando-se ao vento
Pendurado num cordão.
Com as lendas de princesas
E contando safadezas
Do famoso Lampião.

O cordel modernizado
Na mídia se faz presente,
Inclusive na internet
E cruzando continente.
O cordel está na praça,
Pois cordelista tem raça
E consegue ir em frente.

Afirmo, também não vale
Criticar a evolução.
De quem escreve cordel
Usando a língua padrão
Usando sabedoria
Com muita categoria
E buscando erudição.

O cordel na internet
É mesmo sensacional
Onde pesquisas são feitas,
E duelo virtual.
O cordel sem retrocesso
Navega para o sucesso
Dando um salto universal

E nas universidades
O cordel é estudado.
Desempenha seu papel
Nas teses de doutorado.
Cordelista dá palestra
E se muita mente adestra
Celebra bom resultado.

Poeta de fino trato
Por favor, seja fiel.
Não se esqueça das raízes
Que tem o nosso cordel
Mesmo sendo singular
Mas sempre foi popular
Na boca do menestrel.

Mensageiro da notícia
Sempre será o cordel.
Popular literatura
Que cumpre bem seu papel.
No rádio e televisão,
Em mera publicação
Divulgada em painel.

E salve o velho cordel!
Chamado tradicional.
Salve a nova criação
Neste mundo virtual
E salve a diversidade
Pois essa variedade
Faz o cordel maior.

O cordel vai se movendo
Em nítida evolução
E vai se modificando
Tal qual o camaleão.
Vai acompanhando os tempos
E seguindo os movimentos
Mostrando sua ascensão.

Fonte:

CATUNDA, D; PINTO, R. **Cordel de Saia**. [S. n.], 2011. Blogue. Disponível em: <http://cordeldesai.blogspot.com/2011/08/apologia-ao-cordel-de-dalinha-catunda.html>. Acesso em: 6 abr. 2020.

Cordel no embalo das redes

Autoria: Dalinha Catunda

Meu cordelzinho matuto
Das feiras do meu sertão
Hoje reina absoluto
Tem farta divulgação
Com seu jeitão enxerido
Agora todo exibido
Brilha na televisão.

Hoje é tema de novela,
Este cordel encantado,
De rainhas e princesas,
E do cangaço falado.
No reino da poesia
Um passado de magia
Será então resgatado.

Aparece ledado e belo,
Nos mais diversos canais.
Sem deixar de ser singelo
Vai estampando jornais
Com sua xilogravura
Mostrando sua cultura,
Que nunca será demais.

Como fico orgulhosa
Em ver meu matutinho,
Sendo bem reconhecido
Mesmo fora do seu ninho.
Está fazendo bonito,
No cordel eu acredito
Pois ele é meu caminho.

Um programa inteirinho
No “Globo Rural” ganhou.
E o “Salto Pro Futuro”,
O seu valor realçou.
No “History Channel”,
Detalhes do cordel
A história revelou.

Escutei cordel em feiras
E rodas de cantoria.
Em encontros com poeta
Onde reinava alegria.
Agora mais abrangente
Continua imponente
Disseminando magia.

A internet chegando,
 Vestiu de asas o cordel,
 Que voou pra todo canto,
 Como um alado corcel,
 Com toda desenvoltura,
 Aproveitou a abertura
 Para firmar seu papel.

Um dia virou folheto
 O que era apenas oral.
 Chegou à televisão,
 A revista, ao jornal.
 E na internet brilha
 Seguindo a nova trilha
 Neste mundo virtual.

Na internet impera,
 A real democracia,
 Lê-se o contemporâneo,
 E o antigo se aprecia
 Com a multiplicidade
 O cordel vira verdade
 Que na rede contagia.

O cordel de trajes simples
 Ou vestido a rigor
 Sempre será respeitado
 Sempre terá seu valor
 Trazendo erudição,
 Ou apenas inspiração
 Traz na rima seu calor.

O cordel de trajes simples
 Reside no interior.
 Nas emissoras de rádio
 Na boca do locutor.
 No sorriso e na alegria
 Que de fato contagia
 Quem lá no campo ficou.

O cordel vestido a rigor
 Usa terno e gravata
 Não é de fazer bravata,
 Seu espaço conquistou
 Traz no seu falar polido
 Um linguajar tão sabido
 Que a escola adotou.

Este cordel que desponta,
 E chegou para ficar.
 Inserido nas escolas
 E ajudando a ensinar
 Traz na bagagem magia
 É o novo que contagia,
 Ajudando a educar.

Quais as faces do cordel?
 Quem poderá me dizer?
 Não diga que é só matuto
 Nisso eu não posso crer!
 Não diga que é erudito
 Pois também não acredito.
 Mas tudo poderá ser.

O Cordel é um alento
 Para o forte Nordeste.
 Cultivador de saudade
 Um eterno peregrino.
 Que leva no coração
 As histórias do sertão,
 A saga do seu destino.

É a gritante saudade
 Da farinha no surrão.
 É a saudade da paçoca
 Bem pisada no pilão
 Da pamonha, da canjica
 Do amor a terra que fica,
 Grudado no coração.

É a cantilena brejeira
 De quem viveu no sertão.
 Tudo que passou um dia
 Vivendo em seu torrão
 Morando na capital
 O cordel vira jornal,
 A fonte de informação.

O cordel é identidade
 Do homem do interior
 Que veio para cidade
 Estudou pra ser doutor
 Mas apesar de formado
 Recorda bem o passado
 E as raízes dá valor.

Preso com os pregadores
Pendurado em cordão.
Avistava-se o cordel
Nas feiras do sertão.
Agora bem editado,
Ricamente ilustrado
Não falta divulgação.

O cordel é oração,
É reza é ladainha.
É a história de um povo
Que incansável caminha
Registrando sua história
Para guardar na memória
Que oralmente retinha.

A internet chegou
Para o cordel socorrer
E zombar de quem dizia
Que o cordel ia morrer.
Acompanhando o progresso
Um cordel sem retrocesso
É o que de fato se ver.

Eu sou Dalinha Catunda,
Também me assino Aragão.
Amante da poesia
Que germinou no sertão
Em Ipueiras nascida
Ao cordel dou guarida
Pois ele é minha paixão.

Fonte:

SILVA, M. M. **Mundo Cordel**. [S. n.], 2011. Blogue. Disponível em:
<http://mundocordel.blogspot.com/2011/05/cordel-de-dalinha-catunda.html>. Acesso
em: 6 abr. 2020.

O poeta e o folheteiro

Autoria: Rosário Pinto

Dois figurões importantes
Neste mundo do cordel
Um compõe o outro vende
Andando de léu em léu
Marcando assim, uma vida
De poesia, sortida
Divulgando o menestrel

LEANDRO foi precursor
A narrar toda esta saga
Do folheto de cordel
Que até hoje se propaga
Por este Brasil inteiro
Por isto que o pioneiro
Da lembrança não se apaga...

Poeta e grande tipógrafo
Seus folhetos imprimia
Entregando ao folheteiro
Que logo os distribuía
A correr feiras e vilas
E o povo fazendo filas
Para comprar poesia

Poucos recursos havia
O comércio era precário
Sustentou muita gente,
Vendendo: de Abecedário
Aos romances de Amor,
De Aventura e de Terror,
Pelejas e Anedotário.

Por sítios, vila e cidade,
Viajando toda a vida
Seu Leandro produzindo
E o folheteiro na lida
Apurando alguns mil réis,
Com a venda dos cordéis,
Tinha renda garantida.

O folheteiro enfrentava
Todo impasse, todo obstáculo
Andando de sol a sol
Em busca do espetáculo
De ver o povo sorrir,
Pensar, amar, refletir,
Fazendo do verso oráculo.

LEANDRO compôs uns mil
Títulos foram vendidos
Sua Tipografia era
Um trabalho de aguerridos
O seu eterno borralho
Foi montando o cabeçalho,
Folheteiros atendidos.

Ferramentas mudaram
Esta bela profissão.
O folheteiro hoje vende
Folhetos em profusão,
Mas, nas Redes Sociais,
Não nas feira naturais,
Como foi na ocasião.

O folheteiro capaz
Na sua incansável lida
Nunca teve outro Ofício
E assim impelia a vida
De carroça ou jumento
Levando contentamento
E tendo boa acolhida

Mas LEANDRO adoeceu,
Deixou um acervo abundante,
Que a viúva resolveu
Vender e no mesmo instante
ATHAYDE, um homem rico
Propôs à viúva: Eu fico!
Comprando todo o montante.

Com a evolução do mundo
Mudou a distribuição,
Hoje em Bancas de Revistas
E em Livrarias são
Expostos e oferecidos
Nossos cordéis que são lidos
Nas escolas da nação.

Naqueles tempos de outrora
ATHAYDE rebanhou,
Cegos e homens do povo,
Por bom preço os contratou,
Pra venderem seus folhetos
Cordéis hoje, ontem folhetos,
Que LEANDRO lhe deixou.

Em seu nome colocou
Toda aquela produção
Os seus e os de Leandro
Sem qualquer má intenção
Pois naquele tempo as Leis
Sem quaisquer Decretos-Leis
Não tinham divulgação.

DELARME tinha um estoque
Para distribuição
JOÃO JOSÉ o procurou
Precisava ganhar pão
No Beco do Seridó
Muito empenhado que só
Montou ali o seu Galpão

Negócio de pouca monta
Porém de grande amplidão,
Apesar da pouca renda,
Dava ganho e profissão
Para os distribuidores
Todos eles vendedores
Dali tiravam seu pão.

Um outro grande editor,
ZÉ BERNARDO, este um romeiro,
Vendendo quinquilharias
Seguiu para o Juazeiro,
Encontrou pelo caminho
Viajando em seu burrinho
O vendedor folheteiro.

Ele que de longe vinha
Pra cumprir sua promessa
Conhecer o padre Cícero,
Andava sempre depressa
Pra chegar no dia certo
Estava, portanto, "alerto"
Isto ao padre ele confessa.

Sempre havia aquele que
Fazia todo o papel
De escrever e, imprimir,
Vender por ser menestrel
Fez do folheto seu lema
Tendo o sertão como tema
E o verso como corcel.

MINERVINO foi um deles,
Bardo, gráfico menestrel,
Imprimiu, criou, vendeu,
Foi sempre esse o seu papel,
Tinha muita produção
Ensinou toda a lição
Sua vida era um tropel.

RODOLFO COELHO veio
Juntar a categoria
De poeta a cantador
Criando benfeitoria
De um CONGRESSO pioneiro
De TROVADOR E VIOLEIRO
Para orgulho da Bahia.

Espalhou pelo Brasil
Um ideal altaneiro
Esse primeiro Congresso
De Trovador e Violeiro
No ano 55
Implantou com grande afinco
Ecoou no mundo inteiro.

Para conhecer melhor
Seus poetas, cantadores
Que corriam este país
Com versos acolhedores
Dessa poesia impressa
COELHO fazia remessa
Aos seus distribuidores.

O Jornal daqueles tempos
Era os versos de um cordel
JOSÉ SOARES, que era
O repórter menestrel
Se o rádio dava a notícia
Ele, com muita perícia,
Passava para o papel.

Foi repórter de seu tempo,
Narrava com precisão
As notícias que ele ouvia
Com a metrificação
Nunca perdeu uma rima
Sempre com ela se anima
Mantendo boa oração

Para não interromper
O ato dessa criação
Vou expondo assim, à vontade
Resquícios de uma visão
Que já publiquei em prosa
E novamente se entrosa
A verdade desta ação.

Os versos me vieram
De tanta leitura feita
Deixo aos poetas, colegas
Dirimir qualquer desfeita
Deixe aqui seu comentário
Ou faça um abecedário
Dessa memória imperfeita.

Fonte:

PINTO, R. **Rosário Pinto**. [S. n.], 2019. Blogue. Disponível em:
<http://rosarioecordel.blogspot.com/2019/04/o-poeta-e-o-folheteiro-2019-2-edicao.html>. Acesso em: 6 abr. 2020.

ANEXO – A LEI MARIA DA PENHA EM CORDEL

Autoria: Tião Simpatia

A lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã
Pra que a mulher de hoje
Não seja uma vítima amanhã.

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.

Tá no artigo primeiro
Que a lei visa coibir;
A violência doméstica
Como também, prevenir;
Com medidas protetivas
E ao agressor, punir.

Já o artigo segundo
Desta lei especial
Independente de classe
Nível educacional
De raça, de etnia;
E opção sexual...

De cultura e de idade
De renda e religião
Todas gozam dos direitos
Sim, todas! sem exceção
Que estão assegurados
Pela constituição.

E que direitos são esses?
Eis aqui a relação:
À vida, à segurança.
Também à alimentação
À cultura e à justiça
À saúde e à educação.

Além da cidadania
Também à dignidade
Ainda tem moradia
E o direito à liberdade.
Só tem direitos nos “as”,
E nos “os”, não tem novidade?

Tem! tem direito ao esporte
Ao trabalho e ao lazer
E o acesso à política
Pro brasil desenvolver
E tantos outros direitos
Que não dá tempo dizer.

E a lei Maria da Penha
Cobre todos esses planos?
Ah, já estão assegurados
Pelos direitos humanos.
A lei é mais um recurso
Pra corrigir outros danos.

Por exemplo: a mulher
Antes da lei existir,
Apanhava e a justiça
Não tinha como punir
Ele voltava pra casa
E tornava a agredir.

Com a lei é diferente
É crime inaceitável
Se bater, vai pra cadeia.
Agressão é intolerável.
O estado protege a vítima
Depois pune o responsável.

Segundo o artigo sétimo
Os tipos de violência
Doméstica e familiar
Têm na sua abrangência
As cinco categorias
Que descrevo na sequência.

A primeira é a física
Entendendo como tal:
Qualquer conduta ofensiva
De modo irracional
Que fira a integridade
E a saúde corporal...

Tapas, socos, empurrões;
Beliscões e pontapés
Arranhões, puxões de orelha;
Seja um, ou sejam dez
Tudo é violência física
E causam dores cruéis.

Vamos ao segundo tipo
Que é a psicológica
Esta merece atenção
Mais didática e pedagógica
Com a autoestima baixa
Toda a vida perde a lógica...

Chantagem, humilhação;
Insultos; constrangimento;
São danos que interferem
No seu desenvolvimento
Baixando a autoestima
E aumentando o sofrimento.

Violência sexual:
Dá-se pela coação
Ou uso da força física
Causando intimidação
E obrigando a mulher
Ao ato da relação...

Qualquer ação que impeça
Esta mulher de usar
Método contraceptivo
Ou para engravidar
Seu direito está na lei
Basta só reivindicar.

A quarta categoria
É a patrimonial:
Retenção, subtração,
Destruição parcial
Ou total de seus pertences
Culmina em ação penal...

Instrumentos de trabalho
Documentos pessoais
Ou recursos econômicos
Além de outras coisas mais
Tudo isso configura
Em danos materiais.

A quinta categoria
É violência moral
São os crimes contra a honra
Está no código penal
Injúria, difamação;
Calúnia, etc. e tal.

Segundo o artigo quinto
Esses tipos de violência
Dão-se em diversos âmbitos
Porém é na residência
Que a violência doméstica
Tem sua maior incidência.

E quem pode ser enquadrado
Como agente/agressor?
Marido ou companheiro
Namorado ou ex-amor
No caso de uma doméstica
Pode ser o empregador.

Se por acaso o irmão
Agredir a sua irmã
O filho, agredir a mãe;
Seja nova ou anciã
É violência doméstica
São membros do mesmo clã.

E se acaso for o homem
Que da mulher apanhar?
É violência doméstica?
Você pode me explicar?
Tudo pode acontecer
No âmbito familiar!

Nesse caso é diferente
A lei é bastante clara:
Por ser uma questão de gênero
Somente à mulher, ampara.
Se a mulher for valente
O homem que livre a cara.

E procure seus direitos
Da forma que lhe convenha
Se o sujeito aprontou
E a mulher desceu-lhe a lenha
Recorra ao código penal
Não à lei Maria da Penha.

Agora, num caso lésbico
Se no qual a companheira
Oferecer qualquer risco
À vida de sua parceira
A agressora é punida
Pois a lei não dá bobeira.

Para que os seus direitos
Estejam assegurados
A lei Maria da Penha
Também cria os juizados
De violência doméstica
Para todos os estados.

Aí, cabe aos governantes
De cada federação
Destinarem os recursos
Para implementação
Da lei Maria da Penha
Em prol da população.

Espero ter sido útil
Neste cordel que criei
Para informar o povo
Sobre a importância da lei
Pois quem agride uma rainha
Não merece ser um rei.

Dizia o velho ditado
Que “ninguém mete a colher”
Em briga de namorado
Ou de “marido e mulher”
Não metia... agora, mete!
Pois isso agora reflete
No mundo que a gente quer.

Fonte:

SIMPATIA, T. **A lei Maria da Penha em cordel**. Ilustrações de Meg Banhos.
Fortaleza: Armazém da Cultura, 2011.

ANEXO – CORDÉIS DE IVONETE MORAIS UTILIZADOS NAS OFICINAS

Flor precisa de cuidados, mulher merece respeito

Pretendo neste cordel,
Seguindo até o final,
Com afinco relatar
As fases de um casal.
Com a relação que começa
Vai vivendo ser ter pressa
Depois surge um vendaval.

Tudo era maravilhoso!
Com muito amor e paixão
Um conhecendo o outro
Havia dedicação
Carinho nunca faltava
Porque o amor reinava
Naquela bela união.

Tudo era só alegria
Com momentos de prazer
Boas comemorações
E não faltava lazer.
Sem crises e “vendavais”,
Foi um tempo bom demais
Para amar e pra viver.

Esse homem enamorado
Flores, buquês ofertava,
Tudo era muito envolvente,
Bem feliz ela ficava,
Pois havia gentileza,
Tudo era só beleza
Para ela, ele brilhava.

Aquela Flor preservava
O respeito, o amor e paz
Do bom relacionamento
Que era sempre eficaz.
Mas ele não se toucou
E a relação desandou
Deixando tudo pra traz.

Ela sempre o tratou bem,
Nunca lhe negou carinho,
Dedicada e atenciosa
No aconchegante ninho
Havia fidelidade
E respeito na verdade
Tudo era com perfeito alinho.

Mas aquele “companheiro”
Foi se modificando
Mudou seu comportamento
E o tempo foi passando
Acabou o bem-querer
E parecendo esquecer
Ele assim foi caminhando.

Um dia uma negra nuvem
Aos poucos escureceu
Aqueles dias brilhantes
Realmente ele esqueceu
E mudou completamente
Não passou em sua mente
Carinhos que ela lhe deu.

Prevaleceu o machismo
Deu lugar a violência
Do cabra autoritário
Com real incoerência
A sua flor foi maltratando
Cada vez mais desamando.
E foi murchando a aparência.

Com seu perfil violento
Da família foi afastando
E também dos seus amigos
Aquela Flor foi desandando
Sua autoestima baixou
E sofrida ela chorou
Ela assim foi caminhando.

E por ser grande machista
Foi perdendo seu espaço
Muitas vezes poligâmico
Era mesmo um fracasso!
Aquele Flor tão desamada
Com sua vida angustiada
Desatou nó, rompeu laço.

Tornando-se poligâmico
Ele fez a coisa errada
Havia poligamia
Cada dia uma enrascada
Tendo várias relações
Engando os corações
Era assim sua jornada.

Arábia Saudita tem
As suas leis diferentes
Homens com várias mulheres
Parecem viver contentes
Mas aqui tudo é escondido
O brasileiro é atrevido
Com enrascadas bem quentes.

Companheiro sem respeito
De mulher pouco conhece
Não deu devido valor,
Por ele, ela não padece.
E reage sabiamente
Para viver mais contente
O que sofreu não esquece.

O companheiro inseguro,
Violento e sem respeito,
Ele é mesmo um infeliz
E não tem nenhum direito
De fechar porta e janela
Daquela Flor que é tão bela,
Que viveu sem preconceito.

Porém, o ex -companheiro
Nunca então se conformou
Aquele Flor perseguiu,
Mulher que ele magoou.
Ela sem nenhum suporte
Maltratada até a morte
Foi assim que terminou.

E nesse mundo atual
Os casos de violência
Doméstica, são evidentes
E a essa grande indecência
Perdurava a impunidade
No machismo e na maldade
De uma total imprudência.

Mas a Lei Maria da Penha
Põe enfim a impunidade
De todos os agressores
Que praticam atrocidade
Com condição de punir
E visando garantir
As vítimas da sociedade.

Vamos todos dar um basta
Com a Lei na nossa mão
E jamais silenciar...
É a melhor solução!
Somos mulheres guerreiras
Também leais companheiras
Fiquemos de prontidão.

Somos qual flor do jardim
Que precisa ser regada
Com amor e com carinho
Sempre amando e sendo amada
Silenciar nunca mais,
Feminicídio jamais!
Sigamos na caminhada.

Para as flores não murcharem
Precisa dedicação
Tratar bem aquela Flor
Com amor no coração.
Companheiro bem atento
Não deixa haver desalento
Pra não sofrer solidão.

Se a relação terminar,
Deixe a sua Flor viver,
Vá viver a sua vida
Outro amor vai lhe querer,
Não pratique a violência
Se comporte com decência
Sua vida vá refazer.

Fica aqui o meu abraço
 E uma dica certa
 Só venceremos com apoio
 Da sociedade inteira
 É preciso um movimento
 Pra combater cem por cento
 A injustiça corriqueira.

Fonte:

MORAIS, I. **Flor precisa de cuidados, mulher merece respeito**. Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2019.

Mulheres empoderadas: conquistando seus espaços e seus direitos

Há décadas as mulheres foram
 Realmente perseguidas
 As rotularam de “bruxa”
 Queimadas em ruas e avenidas
 Foi um tempo angustiante
 As vivas, seguiram avante
 Procurando as saídas.

Deixaram seus aventais
 Para o mundo conquistar
 Com sua tripla jornada
 E foram reivindicar
 Seus direitos efetivos
 Com seus tons bem expressivos
 Que vieram pra ficar.

Amor, trabalho e ação
 De uma longa caminhada
 Da marcha para vitória
 Muitas vezes angustiado
 Mulher busca seu espaço
 Sempre dando mais um passo
 Nessa tão longínqua estrada.

Era uma vez um país
 Que não perdeu a memória
 De mulheres brasileiras
 Nessa longa trajetória
 Que descobriram caminhos
 Enfim fora dos seus ninhos
 Construíram sua história.

Vencer novos desafios
 Seus direitos vão buscar
 Onde o machismo perdura
 Só causando mal estar
 É a hora da mudança
 Que vem junto a esperança
 Conquistar o seu lugar.

Feministas, femininas
 Combativas, vaidosas
 Superando as barreiras
 Muitas delas espinhosas
 Fazendo o que sempre quis
 Sem medo de ser feliz
 Com suas vidas honrosas.

Cidadania plena tem:
 Sua real expressão
 Nos seus grandes movimentos
 Pela emancipação
 Ativistas militantes
 Com as lutas incessantes
 Todas elas em ação.

Garantindo o seu espaço
 Veio a superação
 Entraram na vida pública
 Sentiram transformação
 Assumiram o poder
 Disputando pra vencer
 Na hora da eleição.

Hoje votam e são votadas
Com seus papéis relevantes
Inteligentes e íntegras
São estrelas brilhantes
Dos direitos se apropriam
Seus deveres vivenciam
Com vidas bem ativantes.

Implodiu o modelo das
Mulheres improdutivas
A simples dona de casa
“Provedoras inativas”
Precisam ser respeitadas
Com vidas determinadas
E ações bem construtivas.

Jovens, adultas, idosas
Converteram em processos
Queixas discriminações
Resultando em sucessos
A justiça acordou
E todo processo andou
Elas tiveram progressos.

Lar, trabalho e a igreja
Tudo isso em ação
As fazem determinadas
Com uma nova visão
Elas são comprometidas
Em tudo vê as saídas
Com sementes de ascensão.

Mulher não é mais a mesma
De algumas décadas atrás
Hoje tem vida, vez, Voz
Tudo isso e muito mais
Brasileira exemplar
Por onde ela passar
Procura viver em paz.

O retrato feminino
É a SOMA da coragem
MULTIPLICANDO o seu tempo
Com sua rica bagagem
DIVIDE sua missão
E SUBTRAI aflição
Com sua real linhagem.

Levantam seus estandartes
Mulheres EMPODERADAS
São guerreiras, firmes, fortes
Nessas longas caminhadas
Elas têm os seus valores
E também os seus primores
E vencem todas paradas.

Mulheres EMPODERADAS
Nunca vão se esconder
À sombra de “mais ninguém”
Elas sabem bem viver
Também são independentes
Com vidas bem conscientes
Que as ajudam crescer.

Casadas, solteiras, viúvas
São amantes carinhosas
Delegam seus poderes
São sensatas, virtuosas
Companheiros com decência
Não praticam violência
Com vidas harmoniosas.

Nessa globalização
Sem redes para acolhê-las
Na sua sustentação
Sem perder a identidade
A sua maturidade
Vem com autoafirmação.

Quilombolas, artesãs
E as demais ativistas
Associações e Conselhos
Diaristas, Sindicalistas
Fazem parte dessa luta
Fruto da grande labuta
Trazendo suas conquistas.

Elas são protagonistas
Constroem suas histórias
Superando preconceitos
Nas difíceis trajetórias
Conquistando seus espaços
Desatam nós e os laços
Vão seguindo com vitórias.

Ruralistas e operárias
 Buscaram, também traçaram
 Os seus projetos de vida
 E agricultoras plantaram
 As sementes da vitória
 Com honra e muita glória
 Os bons frutos semearam.

A mulher indígena com
 Seu papel fundamental
 Ela cuida bem dos filhos
 Alimento que é essencial
 Da cultura e a natureza
 Artesanato, que beleza!
 É na tribo especial!

Vereadoras, Deputadas
 Prefeitas e Senadoras
 Competentes na política
 Ministras, Governadoras
 Neste século ascendente
 Vem com a Dilma Presidente
 Provando que são doutoras.

Tempo é determinado
 Para o seu perfil traçar
 A inclusão social
 Realmente veio ao ar
 Com caráter sustentável
 Bem visível e mais viável
 Para o discurso mudar.

Uma Lei fortaleceu
 A paz e a dignidade
 A Lei MARIA DA PENHA
 Veio na realidade
 Pra ofendida amparar
 Nova justiça implantar
 Nos casos de atrocidade.

E as Entidades Públicas
 Federal e Estadual
 Ouvem mulheres e acolhem
 De um jeito especial
 Com Medidas Protetivas
 Buscando as saídas
 Pra segurança total.

E nesse mundo atual
 Os casos de Violência
 Doméstica, são evidentes
 E a essa grande indecência
 Perdurava impunidade
 No machismo e na maldade
 De uma total imprudência.

Vamos todas dar um basta
 Com a Lei na nossa mão
 E jamais silenciar
 É a melhor solução
 Somos mulheres guerreiras
 Também leais companheiras
 Fiquemos de prontidão.

Zelando por suas vidas
 Com bastante humildade
 A mulher é uma água
 Que voa na realidade
 Superando qualquer medo
 E o seu maior segredo
 É viver com dignidade.

As minhas homenagens
 As mulheres brasileiras
 As pardas, negras e Índias,
 Com as vidas altaneiras
 Sindicalistas, Ruralistas
 E as demais ativistas
 Todas são hospitaleiras.

Escrevi este cordel
 Com amor no coração
 Faço parte desta luta
 Com garra e disposição
 Sou mulher e mãe amável
 Na caminhada incansável
 Na minha honrosa missão.

Fonte:

MORAIS, I. **Mulheres empoderadas**: conquistando seus espaços e seus direitos. Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2019.

Maria Bonita: a rainha do Cangaço

Numa pequena fazenda,
Uma menina nasceu,
A Fazenda Santa Brígida,
Foi lá que ela cresceu,
Era de família humilde,
Muito tempo ali viveu.

Vivia com os seus pais,
José Gomes, Conceição,
Fazia prendas do lar,
Teve pouca educação,
Ela vivia feliz,
Com a família em união.

Seu nome Maria Gomes,
E muito se divertia.
Teve uma infância feliz,
A chamavam de Maria,
No balanço do arvoredor,
Brincava quando queria.

Muito cedo ela casou
Com Zé Neném, sapateiro.
Um casal desajustado
Que brigava o dia inteiro;
Muito tempo ela ficava
Debaixo de um cajueiro.

Nas suas “fugas domésticas”
Virgulino a encontrou.
Passando pela fazenda
Aquele moço ele olhou,
Ficou logo impressionado,
Por ela se apaixonou.

Sua mãe foi o cupido,
Entre ela e Lampião;
Dias depois ele voltou
Para pedir sua mão.
Tinha ela por Virgulino
Respeito, admiração.

Maria era baixinha,
Rechonchuda, cativante,
Considerada mulher
Bonita e interessante;
Ela era boa filha,
Tinha um jeito elegante.

E Lampião a chamou
Pra no bando se integrar.
Maria Bonita aceitou
Pra sua história contar,
Primeira mulher no cangaço,
Que no bando veio entrar.

Foi mulher apaixonada
Pelo homem que seguiu;
Uma boa companheira,
Do bando nunca fugiu;
Sentiu calor causticante,
Amou, sofreu e sorriu.

Mas um dia engravidou,
E foi nessa gestação
Que teve a filha Expedita,
Filhinha do coração,
Porém não ficou no bando,
Ela a deu em doação.

E a Maria Bonita
Foi menina, foi criança,
E fez boneca de pano,
Do passado a lembrança,
Tomava banho de chuva,
Tinha muita confiança.

Foi “Rainha do Cangaço”,
Um dia se transformou
Num símbolo do feminismo
Brasileiro, se tornou,
Por ser ela corajosa
E por tudo que enfrentou.

Era vítima do machismo,
A violência enfrentava;
Demonstrou grande coragem,
Pelo jeito que lutava;
E com a sua brabeza
Junto ao bando caminhava.

Corria muito perigo,
Mas seguiu seu coração
Com destino já traçado,
Viveu a grande paixão,
Deixou tudo para traz,
Com a sua decisão.

Heroína ou bandida,
Ela teve sua história
De guerras, de muitas lutas,
E naquela trajetória
Vivia à margem da lei
Muitas vezes sem vitória.

O cangaço a transformou
Numa mulher corajosa,
Decidida e resoluta
E também tão valorosa,
Num lugar tão violento,
Ela era bem jeitosa.

E bem hábil na costura
Ela tinha perfeição.
Era bonita e faceira,
Ela quebrou tradição...
Mais mulheres se engajaram
No bando de Lampião.

Maria Bonita, Dadá,
Uma dupla de guerreiras,
Enfrentavam os combates,
Eram lutas verdadeiras;
E estas duas figuras
Eram grandes cangaceiras.

Debaixo de Sol e chuva,
Pelos sertões nordestinos,
Portavam armas pequenas,
Viviam em desatinos
E elas perambulavam,
Era assim os seus destinos.

Quando elas atiravam
Era pra se defender.
Eram mulheres guerreiras,
Não faziam por querer
Aquele bando exigia
E tinham que obedecer.

Suas vestes e assessórios
Tinham lenços bem bordados;
Elas eram vaidosas,
Os chapéus eram enfeitados,
Tudo em couro natural
E tecidos importados.

E a Maria Bonita
Suas roupas, costurava,
Era coberta de joias,
Os tecidos, desenhava,
Tinha uma boa aparência
E muito elegante andava.

Morreu Maria Bonita
No meio das emboscadas.
Muitos do bando ficaram
Com cabeças arrancadas,
Expostas pelas cidades
Para serem registradas.

Concluindo esse cordel
Eu encerro a poesia
De uma história contada
De tristeza e alegria
Sobre Maria Bonita
Que foi mulher de valia.

Fonte:

MORAIS, I. **Maria Bonita**: a rainha do cangaço. Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2019.

História das mulheres no Cangaço

As mulheres no cangaço
Eram guerreiras formosas,
Com desejos, frustrações,
Porém bastante engenhosas
E ingressaram nos bandos
Porque eram corajosas.

Por motivos variados,
Carregadas de ilusão,
Aderiram ao cangaço...
Muitas tinham a sensação
Que dos seus anonimatos
Teriam libertação.

Dia a dia complicado
O real as revelou,
A violência nas lutas
Muito cedo começou,
Caminhavam sob o Sol,
Nenhuma desanimou.

Dos catorze aos vinte anos,
Variavam as idades.
E os cabras cangaceiros
Sentiam necessidades
Da presença feminina,
Com suas capacidades.

Pra elas era oportuno
Romper com os seus patrões,
Escolher os seus parceiros,
Mas viveram as ilusões,
Submissas aos desejos,
Com grandes humilhações.

E integradas aos bandos,
Tinham que se adaptar;
Havendo arrependimento
Não podiam desertar,
Pois fugir daquele bando
Não adiantava tentar.

Sem contatos com a família,
Sentenciadas à morte
E se houvesse adultério,
Não contavam com a sorte,
Elas se submetiam,
Não tendo, nenhum suporte.

As forças policiais
Mulheres capturavam;
Elas eram estupradas,
Sofriam e apanhavam,
Tinham uma vida insegura
No caminho que trilhavam.

Eram os papéis dos homens
Por segurança zelar.
Tudo era definido
Pra o bando se sustentar...
A mulher, ser companheira,
E o seu homem acompanhar.

As grávidas eram escondidas
Durante a sua gestação;
E quando o neném nascia
Elas tinham obrigação
De retornar para o bando,
E dar o filho em adoção.

Tinham status no cangaço
Pelos bens que possuíam:
Animais, joias, vestidos,
Presentes que recebiam
Dos seus velhos companheiros,
Objetos que valiam.

Maria Bonita foi
A primeira a ingressar
No bando de Lampião
Pra com ele se juntar,
E como figura ousada
Ela se fez respeitar.

O esposo sapateiro
Resolveu abandonar
E assim Maria Bonita
Com Lampião foi morar
A “Rainha do Cangaço”,
Tudo iria suportar.

A cangaceira Dadá
Outro grupo comandava,
Tinha armas no embate,
Nas matas que caminhava,
Era mulher destemida,
Com destaque liderava.

Foi cangaceira, foi brava
Lá do meio do sertão,
Destemida lutadora
Em toda situação;
Seu companheiro Corisco,
Foi seu amor e paixão.

Dadá, Maria Bonita,
Líderes por natureza
Que sabiam comandar
Com coragem, com braveza,
E andavam sempre armadas
Pra sua própria defesa.

Chamadas de bandoleiras,
De forma depreciativa,
A figura feminina,
Embora bem criativa,
Tratadas como objetos,
Mas cada uma era ativa.

Sua feminilidade,
Imagens apresentadas,
Destacadas pelos trajes
Para serem bem lembradas,
Com o grande apreço por joias
Eram sempre retratadas.

Heroínas ou bandidas
Têm seus perfis de valor,
Que representavam bem
A beleza e o amor
No cotidiano duro
Lutavam sem destemor.

A lista das cangaceiras:
Neném, Lídia, Durvalina,
Maninha e Iracema,
Dadá, Maria Jovina,
Maria Ema e a Mocinha,
Mais Hortência e Catarina.

Tinha Cristina e Maroca,
Rosalina, Estrelinha,
Eleonora e a Dulce,
Moça, Dora, Mariquinha,
Lili, Lucinha, Marina,
Mais Adília e Inacinha.

Mulheres com qualidades,
Dinâmicas, atuantes,
Generosas, combativas,
Que enfrentavam levantes,
Amorosas, destemidas,
Corajosas, confiantes.

Lídia ficou conhecida
Por “cangaceira fogosa”,
Pois traiu o seu parceiro.
Ela era muito formosa,
Mas foi morta por pauladas
De uma maneira horrorosa.

Enfrentaram o machismo,
Sem ter outra opção,
Eram esses seus destinos
E morriam no Sertão,
A lei era a violência
Em qualquer situação.

A vida das cangaceiras
Eu acabei de narrar.
Muita coisa ainda existe,
Por certo, pra se falar.
Quem sabe outro cordel
Eu escreva pra contar!

Fonte:

MORAIS, I. **História das mulheres no Cangaço**. Fortaleza: [s. n.], 2016.

Mulher cordelista na arte de versejar

Escrever um bom Cordel
É também atividade
De uma Mulher Cordelista,
E não importa a idade,
Retrata seu universo
Com grande dignidade.

Com a produção poética
Há séculos se rotulava,
Excluindo-se a ética,
O homem é que dominava,
Porque nesse grande espaço
Somente ele versejava.

Mas a Mulher Nordestina
Os seus versos, produzia
Sem fazer publicação,
Pois o machismo encobria
Da mulher a identidade
Que há décadas conduzia.

De forma lenta, progressiva,
Veio a emancipação.
Seus versos são inseridos,
Pra sua satisfação,
A Mulher com seus folhetos
Também tem atuação.

Uma brava sertaneja,
Enfrentando essa jornada,
A mulher faz ricos versos,
Na sua longínqua estrada,
Aos poucos foi publicando
Seus Cordéis na caminhada.

Mulher de grande fibra,
Sempre forte e verdadeira.
Com as belas poesias,
Levanta sua bandeira,
Contando suas histórias
Com instinto de guerreira.

Nossa mulher cordelista
Tem forma peculiar,
Inerente ao feminino,
De melhor se expressar,
Faz seus versos de Cordel
Para todos contemplar.

São mulheres de folhetos,
Fazendo as reinvenções
Artísticas e culturais,
Com as boas produções,
Com os seus geniais temas,
Belas apresentações.

Abordando ficção
E condição social,
Família, sexualidade
De um jeito bem natural.
Na escrita feminina,
Tudo é muito cultural.

As mulheres adentraram
Na Cultura Popular,
Ganharam o seu espaço
Com seus versos a rimar,
Oriundas do Nordeste,
Vieram para ficar.

Já são grandes seus acervos
Na Arte e na Cultura,
Construindo a identidade,
Reina a desenvoltura,
Um cenário bem presente
Dessa bela criatura.

Hoje em bancas de revistas,
No sebo, na livraria
Seus folhetos são expostos
Em forma de poesia,
As histórias relevantes
São lidas no dia a dia.

Ela veio evoluindo,
E agora digitando
Seus versos com alegria,
Cada vez se aprimorando,
Com temas especiais,
Assim vão poetizando.

Foi abrindo seus espaços,
Com as belas criações,
Essa mulher nordestina
Da caatinga aos sertões,
Do agreste, das capitais,
Verseja e traz emoções.

Aqui tiro o meu chapéu,
Cordelistas de primeira,
Elas têm os seus estilos
E não escrevem besteira,
São sempre atualizadas,
A recíproca é verdadeira.

Mulher faz a diferença,
Por que ela é engenhosa,
Sabe qual é seu papel,
Sempre muito habilidosa,
Leva a sua vida avante,
Pois é mesmo talentosa.

Nas grandes Academias
Estadual, Federal,
Têm assento nas cadeiras,
Também na Municipal,
Cada verso mostra as glórias,
De maneira genial.

Poetas predominavam,
Num machismo tão real,
Mas a mulher cordelista
Com seu jeito especial,
O machismo tá quebrando,
Tem a vitória afinal.

Verso, cordel não têm sexo,
O foco é a poesia,
Mas a mulher no cordel
Traz algo que evidencia
A inclusão social
Feita com supremacia.

Cordel é literatura,
É um grande desafio,
A inclusão da mulher
Foi tecendo fio a fio,
Os seus versos espontâneos
Que não tem nenhum desvio.

A Rede Mnemosine
Que acolhe a Poesia,
Mas o Cordel é a fonte
Da mulher com primazia,
Ficará para a história
Isso não é fantasia.

Uma rede preciosa
Tem prazer em convidar
Os poetas pros eventos
Para democratizar,
Pois o homem e a mulher
Juntos devem versejar.

“Cordel de Saia” é um blog
Que veio para ficar,
Um espaço democrático
Da Cultura Popular
Onde homens e mulheres
Seus versos vão divulgar.

Tem nesse blog importante
Poetisas recitando
O “Quadrão à beira mar”,
Os Poetas versejando,
Com talento as pelejas
Nos Cordéis vão divulgando.

É necessário dizer
Que o Cordel é deslumbrante
Homem e mulher no cordel
Deixam algo fascinante,
Com seus versos de valor
Mais caros do que brilhante.

Na conquista do espaço
Que é fonte de beleza,
E na arte de recitar
Apontada com certeza,
O Cordel não tem gênero
É livre por natureza.

Mas as capas dos cordéis
Chamam muita atenção,
O conteúdo é que fascina
A grande imaginação
Folhetos impressos com
Rima, Métrica, Oração.

Salve! Salve! o Cordel!
Ele tem o seu valor,
O homem e a mulher
Sempre o fazem com primor,
Salve a nossa Poesia!
Que transmite grande amor.

Vamos todos festejar,
 Contar uma boa história,
 Cantando ou declamando,
 Nessa nossa trajetória,
 Um bom Cordel publicar
 Essa é grande vitória.

Tem a mulher violeira,
 Que viola sabe tocar,
 Com sua boa memória
 Sabe bem improvisar,
 É exímia poetisa,
 É uma estrela a brilhar.

Hoje o cordel na escola
 Já tem boa aceitação.
 Uma ótima disciplina
 Que causa boa impressão,
 O Cordel está em alta,
 Traz em si motivação.

Vamos todos dar as mãos
 Armazenando amizade,
 Produzindo lindos versos
 Com real simplicidade,
 E motivando a Cultura
 Em meio à diversidade.

Fonte:

MORAIS, I. **Mulher cordelista na arte de versejar**. Fortaleza: [s. n.], 2016.

O amor de A a Z: virtudes indecíveis

Amar, verbo transitivo
 Direto, pra conjugar,
 É palavra utilizada,
 Para se comunicar,
 Quatro letras do alfabeto,
 Que tem sentido completo.

Beleza nós encontramos,
 No amor e na paixão,
 Na arte de amar bonito,
 No prazer e na afeição,
 Que vem tudo traduzir,
 No deleite de sentir,
 Ternura, dedicação.

Coração estando aberto,
 Vem com ele a humildade,
 O amor é sentimento,
 Que sentimos na verdade,
 Num reluzir de um olhar,
 Pra esse amor conquistar,
 Trazendo felicidade.

Enlevo e entusiasmo,
 Combinam com alegria,
 O amor é o dom maior,
 Que ao poeta irradia,
 Grande sensibilidade,
 Beleza, sensualidade,
 Ao criar a poesia.

Fortalecer o amor,
 Com vida, com emoção,
 Com palavras engenhosas,
 Com uma bela canção,
 Até mesmo com saudade,
 Que vem na realidade,
 Daquela grande paixão.

Gigantesco é esse amor,
 Que transborda toda paz
 E navega com firmeza,
 Tão leal e tão capaz,
 De transmitir amizade,
 Remando pra unidade,
 Que a todos satisfaz.

Habilidade pra amar,
 Todo mundo deve ter,
 Uma vida destemida,
 Para então fazer valer,
 Uma vida primorosa
 E sempre vitoriosa,
 Pra vivê-la com prazer.

Integridade no amor,
 É bastante essencial,
 Um caminho destemido
 Em direção ao real,
 Para nunca deslizar,
 Sem restrição para amar,
 De maneira especial.

Joia rara é o amor,
 De valor resplandecente,
 Às vezes a gente esquece,
 O quanto nos faz contente,
 O tempo e a experiência,
 Faz do amor a essência,
 De uma vida consistente.

Liberdade para amar,
 É direito inconfundível,
 Tem a ver com confiança,
 No amor não se made nível,
 Com ele tudo dá certo,
 Ter coração sempre aberto,
 Tornando tudo possível.

Magnífico é o amor!
 É a prova que se alcança,
 Ameniza a violência
 E é fonte de esperança,
 Com o amor não há vazio,
 Seu calor supera o frio,
 Quando vem desesperança.

Nobilíssimo é o amor,
 Que nunca fica calado
 E não é indiferente,
 Para amar e ser amado,
 Faz do coração seu ninho,
 Que é fonte de carinho,
 Pra viver bem sossegado.

O ciúme patológico,
 Não combina com amor,
 É inimigo ferrenho,
 Que só causa desamor,
 O amor é a primazia,
 Que transborda harmonia,
 Pra vivê-lo com louvor.

Poderoso é esse amor!
 Bem seguro, duradouro,
 É solidário e sensível,
 Vale mais que um tesouro
 E onde ele aparece,
 O seu brilho resplandece,
 Muito mais que todo ouro.

Quão bonito é o amor!
 Tão real e relevante,
 Com ele é que vem a paz,
 Muitas vezes tão distante,
 Deus nos dá sabedoria,
 Pra viver a cada dia,
 Esse amor edificante.

Restabelecer o amor,
 Com profunda sutileza,
 Para então compartilhar,
 Como um elo de firmeza,
 Desatando qualquer laço,
 Com todo desembaraço
 E sentido de grandeza.

Somente quem ama sabe,
 O valor que amor tem,
 Fazer dele um bem maior,
 É algo que nos convém,
 Se um dia sentir saudade,
 Faz parte da realidade,
 Da pessoa que se quer bem.

Talentoso é esse amor!
 Carismático, memorável,
 Estimado, cativante,
 Com valor inigualável,
 Traz a generosidade,
 E solidariedade,
 Em tudo é agradável.

Único, puro verdadeiro,
É eterno e imortal,
O amor que vem de Deus,
Longânime e natural,
Com ele vem o perdão,
E o autor da salvação,
Pra perdoar todo o mal.

Virtuoso é esse amor!
Solidário e caloroso,
Muito amigo e fraternal
Bem distinto e cauteloso,
Único no modo de ser,
Inova todo viver,
Na arte é bem primoroso.

Xadrez é jogo difícil
Que exige concentração
E também sabedoria,
Paciência e paixão,
No amor o xeque-mate,
A vitória é o resgate,
De uma reconciliação.

Zelar pelo nosso amor,
Exemplo de bem-querer,
Fazê-lo surpreendente,
Nos ensina a viver,
Contando belas histórias
E incontáveis vitórias,
Pro amor engrandecer.

Escrevi atentamente
Reais virtudes do amor,
São elas indescritíveis,
Pro poeta e pro leitor,
Por quem vive para amar,
É sujeito a si queimar,
Nesse fogo abrasador!

Fonte:

MORAIS, I. **O amor de A a Z**: virtudes indescritíveis. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 1997.

ANEXO – REPORTAGEM UTILIZADA NA PRIMEIRA OFICINA

03/08/2016 07h51 - Atualizado em 03/08/2016 20h07

G1 reúne mais de 4 mil notícias de violência contra a mulher em 10 anos

Veja as reportagens publicadas de 2006 até julho deste ano. Eloá, Mércia, Luiza Brunet... Relembre casos emblemáticos.

Elida Oliveira, do G1, em São Paulo.

"Violentamente espancada", "ferida com golpes de facão", "amarrada dentro da própria casa", "incendiada pelo marido". A violência contra a mulher está presente em todos os estados, em todos os estratos sociais. Nos 10 anos da Lei Maria da Penha, o G1 compilou reportagens publicadas de 2006 até julho de 2016 – período que compreende a vigência da lei. São 4.060 textos, que reúnem histórias de mulheres agredidas, estupradas e mortas por maridos, companheiros, namorados ou ex-parceiros.

Enquadrar o agressor na lei é decisão da Justiça, mas as inúmeras violências que chegam a ser noticiadas ilustram como ela está presente na vida das mulheres.

Motivados por ciúmes, para punir traições ou contra o fim de relacionamentos, parceiros vivem uma rotina de agressões que podem terminar em morte.

Na maior parte das notícias, as mulheres não têm a identidade revelada e são poucos os casos em que há informação sobre o que aconteceu com a vítima após a agressão – quando ela sobrevive – ou se o agressor foi punido.

Já outros casos ganharam repercussão; confira 10 histórias emblemáticas ocorridas nos últimos dez anos:

Atriz Luiza Brunet acusa ex-companheiro de agressão

A atriz Luiza Brunet, de 54 anos, acusa o ex-companheiro, o empresário Lírio Albino Parisotto, de 62 anos, de ter "praticado violências físicas e psicológicas gravíssimas". Ela diz que foi agredida e teve as costelas quebradas quando os dois estavam em Nova York, em 21 de maio deste ano.

"Dei publicidade ao caso para que outras mulheres vítimas de violência tomem coragem e não se calem." Parisotto nega as agressões. A Justiça proibiu que o empresário se aproxime e mantenha contato com a atriz.

Eloá é sequestrada e assassinada porque o ex não aceitava o fim do namoro

Em 13 de setembro de 2008, Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, estudava com três amigos no apartamento onde morava com a família, em Santo André.

Por volta das 13h30, Lindemberg Alves, de 22 anos, invadiu o apartamento, armado, e manteve o grupo refém. Ele não aceitava o fim do namoro com Eloá e dizia que se ela não fosse ficar com ele, não ficaria com mais ninguém.

Lindemberg libertou dois amigos de Eloá na noite daquele dia. Nayara, a quarta adolescente refém, chegou a ser libertada no dia seguinte, mas voltou para ajudar nas negociações.

Após 100 horas de cativo e inúmeras tentativas de negociação, a polícia invadiu o apartamento de Eloá. Lindemberg atirou contra as duas adolescentes, matando Eloá e ferindo Nayara no rosto.

Em fevereiro de 2012, Lindemberg foi condenado a 98 anos e dez meses de prisão pela morte de Eloá e outros 11 crimes cometidos durante o sequestro.

Universitária é assassinada pelo ex-namorado após ser dopada com clorofórmio

As histórias de Louise Ribeiro e Vinícius Neres se cruzaram quando os dois foram aprovados no curso de biologia da Universidade de Brasília, a UnB. Após um namoro, o casal se separou, mas, segundo os amigos, Vinícius continuou obcecado por Louise.

Em 10 de março, Vinícius chamou Louise para conversar no laboratório de biologia da faculdade. Eram cerca de 22h. Vinícius e Louise se desentenderam. Ele a amarrrou a uma cadeira, e a forçou a ingerir clorofórmio. A substância, usada como anestésico, causou morte súbita em razão da quantidade ingerida.

Na noite daquele mesmo dia, Vinícius levou o corpo de Louise para uma área de cerrado, perto da universidade. Ele foi preso na manhã seguinte, após amigos dizerem aos policiais que suspeitavam do estudante. Vinícius confessou o crime.

Dançarina é assassinada pelo ex-namorado por ciúme

Ana Carolina de Souza Vieira, de 30 anos, deixou Fortaleza, no Ceará, em 2014, para tentar a vida como modelo em São Paulo. Dançarina, ela chegou a participar de um concurso para ser bailarina do Programa do Faustão.

Ana recebia ameaças do ex-namorado, Anderson Rodrigues Leitão, que morava em Fortaleza e não aceitava o fim do relacionamento.

Ana chegou a enviar mensagens de áudio para a família relatando as intimidações. "Ele disse que ia me matar, que ia me esquartejar", disse, em uma gravação.

O corpo de Ana foi encontrado em 4 de novembro de 2015 no apartamento em que ela morava, na Rua Vergueiro, após vizinhos sentirem um forte cheiro no local.

O ex-namorado confessou tê-la matado por ciúme. Anderson também disse que permaneceu por dois dias ao lado do corpo de Ana, e que tomou veneno de rato porque queria morrer com ela.

Mulher e filha são mortas em casa de veraneio no CE

Em 21 de agosto de 2015, as famílias de Marcelo Barberena e do irmão dele foram passar o fim de semana em uma casa de veraneio em Paracuru, no litoral do Ceará. Marcelo levou a esposa, Adriana Moura de Pessoa Carvalho Moraes, de 39 anos, e a filha do casal, Jade, de 8 meses.

Lá, eles discutiram, e Marcelo atirou em Adriana na madrugada do dia 23. Ela morreu. Para simular um assalto e acobertar o crime, Marcelo atirou no bebê. Jade também não resistiu.

A polícia foi chamada e Marcelo e o irmão disseram que a casa havia sido invadida por criminosos. A versão foi desmontada durante a investigação.

De acordo com a polícia, Marcelo estava se envolvendo com uma colega de trabalho, e Adriana o pressionava para trocar de emprego.

Marcelo foi acusado por duplo homicídio qualificado e posse irregular de arma de fogo. As qualificadoras são motivo torpe, recurso que impossibilitou a defesa das vítimas e feminicídio.

Advogada é assassinada pelo ex por não querer reatar o namoro

A advogada Mércia Nakashima tinha 28 anos quando foi morta pelo policial militar aposentado Mizael Bispo de Souza por não querer reatar o namoro.

Mércia foi vista pela última vez em 23 de maio de 2010, saindo da casa dos pais, em Guarulhos, e desapareceu. O corpo foi encontrado em 10 de junho dentro de uma represa, em Nazaré Paulista.

Em março de 2013, Mizael foi condenado a 20 anos de prisão em regime fechado.

Na sentença, o juiz disse que o crime não foi cometido por "amor", mas "delírio de posse". "Sentimento amor não faz sofrer. O instinto de propriedade, que é o contrário do amor, é que faz sofrer."

Fonte:

OLIVEIRA, E. G1 reúne mais de 4 mil notícias de violência contra a mulher em 10 anos. **G1**, São Paulo, 3 ago. 2016. Disponível em:

<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/08/g1-reune-mais-de-4-mil-noticias-de-violencia-contramulher-em-10-anos.html>. Acesso em: 6 abr. 2020.

ANEXO – COMO FAZER UM CORDEL (CARTAZES)**1. Tenha um tema**

Para escrever um cordel
É preciso inspiração
Ter o seu tema na mente
Pegar um lápis na mão
E deixar que a poesia
Transborde do coração

2. Versos e estrofes**3. Rimas**

Para escrever um cordel
É preciso inspiração
Ter o seu tema na mente
Pegar um lápis na mão
E deixar que a poesia
Transborde do coração

4. Sílabas poética / métrica

Pa-ra es-cre-ver-um-cor-del
É-pre-ci-so-ins-pi-ra-ção
Ter-o-seu-te-ma-na-men-te
Pe-gar-um-lá-pis-na-mão
E-dei-xar-que-a-poe-sia
Trans-bor-de-do-co-ra-ção

5. Oração / coesão

A estrofe pra ter sentido
Tem que ter uma sequência
Um verso que puxa o outro
Para dar a coerência
Não basta apenas rimar
Tem que mostrar excelência

6. Depois você lapida

Escreva tudo que sente
Repassando pro papel
Daqui a pouco você
Se torna um menestrel
Escevendo a poesia
Nos versos de seu cordel

Adaptado de:

TUTORIAL: como fazer um cordel. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (12 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IG7XU7B_8K4&t=13s. Acesso em: 6 abr. 2020.

ANEXO – LETRAS DAS CANÇÕES UTILIZADAS NAS OFICINAS

Agora Só Falta Você

Composição: Rita Lee e Luiz Sérgio Carlini

Um belo dia resolvi mudar
E fazer tudo o que eu queria fazer
Me libertei daquela vida vulgar
Que eu levava estando junto a você
E em tudo o que eu faço
Existe um porquê
Eu sei que eu nasci
Sei que eu nasci pra saber
Saber o que?

E fui andando sem pensar em voltar
E sem ligar pro que me aconteceu
Um belo dia vou lhe telefonar
Pra lhe dizer que aquele sonho cresceu
No ar que eu respiro
Eu sinto prazer
De ser quem eu sou
De estar onde estou
Agora só falta você

Fonte:

LETRAS.MUS.BR. Agora só falta você – Rita Lee. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/rita-lee/48495/>. Acesso em: 6 abr. 2020.

Mulher Nova, Bonita e Carinhosa Faz o Homem Gemer sem Sentir Dor

Composição: Otacílio Batista e Zé Ramalho

Numa luta de gregos e troianos,
Por Helena, a mulher de Menelau,
Conta a história de um cavalo de pau,
Terminava uma guerra de dez anos.
Menelau, o maior dos espartanos
Venceu Páris, o grande sedutor,
Humilhando a família de Heitor
Em defesa da honra caprichosa.
Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor.

Alexandre, figura desumana,
Fundador da famosa Alexandria,
Conquistava na Grécia e destruía
Quase toda a população Tebana.
A beleza atrativa de Roxana
Dominava o maior conquistador
E depois de vencê-la, o vencedor
Entregou-se à pagã mais que formosa.
Mulher nova bonita e carinhosa
Faz um homem gemer sem sentir dor.

A mulher tem na face dois brilhantes
Condutores fiéis do seu destino.
Quem não ama o sorriso feminino
Desconhece a poesia de Cervantes.
A bravura dos grandes navegantes
Enfrentando a procela em seu furor,
Se não fosse a mulher, mimosa flor,
A história seria mentirosa.
Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor.

Virgulino Ferreira, o Lampião,
Bandoleiro das selvas nordestinas,
Sem temer a perigo nem ruínas
Foi o rei do cangaço no sertão,
Mas um dia sentiu no coração
O feitiço atrativo do amor.
A mulata da terra do condor
Dominava uma fera perigosa.
Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor.

Fonte:

LETRAS.MUS.BR. Mulher Nova, Bonita e Carinhosa. Belo Horizonte, 2020.
Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ze-ramalho/82373/>. Acesso em: 6 abr. 2020.

Liduína Maria do Carmo

LITERATURA DE CORDEL E O EMPODERAMENTO FEMININO:

CADERNO DE ATIVIDADES

PARA A SALA DE AULA

- 1ª Edição -



Paraíba

Mestrado Profissional em Letras - Profletras

LITERATURA DE CORDEL E O EMPODERAMENTO FEMININO:

CADERNO DE ATIVIDADES PARA A SALA DE AULA

Material Didático – desenvolvido no Programa de Mestrado Profissional em

Letras/ Profletras

Universidades Federal da Paraíba

Idealizado pela Profa. Dra. Moama Lorena de Lacerda Marques (orientadora) e

por Liduína Maria do Carmo (orientanda).

Revisão da diagramação por Emanuel Torres

Capa, design gráfico e Ilustrações por Raphael de Alcântara do Carmo

Paraíba, Mamanguape, 2020

Caros professores e caras professoras,

A valorização da igualdade de gênero e a luta pelos direitos da mulher na sociedade vêm sendo muito discutidas, sobretudo após a implantação da Lei Maria da Penha, em 2006, e os inúmeros debates promovidos nos mais diversos espaços, a exemplo do acadêmico, do escolar, da mídia, do literário, entre outros. Neste último, apesar dos avanços alcançados nos últimos anos, principalmente em virtude da constante articulação de grupos de escritoras, sabemos que muito ainda precisa ser feito. Le-maire, considera que

A história literária, da maneira como vem sendo escrita e ensinada até hoje na sociedade ocidental moderna, constitui um fenômeno estranho e anacrônico. Um fenômeno que pode ser comparado com aquele da genealogia nas sociedades patriarcais do passado: primeiro, a sucessão cronológica de guerreiros heroicos; o outro, a sucessão de escritores brilhantes. Em ambos os casos, as mulheres, mesmo que tenham lutado com heroísmo ou escrito brilhantemente, foram eliminadas ou apresentadas como casos excepcionais, mostrando que, em assuntos de homem, não há espaço para mulheres “normais”. (1994, p. 58).

Por isso, é importante ampliarmos esse debate em todas as esferas da sociedade, inserindo-o no contexto escolar. Nesse sentido, procuramos contribuir com uma proposta de mediação pedagógica do texto literário centralizada na mulher como escritora, especificamente a cordelista.

Como método, adotamos a sequência didática proposta por Rildo Cosson (2007) e agrupamos as atividades em oficinas, que permitirão aos alunos e às alunas conhecerem o gênero cordel, a partir de leituras dinâmicas e envolventes, e, em particular, a obra da cearense Ivonete Moraes, além de outras cordelistas cujos textos integrarão as atividades planejadas. Atividades estas que sugerimos serem realizadas, sempre que possível, em diálogo com outras linguagens e gêneros que não apenas os literários, a exemplo da canção, da notícia, entre outros. Também optamos por incluir materiais audiovisuais, expandindo as perspectivas do letramento literário ao abranger diversas formas de expressão.

As atividades aqui apresentadas têm como objetivo provocar reflexões sobre as opressões

vividas pelas mulheres, suas lutas e seus instrumentos de resistência, com destaque para a construção do empoderamento feminino, a fim de conduzir os alunos e às alunas a uma importante conscientização em relação à igualdade de gênero e ao amadurecimento de leitores críticos, autônomos e participativos.

Por fim, sugerimos que esta proposta possa ser executada em diferentes realidades pedagógicas, atentando-se, no entanto, para as adaptações necessárias de acordo com cada situação de ensino e aprendizagem.

Bom trabalho!



SUMÁRIO

1. Apresentação (pag. 3)

2. Para começo de conversa (pag. 5)

2.1 Primeira atividade - Empoderamento? O que é isso? (pag. 7)

2.2 Segunda atividade - Uma introdução à literatura de cordel (pag. 8)

2.3 Podemos Sugerir? - Cordéis (pag. 10)

2.4 Sigamos nosso caminho... (pag. 17)

3. Primeira oficina: A mulher que luta (pag. 18)

3.1 Motivação: A lei Maria da Penha e o cordel (pag. 19)

3.2 Introdução: Conhecendo a autora (pag. 19)

3.3 Leitura: – Lendo os cordéis *Mulheres Empoderadas Conquistando seus Espaços* e *Flor Precisa de Cuidados- Mulher merece Respeito* (pag. 20)

3.4 Interpretação – Primeira etapa: Refletindo sobre os direitos da mulher (pag. 20)

3.5 Interpretação – Segunda etapa: Refletindo em diálogo com outros gêneros textuais (pag. 20)

3.6 Podemos Sugerir? - *A Lei Maria da Penha em Cordel* (pag. 21)

3.7 Podemos Sugerir? - Maria Ivonete Bezerra de Moraes (pag. 24)

3.8 Podemos Sugerir? - G1 reúne mais de 4 mil notícias de violência contra a mulher em 10 anos. (pag. 31)

4. Segunda oficina: A mulher que verseja (pag. 34)

4.1 Motivação: Mulheres cordelistas e suas conquistas (pag. 34)

4.2 Introdução: Entrevista com Ivonete Moraes (pag. 34)

4.3 Leitura: Lendo os cordéis *Mulher cordelista na arte de versejar* e *O amor de A a Z, virtudes indescritíveis* (pag. 34)

4.4 Interpretação: Conhecendo uma cordelista (pag. 34)

4.5 Podemos Sugerir? - Mulheres cordelistas (pag. 36)

4.6 Podemos Sugerir? - Mulheres como referência na luta pelos direitos de igualdade (pag. 39)

5. Terceira oficina: A mulher que subverte

5.1 Motivação: Como fazer um cordel (pag. 43)

5.2 Introdução: Um pouco mais sobre a cordelista (pag. 43)

5.3 Leitura: Lendo os cordéis *Maria Bonita, a Rainha do cangaço* e *Histórias das mulheres no cangaço* (pag. 43)

5.4 Interpretação –Primeira etapa: Produzindo cordéis (pag. 44)

5.5 Interpretação – Segunda etapa: Confeccionando os livretos (pag. 44)

5.6 Podemos Sugerir? - Como fazer um cordel (pag. 45)

5.7 Podemos Sugerir? - Cordeis e Música (pag. 47)

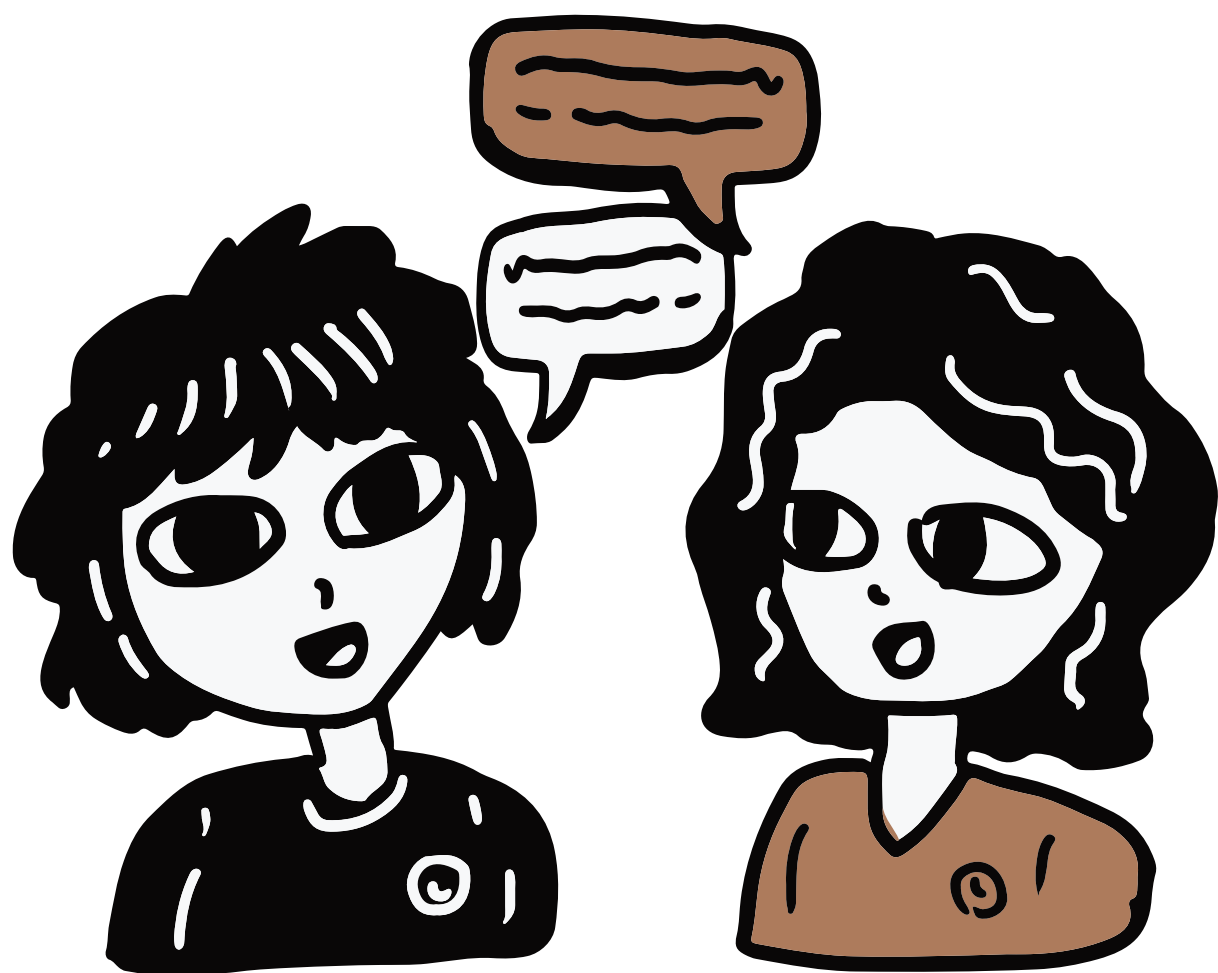
6. A Hora e a vez do sarau literário (pag. 53)

7. Notas finais (pag. 54)

8. Referências (pag. 55)

- 1 -

PARA COMEÇO DE CONVERSA...



Antes de iniciarmos as três oficinas, é importante que você apresente aos alunos e às alunas o que eles(as) irão conhecer ao longo das aulas e do que trata cada oficina, pois é preciso que compreendam os objetivos das atividades das quais eles participarão. Para isso, sugerimos, de início, uma roda de conversa sobre o tema empoderamento e literatura de cordel. Seguem, abaixo, duas atividades que podem ser ministradas antes das oficinas propriamente ditas.

PRIMEIRA ATIVIDADE

Empoderamento? O que é isso?

PASSO 1 – Roda de Conversa

Nesse passo, os alunos e as alunas terão a oportunidade de conhecer o significado da palavra empoderamento; para isso, faz-se necessário que você pergunte se já ouviram a palavra em alguma situação que tenham vivido. Partindo das respostas, você poderá apresentar um cartaz e/ou vídeo que apresente sentidos mais gerais do termo, bem como aqueles mais específicos relacionados ao empoderamento feminino e a sua importância na luta pelos direitos da mulher.

PASSO 2

Após a apresentação do vídeo explicativo e/ou dos cartazes, inicie um diálogo sobre o que eles compreenderam e promova problematizações sobre o que cada um(a) pode fazer a fim de contribuir para o processo de empoderamento das mulheres.

PODEMOS SUGERIR?

Para o passo 1, sugerimos um dos dois vídeos abaixo sobre o empoderamento feminino:

a) Que ressalta o empoderamento das mulheres:



Empoderamento das mulheres

Canal: ONU Mulheres Brasil

https://www.youtube.com/watch?v=6RSc_XYezig

c) Que apresenta o que muitas mulheres desejam sobre a participação dos homens nos trabalhos domésticos.



O Sonho Impossível?

(que apresenta o que muitas mulheres sonham sobre a participação dos homens em seus trabalhos domésticos.)

Canal: ONU Mulheres Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=dKSdDQqkIMIM>

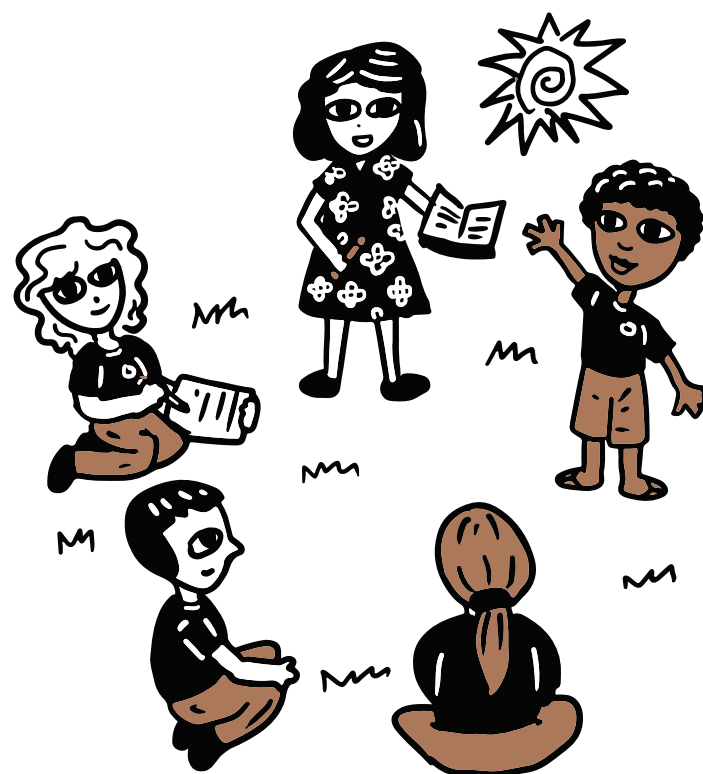
Sugerimos, ainda, nesse passo, as perguntas que poderão ser usadas na roda de conversa:

- a) Vocês já ouviram falar em empoderamento?
- b) O que vocês entendem por empoderamento?
- c) O que seria, para vocês, o empoderamento feminino?
- d) Será que feminismo e empoderamento têm o mesmo sentido ou há diferença entre os dois?

SEGUNDA ATIVIDADE

Uma introdução à literatura de cordel

PASSO 1 – Roda de Conversa



Nesse passo, você poderá seguir o mesmo da atividade anterior, ou seja, perguntar aos alunos e às alunas se conhecem ou se já ouviram falar em cordel. A partir das respostas, é importante fazer perguntas sobre esse gênero literário.

PASSO 2 – Conhecendo o cordel

Após o diálogo sobre o gênero, você poderá apresentar e ler dois ou mais cordéis que falem sobre o próprio cordel, suas origens e características. É muito importante que esses cordéis sejam de autoria feminina, para que os alunos e as alunas já percebam a relevância da presença das mulheres na literatura. Finalizada as leituras, uma roda de conversa sobre os cordéis lidos pode ser organizada.

PASSO 3 – Recapitulando

Nesse passo, sugerimos apresentar várias fitas de papéis contendo palavras relacionadas ao universo do cordel, como: xilogravuras, repente, folhetos, poesia popular, entre outras. Em seguida, você pode pedir que cada aluno(a) retire uma fita e cole em ordem alfabética num grande painel, que será disponibilizado numa parede ou num quadro branco. Ao colar a fita, cada um(a) deverá falar o que sabe da relação da palavra com o cordel. Esse passo deverá ser seguido até que sejam finalizadas todas as fitas. É importante a turma ir observando se todos os verbetes estão dispostos realmente em ordem alfabética. Por conseguinte, compete a você, professor(a), acrescentar, esclarecer ou retificar o que os alunos e as alunas forem apresentando.

PASSO 4 – Lendo Cordéis

Para esse passo, a turma terá a oportunidade de levar para casa alguns cordéis de sua escolha para lerem, se possível, com os pais. Portanto, você deverá selecionar diversos folhetos, tanto os clássicos quanto produções contemporâneas, tanto de autoria masculina quanto feminina, de preferência mulheres cordelistas que inauguraram oportunidades, no gênero, para outras, como Maria das Neves.

PASSO 5 – Feedback

Nesse último passo, a turma terá a oportunidade de, em uma roda de conversa, manifestar suas impressões acerca dos cordéis que leram. Para isso, você poderá fazer algumas perguntas que permitirão facilitar a exposição dessas impressões. A execução desse passo deve ser bem espontânea, a fim de que os alunos e as alunas se sintam à vontade para falar, com pouca intervenção da sua parte.

PODEMOS SUGERIR?

Para o passo 1, formulamos essas perguntas, que facilitarão a roda de conversa:

- Vocês já conhecem o gênero literatura de cordel?
- Se já, digam como e quando vocês tiveram contato com esse gênero.
- Vocês possuem folhetos de cordel em casa?
- O que é cordel para vocês?
- Folheto é o mesmo que cordel?
- De onde vem o nome cordel?
- No Brasil, também se costumava pendurar os cordéis em barbantes para a venda?
- Qual a origem do cordel?
- Quem é considerado o pai do cordel?
- Quais as principais características do cordel?
- O que vocês esperam aprender nos folhetos de cordel?
- Por que ler cordéis?

Para o passo 2, indicamos as cordelistas Dalinha Catunda, com *Apologia ao cordel* e *Cordel no embalo das redes*, e um cordel de Rosário Pinto, *O Poeta e o Folheteiro* (anexo), que versam sobre a história do gênero. Essas duas cordelistas participam de um blog intitulado Cordel de Saia, idealizado e criado pela cordelista Dalinha Catunda, com a colaboração de Rosário Pinto. Neste blog, direcionado à cultura popular, como o próprio site informa, a mulher aparece como figura principal. O blog tem como função divulgar eventos relacionados à literatura de cordel, além de descobrir e divulgar trabalhos de mulheres cordelistas.

Apologia ao cordel

Autoria: Dalinha Catunda

Cordel é Literatura
Com certeza popular.
No baú dos portugueses
Chegou e foi para ficar.
Em Salvador aportou,
Sua semente semeou,
Logo começou a brotar.

Sua origem é da Europa
Mas aportou na Bahia.
Ganhou um novo sotaque
Para nossa alegria.
Tem cara de nordestino
E cumpre bem seu destino
Numa eterna romaria.

Leandro Gomes de Barros,
Com sua sabedoria
É poeta renomado
De muita categoria
Sábio empreendedor

E se tornando editor
Abriu uma tipografia.

Criou, publicou folhetos,
Com dinamismo vendeu.
E foi assim que o cordel,
No papel apareceu.
Sendo o mestre de Pombal
A figura principal
Do cordel em apogeu.

O cordel não agoniza,
Como sempre ouvi falar.
Cada dia ganha força
Floresce em todo lugar.
Tirou o pé do sertão
Para invadir a nação
Na arte de se propagar.

Na mala dos nordestinos
Embarcou para o Sudeste.
Ganhou a periferia
Na voz do cabra da peste.
Ganhou feira, até salão
Falando de tradição
E costumes do Nordeste.

Se no rádio sempre esteve,
Com certeza continua.
Na feira de São Cristóvão
É o repentista que atua
Demonstrando essa cultura
Que não foi pra sepultura
E ganha aplausos na rua.

É no rádio que o cordel
Mostra bem o seu valor.
Com histórias engraçadas
Contadas no interior
Muito bem interpretadas
Onde o povo dá risadas
Escutando o locutor.

Poetas têm seguimentos,
Que atento leitor seduz.
No dialeto matuto
Enfatizo Zé da Luz.
O que transmite emoção
Falando com coração
A singeleza faz jus.

Temos mestre Patativa
Que honrou o seu cinzel
Fez da saga nordestina
A musa do seu cordel.
Escreveu "Triste Partida"
A história dolorida
Duma seca tão cruel.

Na voz de Luiz Gonzaga,
O nosso rei do baião,
O cordel de Patativa
Transformou-se em canção.
Foi hino dos retirantes
Dos nordestinos errantes
Que deixavam seu torrão

"Vaca Estrela, Boi Fubá"
Foi Fagner quem gravou
Também é de Patativa,
Muita gente se encantou,
E o poema musicado,
Foi aceito no mercado,
Na mídia se propagou

A mulher cavou espaço
E conseguiu penetrar

Neste mundo do cordel
Ocupando seu lugar
Deixou de viver reclusa
Abdicou de ser musa
Para os versos encarar.

O cordel bem sabiamente
Abriu alas para mulher.
Que neste mundo machista
Meteu bem sua colher
E trouxe em sua bagagem
Um punhado de coragem
De quem sabe o que bem quer.

Tem o cordel engraçado,
Matuto e educativo,
Criticar velho cordel
Confesso não há motivo,
Ele tem suas vertentes
Mesmo sendo diferentes
Tem o seu leitor cativo.

Há quem fale em cientistas,
E também em pensadores,
Políticos importantes,
E fazendo os seus louvores.
Mostrando conhecimento
Dos astros e firmamento
E tantos outros valores.

O cordel das prateleiras
Já fez festa no sertão
Balançando-se ao vento
Pendurado num cordão.
Com as lendas de princesas
E contando safadezas
Do famoso Lampião.

O cordel modernizado
Na mídia se faz presente,
Inclusive na internet
E cruzando continente.
O cordel está na praça,
Pois cordelista tem raça
E consegue ir em frente.

Afirmo, também não vale
Criticar a evolução.
De quem escreve cordel
Usando a língua padrão
Usando sabedoria

Com muita categoria
E buscando erudição.

O cordel na internet
É mesmo sensacional
Onde pesquisas são feitas,
E duelo virtual.
O cordel sem retrocesso
Navega para o sucesso
Dando um salto universal

E nas universidades
O cordel é estudado.
Desempenha seu papel
Nas teses de doutorado.
Cordelista dá palestra
E se muita mente adestra
Celebra bom resultado.

Poeta de fino trato
Por favor, seja fiel.
Não se esqueça das raízes
Que tem o nosso cordel
Mesmo sendo singular
Mas sempre foi popular
Na boca do menestrel.

Mensageiro da notícia
Sempre será o cordel.
Popular literatura
Que cumpre bem seu papel.
No rádio e televisão,
Em mera publicação
Divulgada em painel.

O cordel vai se movendo
Em nítida evolução
E vai se modificando
Tal qual o camaleão.
Vai acompanhando os tempos
E seguindo os movimentos
Mostrando sua ascensão.

E salve o velho cordel!
Chamado tradicional.
Salve a nova criação
Neste mundo virtual
E salve a diversidade
Pois essa variedade
Faz o cordel maior.

vel em: <http://cordel desaia.blogspot.com/2011/08/apologia-ao-cordel-de-dalinha-catunda.html>. Acesso em: 6 abr. 2020.

Cordel no embalo das redes

Autoria: Dalinha Catunda

Cordel no embalo das redes
Autoria: Dalinha Catunda

Meu cordelzinho matuto
Das feiras do meu sertão
Hoje reina absoluto
Tem farta divulgação
Com seu jeitão enxerido
Agora todo exibido
Brilha na televisão.

Aparece ledado e belo,
Nos mais diversos canais.
Sem deixar de ser singelo
Vai estampando jornais
Com sua xilogravura
Mostrando sua cultura,
Que nunca será demais.

Um programa inteirinho
No “Globo Rural” ganhou.
E o “Salto Pro Futuro”,
O seu valor realçou.
No “History Channel”,
Detalhes do cordel
A história revelou.

Hoje é tema de novela,
Este cordel encantado,
De rainhas e princesas,
E do cangaço falado.
No reino da poesia
Um passado de magia
Será então resgatado.

Como fico orgulhosa
Em ver meu matutinho,
Sendo bem reconhecido
Mesmo fora do seu ninho.
Está fazendo bonito,
No cordel eu acredito
Pois ele é meu caminho.

Fonte: CATUNDA, D; PINTO, R. Cordel de Saia. [S. n.], 2011. Disponí-

Escutei cordel em feiras
E rodas de cantoria.
Em encontros com poeta
Onde reinava alegria.
Agora mais abrangente
Continua imponente
Disseminando magia.
A internet chegando,
Vestiu de asas o cordel,

Que voou pra todo canto,
Como um alado corcel,
Com toda desenvoltura,
Aproveitou a abertura
Para firmar seu papel.

Um dia virou folheto
O que era apenas oral.
Chegou à televisão,
A revista, ao jornal.
E na internet brilha
Seguindo a nova trilha
Neste mundo virtual.

Na internet impera,
A real democracia,
Lê-se o contemporâneo,
E o antigo se aprecia
Com a multiplicidade
O cordel vira verdade
Que na rede contagia.

O cordel de trajes simples
Ou vestido a rigor
Sempre será respeitado
Sempre terá seu valor
Trazendo erudição,
Ou apenas inspiração
Traz na rima seu calor.

O cordel de trajes simples
Reside no interior.
Nas emissoras de rádio
Na boca do locutor.
No sorriso e na alegria
Que de fato contagia
Quem lá no campo ficou.

O cordel vestido a rigor
Usa terno e gravata
Não é de fazer bravata,

Seu espaço conquistou
Traz no seu falar polido
Um linguajar tão sabido
Que a escola adotou.

Este cordel que desponta,
E chegou para ficar.
Inserido nas escolas
E ajudando a ensinar
Traz na bagagem magia
É o novo que contagia,
Ajudando a educar.

Quais as faces do cordel?
Quem poderá me dizer?
Não diga que é só matuto
Nisso eu não posso crer!
Não diga que é erudito
Pois também não acredito.
Mas tudo poderá ser.

O Cordel é um alento
Para o forte Nordeste.
Cultivador de saudade
Um eterno peregrino.
Que leva no coração
As histórias do sertão,
A saga do seu destino.

É a gritante saudade
Da farinha no surrão.
É a saudade da paçoca
Bem pisada no pilão
Da pamonha, da canjica
Do amor a terra que fica,
Grudado no coração.

É a cantilena brejeira
De quem viveu no sertão.
Tudo que passou um dia
Vivendo em seu torrão
Morando na capital
O cordel vira jornal,
A fonte de informação.

O cordel é identidade
Do homem do interior
Que veio para cidade
Estudou pra ser doutor
Mas apesar de formado
Recorda bem o passado

E as raízes dá valor.

Preso com os pregadores
Pendurado em cordão.
Avistava-se o cordel
Nas feiras do sertão.
Agora bem editado,
Ricamente ilustrado
Não falta divulgação.

O cordel é oração,
É reza é ladainha.
É a história de um povo
Que incansável caminha
Registrando sua história
Para guardar na memória
Que oralmente retinha.

A internet chegou
Para o cordel socorrer
E zombar de quem dizia
Que o cordel ia morrer.
Acompanhando o progresso
Um cordel sem retrocesso
É o que de fato se ver.

Eu sou Dalinha Catunda,
Também me assino Aragão.
Amante da poesia
Que germinou no sertão
Em Ipueiras nascida
Ao cordel dou guarida
Pois ele é minha paixão.

Fonte: SILVA, M. M. Mundo Cordel. [S. n.], 2011. Disponível em:
<http://mundocordel.blogspot.com/2011/05/cordel-de-dalinha-catunda.html>. Acesso em: 6 abr. 2020.

O poeta e o folheteiro

Autoria: Rosário Pinto

Dois figurões importantes
Neste mundo do cordel
Um compõe o outro vende
Andando de léu em léu
Marcando assim, uma vida
De poesia, sortida
Divulgando o menestrel

LEANDRO foi precursor

A narrar toda esta saga
Do folheto de cordel
Que até hoje se propaga
Por este Brasil inteiro
Por isto que o pioneiro
Da lembrança não se apaga...

Poeta e grande tipógrafo
Seus folhetos imprimia
Entregando ao folheteiro
Que logo os distribuía
A correr feiras e vilas
E o povo fazendo filas
Para comprar poesia

Poucos recursos havia
O comércio era precário
Sustentou muita gente,
Vendendo: de Abecedário
Aos romances de Amor,
De Aventura e de Terror,
Pelejas e Anedotário.

Por sítios, vila e cidade,
Viajando toda a vida
Seu Leandro produzindo
E o folheteiro na lida
Apurando alguns mil réis,
Com a venda dos cordéis,
Tinha renda garantida.

O folheteiro enfrentava
Todo impasse, todo obstáculo
Andando de sol a sol
Em busca do espetáculo
De ver o povo sorrir,
Pensar, amar, refletir,
Fazendo do verso oráculo.

LEANDRO compôs uns mil
Títulos foram vendidos
Sua Tipografia era
Um trabalho de aguerridos
O seu eterno borralho
Foi montando o cabeçalho,
Folheteiros atendidos.

Ferramentas mudaram
Esta bela profissão.
O folheteiro hoje vende
Folhetos em profusão,

Mas, nas Redes Sociais,
Não nas feiras naturais,
Como foi na ocasião.

O folheteiro capaz
Na sua incansável lida
Nunca teve outro Ofício
E assim impelia a vida
De carroça ou jumento
Levando contentamento
E tendo boa acolhida

Mas LEANDRO adoeceu,
Deixou um acervo abundante,
Que a viúva resolveu
Vender e no mesmo instante
ATHAYDE, um homem rico
Propôs à viúva: Eu fico!
Comprando todo o montante.

Com a evolução do mundo
Mudou a distribuição,
Hoje em Bancas de Revistas
E em Livrarias são
Expostos e oferecidos
Nossos cordéis que são lidos
Nas escolas da nação.

Naqueles tempos de outrora
ATHAYDE rebanhou,
Cegos e homens do povo,
Por bom preço os contratou,
Pra venderem seus folhetos
Cordéis hoje, ontem folhetos,
Que LEANDRO lhe deixou.

Em seu nome colocou
Toda aquela produção
Os seus e os de Leandro
Sem qualquer má intenção
Pois naquele tempo as Leis
Sem quaisquer Decretos-Leis
Não tinham divulgação.

DELARME tinha um estoque
Para distribuição
JOÃO JOSÉ o procurou
Precisava ganhar pão
No Beco do Seridó
Muito empenhado que só
Montou ali o seu Galpão

Negócio de pouca monta
Porém de grande amplidão,
Apesar da pouca renda,
Dava ganho e profissão
Para os distribuidores
Todos eles vendedores
Dali tiravam seu pão.

Um outro grande editor,
ZÉ BERNARDO, este um romeiro,
Vendendo quinquilharias
Seguiu para o Juazeiro,
Encontrou pelo caminho
Viajando em seu burrinho
O vendedor folheteiro.

Ele que de longe vinha
Pra cumprir sua promessa
Conhecer o padre Cícero,
Andava sempre depressa
Pra chegar no dia certo
Estava, portanto, "alerto"
Isto ao padre ele confessa.

Sempre havia aquele que
Fazia todo o papel
De escrever e, imprimir,
Vender por ser menestrel
Fez do folheto seu lema
Tendo o sertão como tema
E o verso como corcel.

MINERVINO foi um deles,
Bardo, gráfico menestrel,
Imprimiu, criou, vendeu,
Foi sempre esse o seu papel,
Tinha muita produção
Ensinou toda a lição
Sua vida era um tropel.

RODOLFO COELHO veio
Juntar a categoria
De poeta a cantador
Criando benfeitoria
De um CONGRESSO pioneiro
De TROVADOR E VIOLEIRO
Para orgulho da Bahia.

Espalhou pelo Brasil
Um ideal altaneiro
Esse primeiro Congresso

De Trovador e Violeiro
No ano 55
Implantou com grande afinco
Ecoou no mundo inteiro.

Para conhecer melhor
Seus poetas, cantadores
Que corriam este país
Com versos acolhedores
Dessa poesia impressa
COELHO fazia remessa
Aos seus distribuidores.

O Jornal daqueles tempos
Era os versos de um cordel
JOSÉ SOARES, que era
O repórter menestrel
Se o rádio dava a notícia
Ele, com muita perícia,
Passava para o papel.

Foi repórter de seu tempo,
Narrava com precisão
As notícias que ele ouvia
Com a metrificação
Nunca perdeu uma rima
Sempre com ela se anima
Mantendo boa oração

Para não interromper
O ato dessa criação
Vou expondo assim, à vontade
Resquícios de uma visão
Que já publiquei em prosa
E novamente se entrosa
A verdade desta ação.

Os versos me vieram
De tanta leitura feita
Deixo aos poetas, colegas
Dirimir qualquer desfeita
Deixe aqui seu comentário
Ou faça um abecedário
Dessa memória imperfeita.

Fonte: PINTO, R. Rosário Pinto. [S. n.], 2019. Disponível em: <http://rosarioecordel.blogspot.com/2019/04/o-poeta-e-o-folheteiro-2019-2-edicao.html>. Acesso em: 6 abr. 2020.

PODEMOS SUGERIR?

Para o passo 3, sugerimos as seguintes palavras: xilogravura, folheto, cordel, violeiro, poesia popular, cordelista, rima, estrofes, métrica, oralidade, barbantes, versos, Patativa do Assaré, repentista, peleja.

Para o passo 4, sugerimos esses cordéis: *A chegada de Lampião no céu*, de Rodolfo Coelho Cavalcante; *O romance do pavão misterioso*, *História da donzela Teodora*, *O Boi Misterioso*, *O dinheiro*, *O testamento da Cachorra*, *O cavalo que defecava dinheiro*, de Leandro Gomes de Barros; *Cante lá que eu canto cá*, *Fulô e Aqui tem coisa*, de Patativa de Assaré; sugerimos também uns folhetos adaptados de livros clássicos da literatura nacional, como *Iracema*, de Stelio Torquato Lima, *O tronco do Ipê e Luzia Homem*, de Arievaldo Viana, *A Galinha dos ovos de ouro*, de Paiva Neto, e folhetos de cordelistas mulheres, como *Mulheres no cordel*, de Vânia Freitas, *Ana e o amor (muita calma por favor)*, de Bia Lopes, *Mulher de luta e de história*, de Julie Oliveira, Mariana de Lima e o cordel dela *Se você é mulher, vê se você se toca*, bem como de outros cordelistas nordestinos de renome, como Bráulio Bessa.

Para o passo 5, sugerimos as perguntas abaixo, a serem realizadas numa roda de conversa:

- a) Vocês leram os folhetos que levaram para casa? Quem leu mais de uma vez?
- b) Quem leu para os pais, irmãos ou outros familiares?
- c) Gostaram do que leram?
- d) De que falava o folheto que vocês levaram para casa?
- e) Como era a linguagem? A leitura foi fácil ou difícil de compreender?
- f) Quem leu para algum familiar em casa, o que eles falaram após a leitura?
- g) Quem quer ler, agora, o folheto que havia levado para casa?

Sigamos nosso caminho...

Após a sondagem com as duas atividades realizadas, seguimos com as três oficinas propostas, lembrando que uma oficina é pré-requisito para a próxima, então, não é aconselhável saltar as sequências sugeridas. Para essas, serão apresentados seis cordéis produzidos pela cordelista cearense Ivo-nete Moraes. Para a primeira oficina, selecionamos os cordéis *Mulheres Empoderadas Conquistando seus Espaços* e *Flor Precisa de Cuidados- Mulher merece Respeito*. Para a segunda, selecionamos *Mulher Cordelista Na Arte de versejar* e *O Amor de A a Z*. Por fim, a terceira oficina terá os cordéis *Histórias das Mulheres no Cangaço* e *Maria Bonita- a Rainha do Cangaço*.



- OFICINA 1 - A MULHER QUE LUTA



PASSO 1 - MOTIVAÇÃO A Lei Maria da Penha

Para esse passo, você poderá utilizar um vídeo que apresente a Lei Maria da Penha, de preferência, em cordel, e, em seguida, iniciar uma roda de conversa a respeito do vídeo, com algumas perguntas que possam nortear o diálogo.

PASSO 2 - INTRODUÇÃO Conhecendo a Autora

Nesse passo, haverá a apresentação da biografia da cordelista Ivonete Moraes, com fotos e cordéis dela. É o momento de explicar as dificuldades que muitas mulheres enfrentaram para conseguir escrever e publicar cordéis, pois, durante muito tempo, eles eram exclusivamente publicados por homens. Após discussão sobre essas dificuldades enfrentadas, você pode pedir aos alunos e às alunas que pesquisem, em casa, sobre mulheres que conseguiram se destacar como cordelistas no Brasil. Seria importante estipular um prazo para a entrega escrita dos resultados dessa pesquisa. Eles poderão ser apresentados em dupla ou em grupo. O importante é estimulá-los(as) a se sentirem motivados(as).



PASSO 3 – LEITURA

*Lendo os cordéis **Mulheres Empoderadas Conquistando seus Espaços** e **Flor Precisa de Cuidados- Mulher merece Respeito***

Para esse passo, você deverá entregar cópias do primeiro cordel, *Mulheres Empoderadas Conquistando seus Espaços*, o qual deverá ser lido primeiro por você e, logo depois, pela turma. Essa segunda leitura pode ser realizada por meio de uma espécie de jogral, em que cada leitor(a) que se prontificar fará a leitura de uma estrofe. Escolhemos o jogral por ser uma atividade que envolve todos de forma integral e dinâmica. Ele também poderá ser utilizado com o cordel *Flor Precisa de Cuidados- Mulher merece Respeito*. Finalizadas as leituras, a turma será dividida em cinco grupos, que responderão uma pergunta diferente cada. Logo após as discussões internas, as respostas serão apresentadas numa roda de conversa.

PASSO 4 – INTERPRETAÇÃO 1

Refletindo sobre os direitos da mulher

Nesse passo, você poderá pedir aos alunos e às alunas que respondam, no mesmo grupo que formaram na etapa anterior, umas perguntas a respeito de cada cordel lido. Em seguida, após estipular um horário, as respostas serão apresentadas em uma roda de conversa e entregues por escrito.

PASSO 5 – INTERPRETAÇÃO 2

Refletindo em diálogo com outros gêneros textuais

Para esse passo, será apresentado à turma um noticiário sobre os inúmeros feminicídios que ocorreram ao longo dos 10 anos da implementação da Lei Maria da Penha, e, em seguida, para fomentar o diálogo, você pode apresentar um vídeo produzido pela cordelista paraibana Anne Karolyne intitulado *A mulher não é culpada*, que contribui com o debate em torno da ideia de que a mulher não deve se sentir culpada pelas situações de violência e violação de direitos das quais é vítima, nem pelo que veste ou fala. Deverá ser encerrada essa oficina com as observações da turma sobre o noticiário e o vídeo apresentados.

PODEMOS SUGERIR?

Para o passo 1, sugerimos um vídeo intitulado *A lei Maria da Penha em cordel*, de autoria do cordelista Tião Simpatia, apresentado por uma garotinha. Você poderá ver esse vídeo acessando o link abaixo. O cordel impresso também poderá ser entregue, para facilitar a discussão em grupo.



A Lei Maria da Penha em Cordel - Por Samya Abreu
Canal: Tião Simpatia
<https://www.youtube.com/watch?v=Mmi7YTdxmM>

A Lei Maria da Penha em Cordel

Autoria: Tião Simpatia

A lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em "mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor".

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã
Pra que a mulher de hoje
Não seja uma vítima amanhã.

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor

E à vítima, dar assistência.

Tá no artigo primeiro
Que a lei visa coibir;
A violência doméstica
Como também, prevenir;
Com medidas protetivas
E ao agressor, punir.

Já o artigo segundo
Desta lei especial
Independente de classe
Nível educacional
De raça, de etnia;
E opção sexual...

De cultura e de idade
De renda e religião
Todas gozam dos direitos
Sim, todas! sem exceção
Que estão assegurados
Pela constituição.

E que direitos são esses?
Eis aqui a relação:
À vida, à segurança.
Também à alimentação
À cultura e à justiça
À saúde e à educação.

Além da cidadania
Também à dignidade
Ainda tem moradia
E o direito à liberdade.
Só tem direitos nos "as",
E nos "os", não tem novidade?

Tem! tem direito ao esporte
Ao trabalho e ao lazer
E o acesso à política
Pro brasil desenvolver
E tantos outros direitos
Que não dá tempo dizer.

E a lei Maria da Penha
Cobre todos esses planos?
Ah, já estão assegurados
Pelos direitos humanos.
A lei é mais um recurso
Pra corrigir outros danos.

Por exemplo: a mulher
Antes da lei existir,

Apanhava e a justiça
Não tinha como punir
Ele voltava pra casa
E tornava a agredir.

Com a lei é diferente
É crime inaceitável
Se bater, vai pra cadeia.
Agressão é intolerável.
O estado protege a vítima
Depois pune o responsável.

Segundo o artigo sétimo
Os tipos de violência
Doméstica e familiar
Têm na sua abrangência
As cinco categorias
Que descrevo na sequência.

A primeira é a física
Entendendo como tal:
Qualquer conduta ofensiva
De modo irracional
Que fira a integridade
E a saúde corporal...

Tapas, socos, empurrões;
Beliscões e pontapés
Arranhões, puxões de orelha;
Seja um, ou sejam dez
Tudo é violência física
E causam dores cruéis.

Vamos ao segundo tipo
Que é a psicológica
Esta merece atenção
Mais didática e pedagógica
Com a autoestima baixa
Toda a vida perde a lógica...

Chantagem, humilhação;
Insultos; constrangimento;
São danos que interferem
No seu desenvolvimento
Baixando a autoestima
E aumentando o sofrimento.

Violência sexual:
Dá-se pela coação
Ou uso da força física
Causando intimidação

E obrigando a mulher
Ao ato da relação...

Qualquer ação que impeça
Esta mulher de usar
Método contraceptivo
Ou para engravidar
Seu direito está na lei
Basta só reivindicar.

A quarta categoria
É a patrimonial:
Retenção, subtração,
Destruição parcial
Ou total de seus pertences
Culmina em ação penal...

Instrumentos de trabalho
Documentos pessoais
Ou recursos econômicos
Além de outras coisas mais
Tudo isso configura
Em danos materiais.

A quinta categoria
É violência moral
São os crimes contra a honra
Está no código penal
Injúria, difamação;
Calúnia, etc. e tal.

Segundo o artigo quinto
Esses tipos de violência
Dão-se em diversos âmbitos
Porém é na residência
Que a violência doméstica
Tem sua maior incidência.

E quem pode ser enquadrado
Como agente/agressor?
Marido ou companheiro
Namorado ou ex-amor
No caso de uma doméstica
Pode ser o empregador.

Se por acaso o irmão
Agredir a sua irmã
O filho, agredir a mãe;
Seja nova ou anciã
É violência doméstica
São membros do mesmo clã.

E se acaso for o homem
Que da mulher apanhar?
É violência doméstica?
Você pode me explicar?
Tudo pode acontecer
No âmbito familiar!

Nesse caso é diferente;
A lei é bastante clara:
Por ser uma questão de gênero
Somente à mulher, ampara.
Se a mulher for valente
O homem que livre a cara.

E procure seus direitos
Da forma que lhe convenha
Se o sujeito aprontou
E a mulher desceu-lhe a lenha
Recorra ao código penal
Não à lei Maria da Penha.

Agora, num caso lésbico;
Se no qual a companheira
Oferecer qualquer risco
À vida de sua parceira
A agressora é punida;
Pois a lei não dá bobeira.

Para que os seus direitos
Estejam assegurados
A lei Maria da Penha
Também cria os juizados
De violência doméstica
Para todos os estados.

Aí, cabe aos governantes
De cada federação
Destinarem os recursos
Para implementação
Da lei Maria da Penha
Em prol da população.

Espero ter sido útil
Neste cordel que criei
Para informar o povo
Sobre a importância da lei
Pois quem agride uma rainha
Não merece ser um rei.

Dizia o velho ditado

Que "ninguém mete a colher".
Em briga de namorado
Ou de "marido e mulher"
Não metia... agora, mete!
Pois isso agora reflete
No mundo que a gente quer.

Fonte: SIMPATIA, T. A lei Maria da Penha em cordel. Ilustrações de

PODEMOS SUGERIR?

Sugerimos também essas perguntas para a roda de conversa:

- O que é a Lei Maria da Penha?
- Quem é Maria da Penha?
- O que modificou com essa lei sobre a violência contra a mulher?
- O que ainda não mudou e como fazer para mudar?
- Como poderemos atuar para que essa lei ser respeitada?

Para o passo 2, selecionamos algumas fotos da cordelista Ivonete Moraes que você poderá ampliar e imprimir, bem como sua biografia, enviada por ela mesma ao nosso e-mail. Sugerimos também conhecer o link <http://cordeldesai.blogspot.com/2013/07/a-visita-de-ivonete-moraes.html> e o livro Romaria de versos, mulheres cearenses autoras de cordéis,



Fonte: Cedido pela autora.

Maria Ivonete Bezerra de Moraes (Ivone-te Moraes) é cearense, nascida na capital Fortaleza, filha de Antônio André de Moraes e Maria Ivone Bezerra de Moraes. É socióloga, pela universidade de Fortaleza (UNIFOR), com especialização em Família numa abordagem Sistêmica, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Começou a fazer cordel com 50 anos de idade, em 2004, quando participou de um curso de literatura de cordel promovido pela prefeitura de Fortaleza e ministrado pelo cantador de viola cearense Zé Maria de Fortaleza, na casa dele, localizada no Bairro Carlito Pamplona, em Fortaleza. Seu primeiro cordel, intitulado *O amor de A a Z*, foi escrito por incentivo da também cordelista cearense Maria Luciene, que, em 2003, a convite de Ivonete, produziu um cordel para ser declamado em seu aniversário de 50 anos. Este mesmo cordel foi premiado em primeiro lugar por um concurso de poesia promovido pelos funcionários públicos do estado do Ceará. A partir daí surgiu a vontade de continuar a fazer cordéis. Seus temas vão desde os elementos culturais do Nordeste, como a rapadura, o vaqueiro, Lampião e Maria Bonita, espelhados nos gostos do próprio pai, que adorava escutar o rei do baião, Luiz Gonzaga, até temas sociais, como o empoderamento feminino, que ela faz questão de exaltar



Fonte: Cedido pela autora.



Fonte: Cedido pela autora.

em seus vários cordéis publicados sobre as conquistas e lutas das mulheres.

Ivonete Moraes sempre valorizou a Cultura Popular através dos Maracatus, Reisados, Repentes de violas, Poesias de Cordel, Ciranda e todo o Folclore brasileiro, ouvindo e dançando o forró pé de Serra, especialmente de Luiz Gonzaga e Dominginhos, e aperfeiçoou-se em fazer versos rimados, contando com vários cordéis publicados e tendo recebido alguns prêmios. Caracterizada com trajes que lembra a mulher no Cangaço, Ivonete Moraes se apresenta, declamando seus cordéis, em vários eventos culturais, entre eles a Bienal do Livro de Fortaleza, e também em casamentos, aniversários de todas as idades, escolas Estaduais e Municipais.



Fonte: Cedido pela autora.

Para o passo 3, apresentamos os dois cordéis de Ivonete Moraes que deverão ser lidos em sala.

Flor precisa de cuidados, mulher merece respeito

Autoria: Ivonete Moraes

Pretendo neste cordel,
Seguindo até o final,
Com afinho relatar
As fases de um casal.
Com a relação que começa
Vai vivendo ser ter pressa
Depois surge um vendaval.

Tudo era maravilhoso!
Com muito amor e paixão
Um conhecendo o outro
Havia dedicação
Carinho nunca faltava
Porque o amor reinava
Naquela bela união.

Tudo era só alegria

Com momentos de prazer
Boas comemorações
E não faltava lazer.
Sem crises e "vendavais",
Foi um tempo bom demais
Para amar e pra viver.

Esse homem enamorado
Flores, buquês ofertava,
Tudo era muito envolvente,
Bem feliz ela ficava,
Pois havia gentileza,
Tudo era só beleza
Para ela, ele brilhava.

Aquela Flor preservava
O respeito, o amor e paz
Do bom relacionamento
Que era sempre eficaz.
Mas ele não se toucou
E a relação desandou
Deixando tudo pra traz.

Ela sempre o tratou bem,
Nunca lhe negou carinho,
Dedicada e atenciosa
No aconchegante ninho
Havia fidelidade
E respeito na verdade
Tudo era com perfeito alinho.

Mas aquele "companheiro"
Fora se modificando
Mudou seu comportamento
E o tempo foi passando
Acabou o bem-querer
E parecendo esquecer
Ele assim foi caminhando.

Um dia uma negra nuvem
Aos poucos escureceu
Aqueles dias brilhantes
Realmente ele esqueceu
E mudou completamente
Não passou em sua mente
Carinhos que ela lhe deu.

Prevaleceu o machismo
Deu lugar a violência
Do cabra autoritário
Com real incoerência
A sua flor foi maltratando
Cada vez mais desamando.

E foi murchando a aparência.

Com seu perfil violento
Da família foi afastando
E também dos seus amigos
Aquela Flor foi desandando
Sua autoestima baixou
E sofrida ela chorou
Ela assim foi caminhando.

E por ser grande machista
Foi perdendo seu espaço
Muitas vezes poligâmico
Era mesmo um fracasso!
Aquela Flor tão desamada
Com sua vida angustiada
Desatou nó, rompeu laço.

Tornando-se poligâmico
Ele fez a coisa errada
Havia poligamia
Cada dia uma enrascada
Tendo várias relações
Engando os corações
Era assim sua jornada.

Arábia Saudita tem
As suas leis diferentes
Homens com várias mulheres
Parecem viver contentes
Mas aqui tudo é escondido
O brasileiro é atrevido
Com enrascadas bem quentes.

Companheiro sem respeito
De mulher pouco conhece
Não deu devido valor,
Por ele, ela não padece.
E reage sabiamente
Para viver mais contente
O que sofreu não esquece.

O companheiro inseguro,
Violento e sem respeito,
Ele é mesmo um infeliz
E não tem nenhum direito
De fechar porta e janela
Daquela Flor que é tão bela,
Que viveu sem preconceito.

Porém, o ex -companheiro

Nunca então se conformou
Aquela Flor perseguia,
Mulher que ele magoou.
Ela sem nenhum suporte
Maltratada até a morte
Foi assim que terminou.

E nesse mundo atual
Os casos de violência
Doméstica, são evidentes
E a essa grande indecência
Perdurava a impunidade
No machismo e na maldade
De uma total imprudência.

Mas a Lei Maria da Penha
Põe enfim a impunidade
De todos os agressores
Que praticam atrocidade
Com condição de punir
E visando garantir
As vítimas da sociedade.

Vamos todos dar um basta
Com a Lei na nossa mão
E jamais silenciar...
É a melhor solução!
Somos mulheres guerreiras
Também leais companheiras
Fiquemos de prontidão.

Somos qual flor do jardim
Que precisa ser regada
Com amor e com carinho
Sempre amando e sendo amada
Silenciar nunca mais,
Feminicídio jamais!
Sigamos na caminhada.

Para as flores não murcharem
Precisa dedicação
Tratar bem aquela Flor
Com amor no coração.
Companheiro bem atento
Não deixa haver desalento
Pra não sofrer solidão.

Se a relação terminar,
Deixe a sua Flor viver,
Vá viver a sua vida
Outro amor vai lhe querer,

Não pratique a violência
Se comporte com decência
Sua vida vá refazer.

Fica aqui o meu abraço
E uma dica certa
Só venceremos com apoio
Da sociedade inteira
É preciso um movimento
Pra combater cem por cento
A injustiça Corriqueira.

Fonte: MORAIS, I. Flor precisa de cuidados, mulher merece respeito. Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2019.

Mulheres empoderadas: conquistando seus espaços e seus direitos

Autoria: Ivonete Moraes

Há décadas as mulheres foram
Realmente perseguidas
As rotularam de “bruxa”
Queimadas em ruas e avenidas
Foi um tempo angustiante
As vivas, seguiram avante
Procurando as saídas.

Amor, trabalho e ação
De uma longa caminhada
Da marcha para vitória
Muitas vezes angustiada
Mulher busca seu espaço
Sempre dando mais um passo
Nessa tão longínqua estrada.

Vencer novos desafios
Seus direitos vão buscar
Onde o machismo perdura
Só causando mal estar
É a hora da mudança
Que vem junto a esperança
Conquistar o seu lugar.

Cidadania plena tem:
Sua real expressão
Nos seus grandes movimentos
Pela emancipação

Ativistas militantes
Com as lutas incessantes
Todas elas em ação.

Deixaram seus aventais
Para o mundo conquistar
Com sua tripla jornada
E foram reivindicar
Seus direitos efetivos
Com seus tons bem expressivos
Que vieram pra ficar.

Era uma vez um país
Que não perdeu a memória
De mulheres brasileiras
Nessa longa trajetória
Que descobriram caminhos
Enfim fora dos seus ninhos
Construíram sua história.

Feministas, femininas
Combativas, vaidosas
Superando as barreiras
Muitas delas espinhosas
Fazendo o que sempre quis
Sem medo de ser feliz
Com suas vidas honrosas.

Garantindo o seu espaço
Veio a superação
Entraram na vida pública
Sentiram transformação
Assumiram o poder
Disputando pra vencer
Na hora da eleição.

Hoje votam e são votadas
Com seus papéis relevantes
Inteligentes e íntegras
São estrelas brilhantes
Dos direitos se apropriam
Seus deveres vivenciam
Com vidas bem ativas.

Implodiu o modelo das
Mulheres improdutivas
A simples dona de casa
“Provedoras inativas”
Precisam ser respeitadas
Com vidas determinadas
E ações bem construtivas.

Jovens, adultas, idosas Converteram em processos Queixas discriminações Resultando em sucessos A justiça acordou E todo processo andou Elas tiveram progressos.	Delegam seus poderes São sensatas, virtuosas Companheiros com decência Não praticam violência Com vidas harmoniosas.
Lar, trabalho e a igreja Tudo isso em ação As fazem determinadas Com uma nova visão Elas são comprometidas Em tudo vê as saídas Com sementes de ascensão.	Nessa globalização Sem redes para acolhê-las Na sua sustentação Sem perder a identidade A sua maturidade Vem com autoafirmação.
Mulher não é mais a mesma De algumas décadas atrás Hoje tem vida, vez, Voz Tudo isso e muito mais Brasileira exemplar Por onde ela passar Procura viver em paz.	Quilombolas, artesãs E as demais ativistas Associações e Conselhos Diaristas, Sindicalistas Fazem parte dessa luta Fruto da grande labuta Trazendo suas conquistas.
O retrato feminino É a SOMA da coragem MULTIPLICANDO o seu tempo Com sua rica bagagem DIVIDE sua missão E SUBTRAI aflição Com sua real linhagem.	Elas são protagonistas Constroem suas histórias Superando preconceitos Nas difíceis trajetórias Conquistando seus espaços Desatam nós e os laços Vão seguindo com vitórias.
Levantam seus estandartes Mulheres EMPODERADAS São guerreiras, firmes, fortes Nessas longas caminhadas Elas têm os seus valores E também os seus primores E vencem todas paradas.	Ruralistas e operárias Buscaram, também traçaram Os seus projetos de vida E agricultoras plantaram As sementes da vitória Com honra e muita glória Os bons frutos semearam.
Mulheres EMPODERADAS Nunca vão se esconder À sombra de “mais ninguém” Elas sabem bem viver Também são independentes Com vidas bem conscientes Que as ajudam crescer.	A mulher indígena com Seu papel fundamental Ela cuida bem dos filhos Alimento que é essencial Da cultura e a natureza Artesanato, que beleza! É na tribo especial!
Casadas, solteiras, viúvas São amantes carinhosas	Vereadoras, Deputadas Prefeitas e Senadoras Competentes na política Ministras, Governadoras Neste século ascendente Vem com a Dilma Presidente

Provando que são doutoras. Tempo é determinado Para o seu perfil traçar A inclusão social Realmente veio ao ar Com caráter sustentável Bem visível e mais viável Para o discurso mudar. Uma Lei fortaleceu A paz e a dignidade A Lei MARIA DA PENHA Veio na realidade Pra ofendida amparar Nova justiça implantar Nos casos de atrocidade. E as Entidades Públicas Federal e Estadual Ouvem mulheres e acolhem De um jeito especial Com Medidas Protetivas Buscando as saídas Pra segurança total. E nesse mundo atual Os casos de Violência Doméstica, são evidentes E a essa grande indecência Perdurava impunidade No machismo e na maldade De uma total imprudência. Vamos todas dar um basta Com a Lei na nossa mão E jamais silenciar É a melhor solução Somos mulheres guerreiras Também leais companheiras Fiquemos de prontidão. Zelando por suas vidas Com bastante humildade A mulher é uma águia Que voa na realidade Superando qualquer medo E o seu maior segredo É viver com dignidade. As minhas homenagens	As mulheres brasileiras As pardas, negras e Índias, Com as vidas altaneiras Sindicalistas, Ruralistas E as demais ativistas Todas são hospitaleiras. Escrevi este cordel Com amor no coração Faço parte desta luta Com garra e disposição Sou mulher e mãe amável Na caminhada incansável Na minha honrosa missão. Fonte: MORAIS, I. Mulheres empoderadas: conquistando seus es- paços e seus direitos. Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2019. Sugerimos que você apresente aos alunos e às alunas as seguintes perguntas: a) O que acharam da leitura dos cordéis? b) Qual a semelhança entre os dois cordéis? c) Qual o tema abordado? d) O que vocês acharam da forma como o tema foi abordado? e) Vocês conhecem alguém que tenha viven- ciado algo semelhante ao que houve com a personagem do cordel <i>Flor precisa de cuida- dos, mulher merece respeito</i> ? Para o passo 4, sugerimos as perguntas abai- xo para os dois cordéis lidos. As respostas a elas deverão ser entregues por escrito: <i>Para o cordel Flor precisa de cuidados, mulher merece respeito</i> 1. Vocês, certamente, já ouviram falar, em con- versas, novelas, jornais ou em outros meios de comunicação sobre Feminicídio. Como vocês compreendem o que vem a ser Feminicídio? 2. A autora, Ivonete Moraes, já na primeira estrofe, apresenta sua intenção ao fazer esse cordel. Qual seria? Vocês diriam que ela con- seguiu o seu intento? Por quê? 3. Na nona estrofe, aparece a palavra machis- mo. Vocês, provavelmente, conhecem exem- plos de comportamentos machistas. Cite, pelo menos, dois deles.
--	---

4. Com base no cordel que estamos estudando, em especial, nas estrofes 9 e 10, que conselhos vocês dariam a uma mulher vítima de atitudes machistas? Ou que atitudes vocês a incentivariam a tomar?

5. Na estrofe 5, aparecem os seguintes versos: “Ela sem nenhum suporte / Maltratada até a morte/Foi assim que terminou.” Apresentem duas sugestões de atitudes/acolhimento/suporte para as mulheres que pudessem evitar que a violência as levasse até a morte.

6. Vocês conhecem a Lei Maria da Penha? Sabem quem é a mulher que deu nome à essa lei?

7. Façam uma pesquisa sobre a Lei Maria da Penha! Comentem sobre os ganhos que a lei trouxe para a proteção da vida das mulheres e sobre o que ainda precisa melhorar na sua aplicação.

8. Vocês já conhecem outros gêneros textuais, como o conto, a poesia, a notícia. Citem algumas características do gênero cordel que vocês destacariam para diferenciar desses outros gêneros citados.

9. Na capa do folheto, tem uma imagem dos dois personagens. Como são chamadas essas gravuras na literatura de cordel? Como essas gravuras eram feitas? E como são feitas hoje?

10. Observem que o cordel se desenvolve em septilha, isto é, em estrofes de sete versos. Qual é o padrão de rima dessas estrofes?

Para o cordel *mulheres empoderadas: conquistando seus espaços e seus direitos*

1. A partir da leitura e análise desse cordel, como vocês entendem a expressão mulheres empoderadas, reforçada nas estrofes 15 e 16?

2. Na estrofe 12, os versos 1 e 2 dizem “Mulher não é mais a mesma/de algumas décadas atrás ...” Como era essa mulher a que se refere o poema?

3. Citem, pelo menos, três mulheres que são exemplos de empoderamento para vocês. O



que fazem ou fizeram para serem reconhecidas e admiradas?

4. A estrofe 22 fala sobre inclusão social. Para vocês, o que é uma inclusão social? Que ações, atualmente, vocês reconhecem como inclusivas em sua comunidade?

5. O cordel como gênero da literatura popular é composto por versos, estrofes, rimas, métrica e oração ou discurso.

a) Esse cordel é formado por quantas estrofes?

b) De qual estrofe vocês mais gostaram?

c) Quantos versos tem cada estrofe desse cordel?

Para o passo 5, selecionamos seis situações de violência contra a mulher, extraídas do jornal O Globo ao longo dos 10 anos da Lei Maria da Penha.

03/08/2016 07h51 - Atualizado em 03/08/2016 20h07

G1 reúne mais de 4 mil notícias de violência contra a mulher em 10 anos. Veja as reportagens publicadas de 2006 até julho deste ano. Eloá, Mércia, Luiza Brunet... Relembre casos emblemáticos.

Elida Oliveira, do G1, em São Paulo.

“Violentemente espancada”, “ferida com golpes de facão”, “amarrada dentro da própria casa”, “incendiada pelo marido”. A violência contra a mulher está presente em todos os estados, em todos os estratos sociais. Nos 10 anos da Lei Maria da Penha, o G1 compilou reportagens publicadas de 2006 até julho de 2016 – período que compreende a vigência da lei. São 4.060 textos, que reúnem histórias de mulheres agredidas, estupradas e mortas por maridos, companheiros, namorados ou ex-parceiros.

Enquadrar o agressor na lei é decisão da Justiça, mas as inúmeras violências que chegam a ser noticiadas ilustram como ela está presente na vida das mulheres.

Motivados por ciúmes, para punir traições ou contra o fim de relacionamentos, parceiros vivem uma rotina de agressões que podem terminar em morte.

Na maior parte das notícias, as mulheres não têm a identidade revelada e são poucos os casos em que há informação sobre o que aconteceu com a vítima após a agressão – quando ela sobrevive – ou se o agressor foi punido.

Já outros casos ganharam repercussão; confira 10 histórias emblemáticas ocorridas nos últimos dez anos:

Atriz Luiza Brunet acusa ex-companheiro de agressão

A atriz Luiza Brunet, de 54 anos, acusa o ex-companheiro, o empresário Lírio Albino Parisotto, de 62 anos, de ter “praticado violências físicas e psicológicas gravíssimas”. Ela diz que foi agredida e teve as costelas quebradas quando os dois estavam em Nova York, em 21 de maio deste ano. “Dei publicidade ao caso para que outras mulheres vítimas de violência tomem coragem e não se calem.” Parisotto nega as agressões. A Justiça proibiu que o empresário se aproxime e mantenha contato com a atriz.

Eloá é sequestrada e assassinada porque o ex não aceitava o fim do namoro

Em 13 de setembro de 2008, Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, estudava com três amigos no apartamento onde morava com a família, em Santo André.

Por volta das 13h30, Lindemberg Alves, de 22 anos, invadiu o apartamento, armado, e manteve o grupo refém. Ele não aceitava o fim do namoro com Eloá e dizia que se ela não fosse ficar com ele, não ficaria com mais ninguém.

Lindemberg libertou dois amigos de Eloá na noite daquele dia. Nayara, a quarta adolescente refém, chegou a ser libertada no dia seguinte, mas voltou para ajudar nas negociações.

Após 100 horas de cativo e inúmeras tentativas de negociação, a polícia invadiu o apartamento de Eloá. Lindemberg atirou contra as duas adolescentes, matando Eloá e ferindo Nayara no rosto.

Em fevereiro de 2012, Lindemberg foi condenado a 98 anos e dez meses de prisão pela morte de Eloá e outros 11 crimes cometidos durante o sequestro.

Universitária é assassinada pelo ex-namorado após ser dopada com clorofórmio

As histórias de Louise Ribeiro e Vinícius Neres se cruzaram quando os dois foram aprovados no

curso de biologia da Universidade de Brasília, a UnB. Após um namoro, o casal se separou, mas, segundo os amigos, Vinícius continuou obcecado por Louise.

Em 10 de março, Vinícius chamou Louise para conversar no laboratório de biologia da faculdade. Eram cerca de 22h. Vinícius e Louise se desentenderam. Ele a amarrou a uma cadeira, e a forçou a ingerir clorofórmio. A substância, usada como anestésico, causou morte súbita em razão da quantidade ingerida.

Na noite daquele mesmo dia, Vinícius levou o corpo de Louise para uma área de cerrado, perto da universidade. Ele foi preso na manhã seguinte, após amigos dizerem aos policiais que suspeitavam do estudante. Vinícius confessou o crime.

Dançarina é assassinada pelo ex-namorado por ciúme

Ana Carolina de Souza Vieira, de 30 anos, deixou Fortaleza, no Ceará, em 2014, para tentar a vida como modelo em São Paulo. Dançarina, ela chegou a participar de um concurso para ser bailarina do Programa do Faustão.

Ana recebia ameaças do ex-namorado, Anderson Rodrigues Leitão, que morava em Fortaleza e não aceitava o fim do relacionamento.

Ana chegou a enviar mensagens de áudio para a família relatando as intimidações. “Ele disse que ia me matar, que ia me esquartejar”, disse, em uma gravação.

O corpo de Ana foi encontrado em 4 de novembro de 2015 no apartamento em que ela morava, na Rua Vergueiro, após vizinhos sentirem um forte cheiro no local.

O ex-namorado confessou tê-la matado por ciúme. Anderson também disse que permaneceu por dois dias ao lado do corpo de Ana, e que tomou veneno de rato porque queria morrer com ela.

Mulher e filha são mortas em casa de veraneio no CE

Em 21 de agosto de 2015, as famílias de Marcelo Barberena e do irmão dele foram passar o fim de semana em uma casa de veraneio em Paracuru, no litoral do Ceará. Marcelo levou a esposa, Adriana Moura de Pessoa Carvalho Moraes, de 39 anos, e a filha do casal, Jade, de 8 meses.

Lá, eles discutiram, e Marcelo atirou em Adriana na madrugada do dia 23. Ela morreu. Para simular um assalto e acobertar o crime, Marcelo atirou no bebê. Jade também não resistiu.

A polícia foi chamada e Marcelo e o irmão disseram que a casa havia sido invadida por criminosos. A versão foi desmontada durante a investigação.

De acordo com a polícia, Marcelo estava se envolvendo com uma colega de trabalho, e Adriana o pressionava para trocar de emprego.

Marcelo foi acusado por duplo homicídio qualificado e posse irregular de arma de fogo. As qualificadoras são motivo torpe, recurso que impossibilitou a defesa das vítimas e feminicídio.

Advogada é assassinada pelo ex por não querer reatar o namoro

A advogada Mércia Nakashima tinha 28 anos quando foi morta pelo policial militar aposentado Mizael Bispo de Souza por não querer reatar o namoro.

Mércia foi vista pela última vez em 23 de maio de 2010, saindo da casa dos pais, em Guarulhos, e desapareceu. O corpo foi encontrado em 10 de junho dentro de uma represa, em Nazaré Paulista.

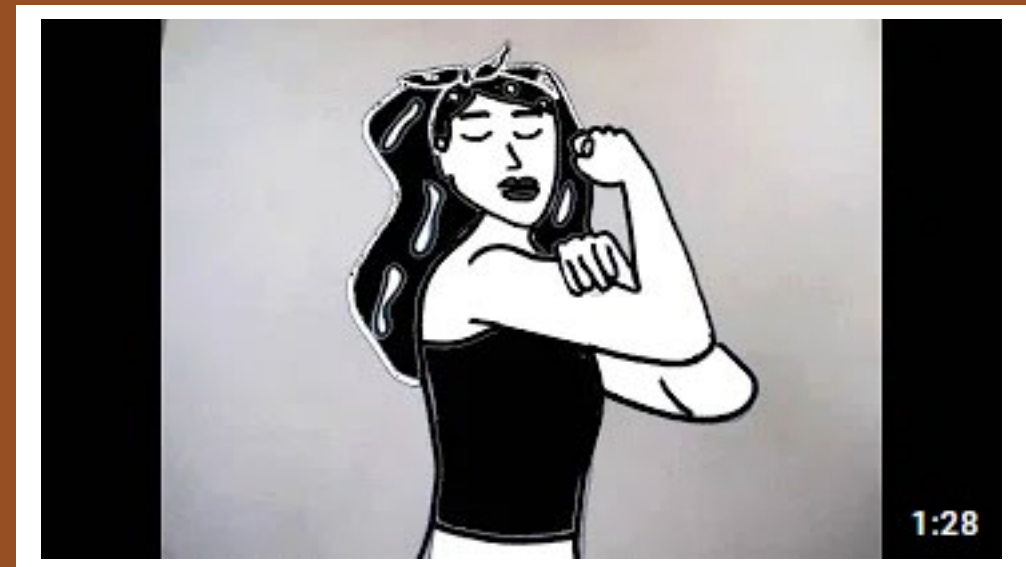
Em março de 2013, Mizael foi condenado a 20 anos de prisão em regime fechado.

Na sentença, o juiz disse que o crime não foi cometido por “amor”, mas “delírio de posse”. “Sentimento amor não faz sofrer. O instinto de propriedade, que é o contrário do amor, é que faz sofrer.”

Fonte: OLIVEIRA, E. G1 reúne mais de 4 mil notícias de violência contra a mulher em 10 anos. G1, São Paulo, 3 ago. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/08/g1-reune-mais-de-4-mil-noticias-de-violencia-contra-mulher-em-10-anos.html>. Acesso em: 6 abr. 2020.

PODEMOS SUGERIR?

Sugerimos também, para esse passo, um vídeo da cordelista Anne Karolyne intitulado *A mulher não é culpada*, que você poderá apresentar acessando o link abaixo.



CORDEL - A mulher não é culpada

Canal: Cordel personalizado

<https://www.youtube.com/watch?v=JHcLjGRBIis>

- OFICINA 2 -

A MULHER QUE VERSEJA



PASSO 1: MOTIVAÇÃO

Mulheres cordelistas e suas conquistas

Para esse passo, você solicitará a pesquisa que fizeram sobre as cordelistas na oficina anterior. Sugere-se que aproveite o momento para apresentar, por meio de foto e breve biografia, algumas cordelistas que se destacam na literatura de cordel. Seria interessante, também, pensando no diálogo com outros gêneros, exibir uma música que trate de conquistas e lutas das mulheres. Depois dessas apresentações, como sempre temos sugerido, é importante que você inicie uma roda de conversa e deixe que os alunos e as alunas expressem o que entenderam e sentiram.

PASSO 2 - INTRODUÇÃO

Entrevista com a cordelista

Para esse passo, você falará um pouco mais sobre a cordelista, apresentando uma entrevista concedida por ela em uma televisão local da cidade de Fortaleza. Em seguida, peça que comentem sobre o que acharam de mais interessante na entrevista, sempre deixando que eles e elas expressem suas impressões.

PASSO 3 - LEITURA

Lendo os cordéis *Mulher cordelista na arte de versejar* e *O amor de A a Z, Virtudes indescritíveis*

Para esse passo, você deverá ler os cordéis e, depois, pedir que os alunos e as alunas leiam em forma de jograis novamente. É importante salientar que o primeiro cordel versa sobre a conquista das mulheres como cordelistas e o segundo apresenta o primeiro, dos inúmeros cordéis, de Ivonete Moraes. Após as leituras, você pode apresentar, pelo menos, cinco mulheres que são referências na luta pela igualdade de direitos, como Maria da Penha, Nísia Floresta, Chiquinha Gonzaga, entre outras. E mais uma vez deixar que os meninos e as meninas expressem seus sentimentos e opiniões sobre essas mulheres. Pedir também que formulem em duplas perguntas para serem feitas a uma cordelista que você convidará para a próxima aula.

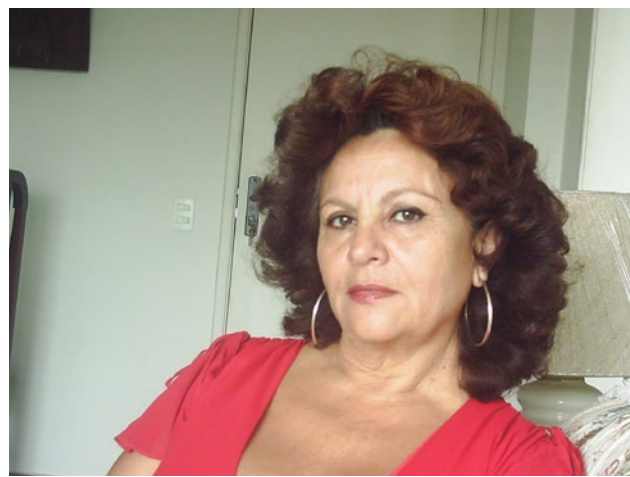
PASSO 4 - INTERPRETAÇÃO

Conhecendo uma cordelista

Para esse passo, peça que a turma se organize em um círculo. Se não for possível a presença física da cordelista convidada, você pode utilizar alguma plataforma de acesso remoto. De uma forma ou de outra, a ideia é que a cordelista declame alguns cordéis de sua autoria. Em seguida, peça à turma que faça as perguntas que formularam na aula anterior. Tanto as perguntas quanto as repostas da cordelista deverão ser reescritas e apresentadas na próxima oficina. É um momento de descontração cultural em que a cordelista poderá apresentar seu acervo de cordéis.

PODEMOS SUGERIR?

Para o passo 1, sugerimos as seguintes cordelistas cearenses, mas você pode pesquisar outras de sua localidade.



Fonte: <https://nasombradojuazeiro.com.br/2020/08/06/dalinha-catunda-a-mulher-poesia/>

Dalinha Catunda,

nascida em Ipueiras (CE) e radicada no estado do Rio de Janeiro, é uma das mais importantes cordelistas da atualidade e conduz o blog Cordel de Saia;



Fonte: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/5945/>

Julie Oliveira,

que já tem seis livros publicados, além de cordelista, é produtora cultural – atuando no Ceará e em São Paulo – e desenvolve importante trabalho com o público infantil;



Fonte: <https://www.maracanau.ce.gov.br/escritora-maracanauense-bia-lopes-publica-cordel-que-reflete-questoes-femininas/>

Bia Lopes,

de Maracanaú (CE), publicitária e poeta, escreveu a trilogia em cordel *Ana Lísias: entre amores, desamores e outras dores*;



Fonte: <http://jaridarraes.com/>

Jarid Arraes,

de Juazeiro do Norte (CE), mora em São Paulo, tem mais de setenta folhetos de cordel publicados e é autora de *Redemoinho em dia quente*, livro vencedor do prêmio APCA de literatura, na categoria contos;



Fonte: Cedido pela autora.

Mariana de Lima,

é natural de Amontada(CE) mas reside em fortaleza. É Cordelista, comedianta e filósofa, graduada pela Universidade Federal do Ceará, e pós-graduada em Arte, Educação e Cultura popular;



Fonte: <http://redemnemosine.blogspot.com/p/blog-page.html>

Antônia Rodrigues Ferreira,

de Assaré (CE), licenciada em Geografia, tem trinta e cinco folhetos de cordel e uma revista, *Eu Amo Assaré*, publicados e mobiliza-se em prol da perpetuação do Maneiro Pau, dança de tradição secular no interior do Ceará.

Adaptado de: JOSY, M. Mnémosine: Rede de Mulheres Cordelistas, Cantadoras e repentistas, Fortaleza, [201-]. Disponível em: <http://redemnemosine.blogspot.com/p/blog-page.html>. Acesso em: 6 abr. 2020.

Como sugestão indicamos a música *Agora só falta você*, de Rita Lee. Você pode acessar no link abaixo e acompanhar a música na voz da cantora Pitty.



Pitty - Agora Só Falta Você (Lyric Video)
Canal: Pitty
https://www.youtube.com/watch?v=Hy_fOIEyLBQ

Agora Só Falta Você

Composição: Rita Lee e Luiz Sérgio Carlini

Um belo dia resolvi mudar
E fazer tudo o que eu queria fazer
Me libertei daquela vida vulgar
Que eu levava estando junto a você
E em tudo o que eu faço
Existe um porquê
Eu sei que eu nasci
Sei que eu nasci pra saber
Saber o que?

E fui andando sem pensar em voltar
E sem ligar pro que me aconteceu
Um belo dia vou lhe telefonar
Pra lhe dizer que aquele sonho cresceu
No ar que eu respiro
Eu sinto prazer
De ser quem eu sou
De estar onde estou
Agora só falta você

Fonte: LETRAS.MUS.BR. Agora só falta você – Rita Lee. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/rita-lee/48495/>. Acesso em: 6 abr. 2020.

Para o passo 2, sugerimos uma entrevista feita com a cordelista Ivonete de Moraes numa televisão da cidade de Fortaleza, através desse link:



Ivonete Moraes - Cordelista foi entrevistada pela reporter Lara da TV JANGADEIRO.
Canal: Ivonete Moraes
https://www.youtube.com/watch?v=_pauqsuDyuQ

Ou uma entrevista feita pela cordelista e blogueira Filó do Cordel com esse link:



Filó do Cordel entrevista Ivonete Moraes
Canal: Marzia Ego
<https://www.youtube.com/watch?v=MSFsZJXFOA4&t=3s>

Para o **Passo 3**, apresentamos os dois cordéis *Flor precisa de cuidados, mulher merece respeito* e *Mulheres empoderadas: conquistando seus espaços e seus direitos* encontrados no capítulo anterior.

MULHERES COMO REFERÊNCIA NA LUTA PELOS DIREITOS DE IGUALDADE



Fonte: <https://vermelho.org.br/2015/06/19/nisia-brasileira-augusta-o-feminismo-revolucionario-no-seculo-19/>

Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810 – 1885)

Filha de latifundiários, casou contra a sua vontade aos 13 anos e se divorciou pouco tempo depois, foi romancista, poeta e destacou-se por escrever artigos em que protestava em favor da equidade de direitos entre homens e mulheres, assim como da liberdade religiosa e da abolição;



Fonte: https://www.ebiografia.com/chiquinha_gonzaga/

Chiquinha Gonzaga (1847 – 1935)

Carioca, largou o marido, que a proibia de tocar piano, e tornou-se compositora e maestrina, uma das mais importantes artistas da música brasileira;



Fonte: <https://ims.com.br/titular-colecao/carolina-maria-de-jesus/>

Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977)

Mineira descendente de escravizados, moradora de uma favela em São Paulo; a despeito de ter largado cedo a escola para trabalhar, foi escritora e sua obra mais conhecida, *Quarto de despejo*, foi traduzida para treze idiomas e publicada em mais de quarenta países;

MULHERES COMO REFERÊNCIA NA LUTA PELOS DIREITOS DE IGUALDADE



Fonte: <https://swimchannel.blogosfera.uol.com.br/2015/01/15/ maria-lenk-100-anos/>

Maria Lenk (1915 – 2007)

Paulistana, a primeira sul-americana a competir em olimpíada e detentora de três recordes mundiais de natação, enfrentou muito preconceito por ser nadadora – em decorrência disso foi excomungada por um bispo de Amparo (SP) – e lutou pela igualdade de direitos no esporte;



Fonte: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/destaques/em-nome-da-lei-entrevista-com-maria-da-penha/>

Maria da Penha (1948 –)

Farmacêutica fortalezense, ficou paraplégica após levar um tiro de seu ex-marido, e, diante da ausência de uma legislação que tratasse com o devido rigor casos como o dela, encaminhou sua denúncia à Comissão Interamericana dos Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos, fato que levou o estado brasileiro a aprovar a Lei Federal 11.340/2006, que leva o nome dela e trata de coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

Fonte: Conheça cinco mulheres que transformaram o Brasil. G1, São Paulo, 3 ago. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/conheca-cinco-mulheres-que-transformaram-o-brasil.html>. Acesso em: 6 abr. 2020

- OFICINA 3 - A MULHER QUE SUBVERTE



PASSO 1: MOTIVAÇÃO

Como fazer um cordel

Peça à turma que se acomode em círculos e apresente um vídeo sobre como fazer um cordel. Sugere-
mos o que foi feito pela cordelista paraibana Anne Karolyne. Após a exibição, apresente também
uns cartazes que orientem, em sequência, os passos exibidos no vídeo. Em seguida, inicie uma roda
de conversa e pergunte se gostaram das orientações dadas e se teriam interesse em elaborar seus
próprios cordéis. Deixe que eles se expressem à vontade.

PASSO 2 - INTRODUÇÃO

Um pouco mais sobre a cordelista

Para esse passo, peça aos alunos e às alunas que apresentem o que escreveram sobre a cordelista
entrevistada, escolhendo as respostas que mais lhes chamaram a atenção. Encerre essa etapa com a
exibição de um vídeo da cordelista, em que ela apresenta seus acervos em sua própria casa.

PASSO 3 - LEITURA

Lendo os cordéis: *Maria Bonita, a rainha do cangaço e Histórias das mulheres no cangaço*

Para esse passo, você lerá para a turma os dois
cordéis escolhidos. Ivonete Moraes versa nesses
cordéis a trajetória das mulheres cangaceiras,
começando por Maria Bonita, que foi a primeira
mulher a entrar no cangaço, dando possibilida-
des para as outras cangaceiras. Após a leitura
feita por você, peça aos alunos e as alunas que
leiam novamente. É importante pedir que obser-
vem também as rimas e a quantidade de versos
que cada estrofe apresenta. Após a leitura, ex-
plique, através dos cordéis lidos, novamente, as
principais características para a composição de
um cordel; explicação esta já iniciada na motiva-
ção dessa oficina.



Passo 4 – INTERPRETAÇÃO

PRIMEIRA ETAPA – Mulheres que inspiram

Para esse passo, será realizada uma roda de conversa sobre os dois cordéis lidos. Depois você deve pedir que ouçam uma música de Zé Ramalho, *Mulher Nova Bonita* e *Carinhosa Faz O Homem Gemer Sem Sentir Dor*, que narra fatos históricos, tendo a mulher como personagem, mas ainda tratada de maneira passiva, apenas com destaque para a sua beleza e para servir ao companheiro, este retratado como o grande herói. Levante uma discussão crítica a partir da música, deixando entrever que muitas mulheres atuantes na História, por exemplo, aparecem apenas como uma figura ao lado do homem, apresentando sempre a partir do imaginário do herói. Em seguida, peça aos alunos e às alunas que façam uma pesquisa, indo à sala de informática, sobre esses principais personagens apresentados na música e nos cordéis lidos, a saber: Menelau e Helena, Alexandre e Roxane, Cervantes, Lampião e Maria Bonita e Corisco e Dadá. Oriente os alunos e as alunas que destaquem, em cartazes, quem são essas mulheres e apresentem em grupos de cinco participantes; cada grupo se responsabilizará por uma dupla de personagens, exceto um, que ficará apenas com Cervantes.

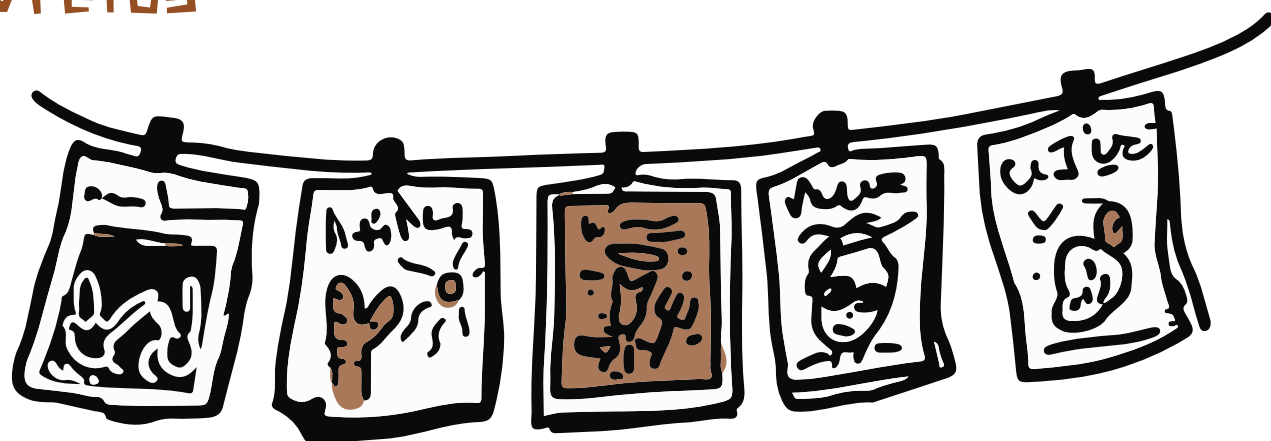
Passo 5 – INTERPRETAÇÃO

SEGUNDA ETAPA – Produzindo cordéis

Para esse passo, peça que a turma se reúna nos mesmos grupos da aula anterior para produzirem um cordel que contemple, pelo menos, um dos assuntos abordados nas três primeiras oficinas; informe que cada membro do grupo fará uma estrofe, de preferência sextilha, que é o que foi orientado no passo a passo apresentado na motivação. Em seguida, peça que entreguem, para que você possa ler e fazer as orientações necessárias. Após a correção, devolva os cordéis e peça para digitarem, imprimirem e levarem para a sala de aula.

Passo 6 – INTERPRETAÇÃO

TERCEIRA ETAPA – Confeccionando os livretos



Para esse passo, sugerimos o livro *Cordel: Criar, Rimar e Letrar*, dos autores Arlene Holanda e Rouxinol de Rinaré, no qual orientam o passo a passo para a confecção de um livreto de até oito páginas e sugestões de xilogravuras alternativas. Com uma proposta similar, sugerimos também um vídeo:



COMO FAZER UM CORDEL PASSO A PASSO - da escrita à impressão
Canal: Prof. Fagner Araújo
<https://www.youtube.com/watch?v=PxasQHMB-Dw&ab>



HOLANDA, A.; RINARÉ, R. *Cordel: criar, rimar e letrar*. Fortaleza: Editora Imeph, 2009

PODEMOS SUGERIR?

Para o passo 1, sugerimos um vídeo da cordelista Anne Karolyne. Nele a cordelista, caracterizada de cangaceira, apresenta um passo a passo de como fazer um cordel, que você pode ver acessando o link abaixo:



Tutorial: Como fazer um cordel
Canal: Cordel Personalizado
https://www.youtube.com/watch?v=IG7XU7B_8K4

Sugerimos também um roteiro. Para ele, você poderá fazer uns cartazes para apresentar juntamente com o vídeo da cordelista. Veja:

1. Tenha um tema

Para escrever um cordel
É preciso inspiração
Ter o seu tema na mente
Pegar um lápis na mão
E deixar que a poesia
Transborde do coração

5. Oração / coesão

A estrofe pra ter sentido
Tem que ter uma sequência
Um verso que puxa o outro
Para dar a coerência
Não basta apenas rimar
Tem que mostrar excelência

2. Versos e estrofes 3. Rimas

Para escrever um cordel
É preciso inspiração
Ter o seu tema na mente
Pegar um lápis na mão
E deixar que a poesia
Transborde do coração

6. Depois você lapida

Escreva tudo que sente
Repassando pro papel
Daqui a pouco você
Se torna um menestrel
Escevendo a poesia
Nos versos de seu cordel

Adaptado de: TUTORIAL: como fazer um cordel. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (12 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IG7XU7B_8K4&t=13s. Acesso em: 6 abr. 2020.

4. Sílabas poéticas / métrica

Pa-ra es-cre-ver-um-cor-del
É-pre-ci-so-ins-pi-ra-ção
Ter-o-seu-te-ma-na-men-te
Pe-gar-um-lá-pis-na-mão
E-dei-xar-que-a-poe-sia
Trans-bor-de-do-co-ra-ção

Para o passo 2, utilize o vídeo mostrado anteriormente, acessando o link https://www.youtube.com/watch?v=IG7XU7B_8K4 que apresenta uma entrevista da cordelista feita em sua casa pela blogueira Filó do Cordel.

Para o passo 3, selecionamos os dois cordéis, que você poderá imprimir e entregar aos alunos. Seria interessante que você tivesse em mãos pelo menos um livreto, para os alunos manusearem e conhecerem o cordel impresso na sua forma original.

Maria Bonita: A Rainha do Cangaço

Numa pequena fazenda,
Uma menina nasceu,
A Fazenda Santa Brígida,
Foi lá que ela cresceu,
Era de família humilde,
Muito tempo ali viveu.

Vivia com os seus pais,
José Gomes, Conceição,
Fazia prendas do lar,
Teve pouca educação,
Ela vivia feliz,
Com a família em união.

Seu nome Maria Gomes,
E muito se divertia.
Teve uma infância feliz,
A chamavam de Maria,
No balanço do arvoredor,
Brincava quando queria.

Muito cedo ela casou
Com Zé Neném, sapateiro.
Um casal desajustado
Que brigava o dia inteiro;
Muito tempo ela ficava
Debaixo de um cajueiro.

Nas suas "fugas domésticas"
Virgulino a encontrou.
Passando pela fazenda
Aquela moça ele olhou,
Ficou logo impressionado,
Por ela se apaixonou.

Sua mãe foi o cupido,
Entre ela e Lampião;
Dias depois ele voltou
Para pedir sua mão.
Tinha ela por Virgulino
Respeito, admiração.

Maria era baixinha,
Rechonchuda, cativante,
Considerada mulher
Bonita e interessante;
Ela era boa filha,
Tinha um jeito elegante.

E Lampião a chamou
Pra no bando se integrar.
Maria Bonita aceitou
Pra sua história contar,
Primeira mulher no cangaço,
Que no bando veio entrar.

Foi mulher apaixonada
Pelo homem que seguiu;
Uma boa companheira,
Do bando nunca fugiu;
Sentiu calor causticante,
Amou, sofreu e sorriu.

Mas um dia engravidou,
E foi nessa gestação
Que teve a filha Expedita,
Filhinha do coração,
Porém não ficou no bando,
Ela a deu em doação.

E a Maria Bonita
Foi menina, foi criança,
E fez boneca de pano,
Do passado a lembrança,

Tomava banho de chuva,
Tinha muita confiança.

Foi “Rainha do Cangaço”,
Um dia se transformou
Num símbolo do feminismo
Brasileiro, se tornou,
Por ser ela corajosa
E por tudo que enfrentou.

Era vítima do machismo,
A violência enfrentava;
Demonstrou grande coragem,
Pelo jeito que lutava;
E com a sua brabeza
Junto ao bando caminhava.

Corria muito perigo,
Mas seguiu seu coração
Com destino já traçado,
Viveu a grande paixão,
Deixou tudo para traz,
Com a sua decisão.

Heroína ou bandida,
Ela teve sua história
De guerras, de muitas lutas,
E naquela trajetória
Vivia à margem da lei
Muitas vezes sem vitória.

O cangaço a transformou
Numa mulher corajosa,
Decidida e resoluta
E também tão valorosa,
Num lugar tão violento,
Ela era bem jeitosa.

E bem hábil na costura
Ela tinha perfeição.
Era bonita e faceira,
Ela quebrou tradição...
Mais mulheres se engajaram
No bando de Lampião.

Maria Bonita, Dadá,
Uma dupla de guerreiras,
Enfrentavam os combates,
Eram lutas verdadeiras;
E estas duas figuras
Eram grandes cangaceiras.

Debaixo de Sol e chuva,
Pelos sertões nordestinos,
Portavam armas pequenas,
Viviam em desatinos
E elas perambulavam,
Era assim os seus destinos.

Quando elas atiravam
Era pra se defender.
Eram mulheres guerreiras,
Não faziam por querer
Aquele bando exigia
E tinham que obedecer.

Suas vestes e assessórios
Tinhavam lenços bem bordados;
Elas eram vaidosas,
Os chapéus eram enfeitados,
Tudo em couro natural
E tecidos importados.

E a Maria Bonita
Suas roupas, costurava,
Era coberta de joias,
Os tecidos, desenhava,
Tinha uma boa aparência
E muito elegante andava.

Morreu Maria Bonita
No meio das emboscadas.
Muitos do bando ficaram
Com cabeças arrancadas,
Expostas pelas cidades
Para serem registradas.

Concluindo esse cordel
Eu encerro a poesia
De uma história contada
De tristeza e alegria
Sobre Maria Bonita
Que foi mulher de valia.

Fonte: MORAIS, I. Maria Bonita: a rainha do cangaço. Fortaleza:
Rouxinol do Rinaré Edições, 2019.

História das mulheres no cangaço

As mulheres no cangaço
Eram guerreiras formosas,
Com desejos, frustrações,
Porém bastante engenhosas
E ingressaram nos bandos
Porque eram corajosas.

Por motivos variados,
Carregadas de ilusão,
Aderiram ao cangaço...
Muitas tinham a sensação
Que dos seus anonimatos
Teriam libertação.

Dia a dia complicado
O real as revelou,
A violência nas lutas
Muito cedo começou,
Caminhavam sob o Sol,
Nenhuma desanimou.

Dos catorze aos vinte anos,
Variavam as idades.
E os cabras cangaceiros
Sentiam necessidades
Da presença feminina,
Com suas capacidades.

Pra elas era oportuno
Romper com os seus patrões,
Escolher os seus parceiros,
Mas viveram as ilusões,
Submissas aos desejos,
Com grandes humilhações.

E integradas aos bandos,
Tinhavam que se adaptar;
Havendo arrependimento
Não podiam desertar,
Pois fugir daquele bando
Não adiantava tentar.

Sem contatos com a família,
Sentenciadas à morte
E se houvesse adultério,

Não contavam com a sorte,
Elas se submetiam,
Não tendo, nenhum suporte.

As forças policiais
Mulheres capturavam;
Elas eram estupradas,
Sofriam e apanhavam,
Tinhavam uma vida insegura
No caminho que trilhavam.

Eram os papéis dos homens
Por segurança zelar.
Tudo era definido
Pra o bando se sustentar...
A mulher, ser companheira,
E o seu homem acompanhar.

As grávidas eram escondidas
Durante a sua gestação;
E quando o neném nascia
Elas tinham obrigação
De retornar para o bando,
E dar o filho em adoção.

Tinhavam status no cangaço
Pelos bens que possuíam:
Animais, joias, vestidos,
Presentes que recebiam
Dos seus velhos companheiros,
Objetos que valiam.

Maria Bonita foi
A primeira a ingressar
No bando de Lampião
Pra com ele se juntar,
E como figura ousada
Ela se fez respeitar.

O esposo sapateiro
Resolveu abandonar
E assim Maria Bonita
Com Lampião foi morar
A “Rainha do Cangaço”,
Tudo iria suportar.

A cangaceira Dadá
Outro grupo comandava,
Tinha armas no embate,
Nas matas que caminhava,
Era mulher destemida,

Com destaque liderava.

Foi cangaceira, foi brava
Lá do meio do sertão,
Destemida lutadora
Em toda situação;
Seu companheiro Corisco,
Foi seu amor e paixão.

Dadá, Maria Bonita,
Líderes por natureza
Que sabiam comandar
Com coragem, com braveza,
E andavam sempre armadas
Pra sua própria defesa.

Chamadas de bandoleiras,
De forma depreciativa,
A figura feminina,
Embora bem criativa,
Tratadas como objetos,
Mas cada uma era ativa.

Sua feminilidade,
Imagens apresentadas,
Destacadas pelos trajes
Para serem bem lembradas,
Com o grande apreço por joias
Eram sempre retratadas.

Heroínas ou bandidas
Têm seus perfis de valor,
Que representavam bem
A beleza e o amor
No cotidiano duro
Lutavam sem destemor.

A lista das cangaceiras:
Neném, Lídia, Durvalina,
Maninha e Iracema,
Dadá, Maria Jovina,
Maria Ema e a Mocinha,
Mais Hortência e Catarina.

Tinha Cristina e Maroca,
Rosalina, Estrelinha,
Eleonora e a Dulce,
Moça, Dora, Mariquinha,
Lili, Lucinha, Marina,
Mais Adília e Inacinha.

Mulheres com qualidades,
Dinâmicas, atuantes,
Generosas, combativas,
Que enfrentavam levantes,
Amorosas, destemidas,
Corajosas, confiantes.

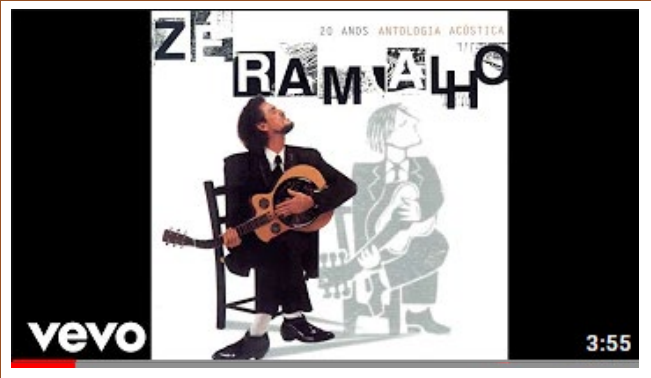
Lídia ficou conhecida
Por "cangaceira fogosa",
Pois traiu o seu parceiro.
Ela era muito formosa,
Mas foi morta por pauladas
De uma maneira horrorosa.

Enfrentaram o machismo,
Sem ter outra opção,
Eram esses seus destinos
E morriam no Sertão,
A lei era a violência
Em qualquer situação.

A vida das cangaceiras
Eu acabei de narrar.
Muita coisa ainda existe,
Por certo, pra se falar.
Quem sabe outro cordel
Eu escreva pra contar!

Fonte: MORAIS, I. História das mulheres no Cangaço. Fortaleza: [s. n.], 2016.

Para o passo 4, selecionamos a música do cantor Zé Ramalho para você imprimir e entregar aos alunos e às alunas. Acesse também esse link do cantor Zé Ramalho:



Mulher Nova, Bonita e Carinhosa, Faz o Homem Gemer Sem Sentir Dor (Pseudo Video)
Canal: ZeRamalhoVEVO
<https://www.youtube.com/watch?v=VemfXKb4QiY>

Mulher Nova Bonita e Carinhosa Faz o Homem Gemer sem Sentir Dor

Composição: Otacílio Batista e Zé Ramalho

Numa luta de gregos e troianos,
Por Helena, a mulher de Menelau,
Conta a história de um cavalo de pau,
Terminava uma guerra de dez anos.
Menelau, o maior dos espartanos
Venceu Páris, o grande sedutor,
Humilhando a família de Heitor
Em defesa da honra caprichosa.
Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor.

Alexandre, figura desumana,
Fundador da famosa Alexandria,
Conquistava na Grécia e destruía
Quase toda a população Tebana.
A beleza atrativa de Roxana
Dominava o maior conquistador
E depois de vencê-la, o vencedor
Entregou-se à pagã mais que formosa.
Mulher nova bonita e carinhosa
Faz um homem gemer sem sentir dor.

A mulher tem na face dois brilhantes
Condutores fiéis do seu destino.
Quem não ama o sorriso feminino

Desconhece a poesia de Cervantes.
A bravura dos grandes navegantes
Enfrentando a procela em seu furor,
Se não fosse a mulher, mimosa flor,
A história seria mentirosa.
Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor.

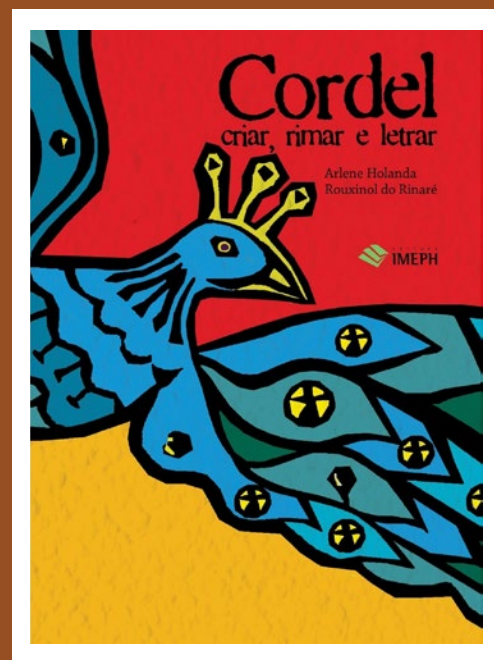
Virgulino Ferreira, o Lampião,
Bandoleiro das selvas nordestinas,
Sem temer a perigo nem ruínas

Foi o rei do cangaço no sertão,
Mas um dia sentiu no coração
O feitiço atrativo do amor.
A mulata da terra do condor
Dominava uma fera perigosa.
Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor.

Fonte: LETRAS.MUS.BR. Mulher Nova, Bonita e Carinhosa. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ze-ramalho/82373/>. Acesso em: 6 abr. 2020.

Para o passo 5, sugerimos que a reescrita seja feita em sala e, depois, que os textos sejam levados para casa ou para a sala de informática, a fim de que possam digitar e imprimir em duas vias os cordéis.

Para o passo 6, você pode acompanhar o passo a passo com ilustrações de como fazer um livreto e uma xilografia; passo a passo este que foi adaptado das páginas finais do livro *Cordel Criar, Rimar e Letrar*, de Arlene Holanda e Rouxinol de Rinaré.



HORA DO SARAU LITERÁRIO

ESPAÇOS ARTÍSTICOS

Decoração

Decore um espaço na escola, pode ser a própria sala, ou um pátio, em concordância com o núcleo gestor, para a realização do sarau literário.

EVENTO ARTÍSTICO

EXPOSIÇÃO DOS CORDÉIS PRODUZIDOS

Reserve um espaço para serem disponibilizados os livretos produzidos e outro para os livretos que foram lidos durante as oficinas. Solicite que a turma se prepare antecipadamente para a apresentação dos cordéis que produziram. Se possível convide toda a comunidade escolar, incluindo os pais dos alunos e das alunas que produziram os folhetos.

REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

Músicas, poemas, teatro.

Convide a turma para apresentar não só seus cordéis, mas outras manifestações artísticas que, porventura, realizem, como tocar violão, dançar, representar, entre outros.

CORDELTECA

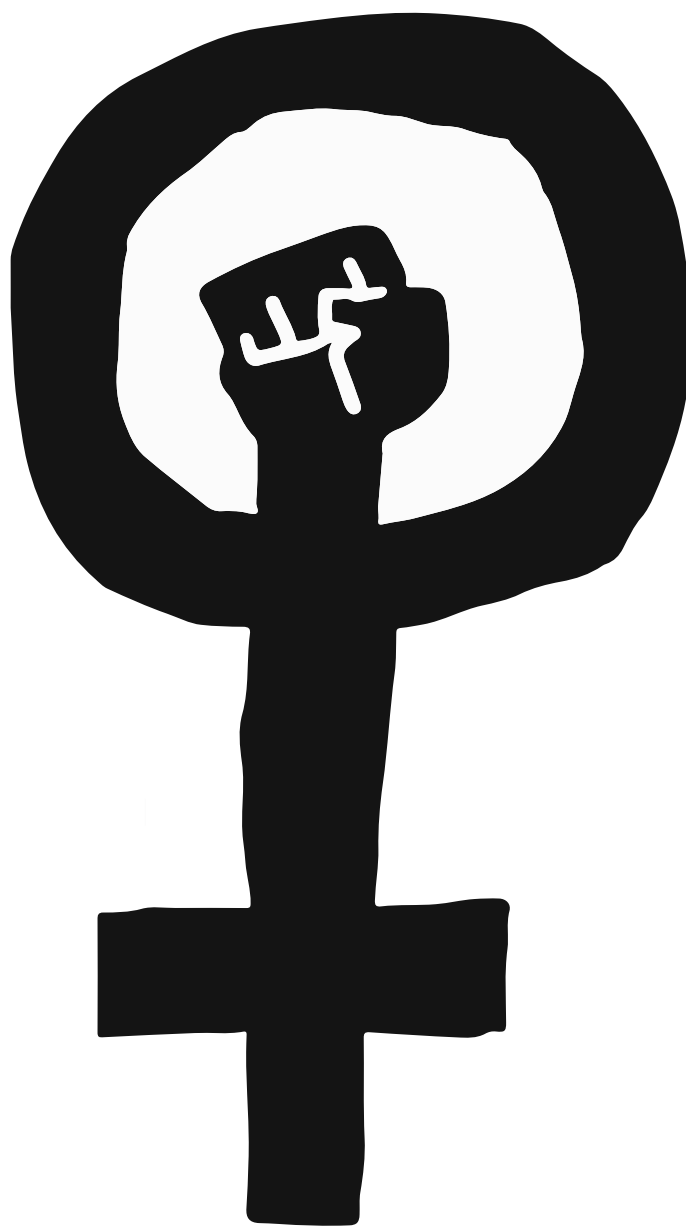
Acervos dos Livretos

Durante as apresentações artísticas, informe à comunidade escolar que os cordéis produzidos estarão na biblioteca da escola, que formará uma cordelteca com o nome da autora estudada, ou outro nome escolhido. Essa sugestão terá que ser combinada anteriormente com o núcleo gestor. Caso este prefira outro nome, combine com ele que esse nome possa ser escolhido em forma de votação.

Notas finais

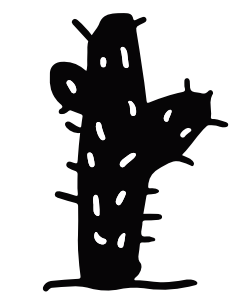
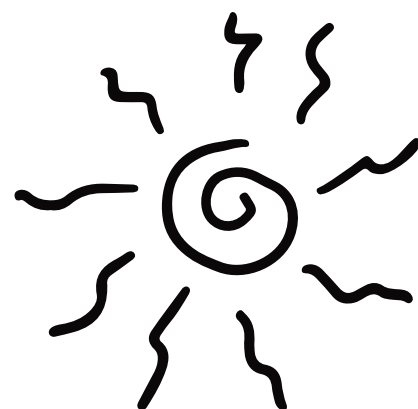
O interesse pela leitura de um cordel em um trabalho realizado em sala de aula no ano anterior foi o motivador da construção da pesquisa e deste caderno pedagógico. Partindo de uma atividade realizada sobre um folheto de um cordelista cearense, Tião Simpatia, cujo título é *A lei Maria da Penha em Cordel*, pudemos perceber quão rico seria promover atividades que pudessem potencializar o prazer pela leitura de cordéis, além de abrir um leque de oportunidades para debater sobre a igualdade de gênero e a luta das mulheres em prol dela, proporcionando aos educandos e às educandas uma ampla discussão sobre o que pensam dessa questão, como a veem e o que podem fazer para contribuir. Acreditamos que o trabalho com as oficinas permitirá diálogos, troca de informações e tomada de atitudes, favorecendo uma melhor reflexão sobre o assunto em pauta. Os livretos, a autora escolhida e os outros gêneros e linguagens utilizadas, como a música, a notícia, a biografia e o audiovisual, foram previamente lidos e vistos para melhor atendermos às necessidades e às provocações dos educandos e das educandas. A proposta deste caderno, por fim, foi oferecer aos professores e às professoras sugestões para realizar atividades com a literatura de cordel que possibilitem conhecer um pouco mais sobre esse gênero, suas características e particularidades, a partir do tema empoderamento feminino, em suas salas de aula, por meio de rodas de conversa, jograis e até produções de livretos. Esperamos que essa proposta permita ao(à) professor(a) provocar em suas turmas a ampliação do prazer pela leitura de cordéis e mesmo de outros gêneros trabalhados em diálogo com eles, permitindo o alargamento do repertório da garotada. Lembramos que, como já mencionado anteriormente, essa proposta pode ser adaptada e aprimorada em consonância com as necessidades de cada turma e ambiente escolar, e que possa servir como mais um instrumento pedagógico ao(à) professor(a). Bom trabalho!

A Autora



Referências

- CATUNDA, D; PINTO, R. **Cordel de Saia**. [S. n.], 2011. Disponível em: <http://cordeldesai.blogspot.com/2011/08/apologia-ao-cordel-de-dalinha-catunda.html>. Acesso em: 6 abr. 2020
- COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007.
- HOLANDA, A.; RINARÉ, R. **Cordel**: criar, rimar e letrar. Fortaleza: Editora Imeph, 2009.
- LEMAIRE, Ria. **Repensando a história literária**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994
- MONTEIRO, M. **Quer escrever um cordel?** aprenda a fazer fazendo. 4. ed. Campina Grande: [s. n.], 2010.
- MORAIS, I. **História das mulheres no Cangaço**. Fortaleza: [s. n.], 2016.
- MORAIS, I. **Mulher cordelista na arte de versejar**. Fortaleza: [s. n.], 2016.
- MORAIS, I. **Flor precisa de cuidados, mulher merece respeito**. Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2019.
- MORAIS, I. **Mulheres empoderadas**: conquistando seus espaços e seus direitos. Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2019.
- MORAIS, I. **Maria Bonita**: a rainha do cangaço. Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2019.
- OLIVEIRA, E. G1 reúne mais de 4 mil notícias de violência contra a mulher em 10 anos. **G1**, São Paulo, 3 ago. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/08/g1-reune-mais-de-4-mil-noticias-de-violencia-contra-mulher-em-10-anos.html>. Acesso em: 6 abr. 2020.
- PINTO, R. **Rosário Pinto**. [S. n.], 2019. Disponível em: <http://rosarioecordel.blogspot.com/2019/04/o-poeta-e-o-folheteiro-2019-2-edicao.html>. Acesso em: 6 abr. 2020
- PINTO, R. **Rosário Pinto**. [S. n.], 2019. Blog. Disponível em: <http://rosarioecordel.blogspot.com/2019/02/a-escrita-feminina-na-literatura-de.html>. Acesso em: 6 abr. 2020.
- SANTOS, F. P. **Romaria dos versos**: mulheres cearenses autoras de cordéis. Cariri: SESC, 2008.
- SANTOS, F. P. **Romaria dos versos**: mulheres autoras na resignificação do cordel. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.
- SILVA, M. M. **Mundo Cordel**. [S. n.], 2011. Disponível em: <http://mundocordel.blogspot.com/2011/05/cordel-de-dalinha-catunda.html>. Acesso em: 6 abr. 2020
- SIMPATIA, T. **A lei Maria da Penha em cordel**. Ilustrações de Meg Banhos. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2011.



Paraíba
Mestrado Profissional em Letras - Profletras